



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

SUMÁRIO DESTE NÚMERO:

Retrato de Rafael Pinto Bandeira

Visconde de Mauá

Os "farrapos" na poesia popular gaúcha

Função sócio-geográfica do gado Brasileiro

O primeiro assalto à Colônia do Sacramento

A Revolução Riograndense de 1923

Geografia Histórica

Sobre os casais do Rio Grande (documento)

Comunicação da direção da Revista

Nótulas Bibliográficas

Instituto Histórico — Índice do Volume (I/II
trimestre. 1940)

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Visconde de Mauá

Dr. Alcindo Sodré

Irineu Evangelista de Souza deixou, para o estudo e defini  o de sua vida, bases objetivas.

E' muito frequente nas biografias, quando as questões se suscitam sem um texto, sem uma prova cabal, revestirem-se os fatos de aspecto de m  ras conjeturas, mais ou menos felizes, de simples hipóteses, enunciadas com maior ou menor habilidade.

As bases objetivas da vida de Mauá, apresentam-se para a História com um tão profundo sulco de atua  o que os próprios transviados pelas superstições intelectuais não conseguirão desmerecer a li  o que ela nos impõe escutar e refletir, porque    edificante sendo ela de grande expressão humana e esplêndida demonstra  o de patriotismo.

Essas bases objetivas encontram-se no apreciável documento impresso em 1878, nesta cidade e intitulado: "Exposi  o do Visconde de Mauá aos credores de Mauá e Cia. e ao público".

Tudo o que nêle se cont  m, a atividade do autor descrita por   le próprio com impressionantes traços de sinceridade, pode ser conferido pelos abundantes dados existentes relativos aos seus empreendimentos, todos de natureza material e contidos em relatórios, notícias de imprensa, debates parlamentares e correspondência privada.

Descrever e meditar sôbre tôda a extensão e o alcance das realiza  es do Visconde de Mauá, não encontrariam limites no espaço de tempo de uma breve palestra, e o mais desenvol-

vido dos que já se ocuparam do assunto, advertiu de pronto não ter pretendido concluir a tarefa.

Em Março de 1928, através o legislativo municipal de Petrópolis tivemos ocasião de promover um ato solene, honrado pela presença do Presidente da República com o que, num portal daquela cidade, collocaram-se os seguintes dizeres em letras de bronze:

“Irineu Evangelista de Souza”
barão e visconde de Mauá
1813-1889

“Esta foi a única construção que, para seu conforto, levantou o homem a quem o Brasil deve a iniciativa simultânea de quase todos os melhoramentos materiais”.

(Da biografia de Mauá, por Alberto de Faria).

Essa casa, aliás modesta, não haveria de ser conservada em mãos de Mauá perdida que foi na voragem da sua falência, e a morte o haveria de colhêr, em casa de aluguel, na rua D. Affonso, hoje Avenida Koeler.

Tendo escolhido Petrópolis, para nesse lugar residir na única construção que para tal fim erguera, o homem a quem a fortuna sorrira por tantas vezes, e que por todos os quadrantes do Brasil promovera as mais diversas empresas, nessa mesma cidade aguardaria êle a morte serena dos justos e dos fortes, cujo cincoentenário, comemoramos agora, em especial reverência.

Petrópolis não ofereceu apenas o cenário dêsses dois acontecimentos íntimos na vida do grande brasileiro. Quis a fatalidade das cousas, que a imperial cidade de Pedro II se encontrasse diretamente ligada na órbita de um dos mais vultosos melhoramentos de Mauá.

Foi assim, como êle mesmo acentuou, no estado de descrença em que se encontravam os ânimos, a propósito da inovação de caminhos de ferro no país, que teve a ousadia de empreender a construção do primeiro, para servir de “pano de amostra”.



Fundada a Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis, construíram-se os primeiros 15 quilômetros de via férrea no Brasil.

E a 30 de Abril de 1854 era inaugurado o importante serviço. Logo pela manhã, partiram do Rio de Janeiro as inúmeras embarcações repletas de gente que, ansiosa, desejava alcançar o pôrto de Mauá antes da chegada de Suas Majestades e comitiva.

A hora fixada, atracou o navio que conduzia o Imperador. Uma girândola de foguetes anunciou o seu desembarque. Bandeiras sacudiam-se nos ares, e fortes aclamações eram ouvidas, de mistura com as notas de uma banda musical.

Por entre duas alas de pessoas gradas, compostas de ministros e titulares do Império, passaram Suas Majestades conduzidas pela diretoria da estrada de ferro ao armazém preparado com arquibancadas, ficando ao centro os tronos do Imperador e da Imperatriz, o altar onde o bispo tinha de celebrar, assim como os lugares para os membros do govêrno e corpo diplomático.

A cerimônia não podia ser mais solene e expressiva.

Quando os augustos visitantes tomaram o lugar que lhes fôra reservado, começou o ato da bênção das locomotivas, ao som de música adequada.

Pouco depois, Suas Majestades eram levadas por Irineu Evangelista de Souza ao carro caprichosamente decorado para serví-las, e o trem partiu entre estrondosos vivas e palmas da multidão entusiasmada.

Ao longo da linha estavam dispostos piquetes da guarda nacional e tôdas as eminências das margens do trajeto estavam apinhadas de espectadores. A chegada do trem ao Frágoso foi festivamente saudada, apeando-se os imperiais viajantes por alguns momentos.

De volta a Mauá, da viagem realizada na razão de 35 milhas por hora, manifestou o Imperador a agradável impressão que lhe causara o novo meio de transporte introduzido no país.

Estava, dêsse modo, inaugurada a primeira estrada de

ferro da América do Sul que no ano imediato transportaria 31.382 passageiros, produzindo a renda de 126:796\$800.

Dirigindo-se aos soberanos, o diretor da Companhia, começou desta forma:

“Senhor! A diretoria da Companhia Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis, vem render graças a Vossas Majestades pela honra que se dignaram conferir à estrada, vindo assistir à solenidade de sua inauguração. Vinte meses são apenas contados desde que Vossas Majestades honraram com suas augustas presenças o primeiro acampamento dos operários da companhia; coube-me então a distinta honra de depositar nas mãos de Vossa Majestade um humilde instrumento de trabalho, do qual Vossa Majestade se não desdenhou de fazer uso, como para mostrar aos seus súbditos que o **trabalho**, esta fonte perene de prosperidade pública, era não só digno de sua alta proteção, porém mesmo de tão extraordinária honra!”

Êsse instrumento de trabalho, referido pelo orador, e do qual Pedro II fizera uso no ato simbólico do início dos trabalhos da estrada, a 29 de Agosto de 1852, é o carrinho de mão e a respectiva pá, construídos para êsse fim no estabelecimento da Ponta da Areia, e hoje recolhidos ao museu deste Instituto.

No prosseguimento de sua oração, disse ainda Mauá:

“Hoje dignam-se Vossas Majestades de vir ver correr a locomotiva veloz, cujo sibilo agudo ecoará na mata do Brasil prosperidade e civilização, e marcará sem dúvida uma nova era no país. Seja-me permitido, Imperial Senhor, exprimir nesta ocasião solene um dos mais ardentes anelos do meu coração: esta estrada de ferro, que se abre hoje ao trânsito público, é apenas o primeiro passo na realização de um pensamento grandioso. Esta estrada, Senhor, não deve parar, e se puder contar com a proteção de Vossa Majestade, seguramente não parará mais senão quando tiver assentado a mais espaçosa das suas estações na margem esquerda do Rio das Velhas!”

Sua Majestade, assim respondeu:

“Os diretores da Imperial Estrada de Ferro de Petrópolis e da Companhia de Navegação a Vapor, podem ficar certos de que por igual compartilho o seu regozijo na estréia de uma empresa, que tem de animar tão grandemente o comércio, as artes e a indústria dêste Império”.

E nesta ocasião, o Imperador conferiu, a Irineu Evangelista de Souza, o título de Barão de Mauá, em reconhecimento aos serviços prestados à Pátria.

A seguir, o monarca inspecionou as obras de linha e oficinas, tomando depois assento à mesa do lauto banquete servido na própria estação, alegremente enfeitada.

O prolongamento da linha férrea até Petrópolis, que se daria muitos anos após o tráfego existente na baixada, foi vencendo aos poucos, a dificuldade da serra.

Mauá estava então falido e a “Estrada de Ferro de Petrópolis” era denominada “Príncipe do Grão Pará”.

A 4 de Janeiro de 1883, passava o primeiro trem pelo viaduto da Grota Funda, e o fato constituiu festa. Uma composição de locomotiva e três carros levava a diretoria da Estrada e convidados. Em bosque ao lado da cachoeira foi servido almoço, ouvindo-se uma banda de música. Entre os oradores da ocasião, discursou o Senador Christiano Ottoni, enaltecendo a obra dos engenheiros patrícios, em especial a figura do Barão de Mauá, “o pioneiro da estrada de ferro no Brasil” (palavras textuais).

Os diretores da Companhia Príncipe do Grão Pará, a 30 de Abril de 1884, encontraram oportunidade de prestar sincera homenagem ao Visconde de Mauá. Comemorando o trigésimo aniversário da Estrada e a chegada da linha férrea a Petrópolis, resolveram inaugurar na estação daquela cidade o busto do grande homem, e foram buscar o homenageado na discreta residência onde se encontrava, curtindo o duro e imerecido infortúnio.

Realizada a cerimônia, com a presença das autoridades locais e muitos espectadores, o presidente da Companhia, João Martins da Silva Coutinho, aliás uma das mais notá-

veis figuras da engenharia nacional, terminou o seu discurso, dizendo:

“Para vencer a serra da Estrêla, dispendeu o Visconde de Mauá avultados capitais em diversas tentativas e ainda foi o primeiro que mandou estudar na serra a aplicação do sistema de cremalheira.

Dando assim o mais solene testemunho do aprêço em que tem os importantes serviços do Visconde de Mauá, a diretoria não só manifesta seus próprios sentimentos como também o dos acionistas da companhia que representa. Viva o Visconde de Mauá!” (1).

Essa Estrada de Ferro de Petrópolis oferecera oportunidade a Mauá de realizar felizes experiências com o carvão nacional de São Jerônimo, e como resultado, cogitar na sua participação em uma empresa que explorasse industrialmente as respectivas minas. Assunto ainda não referido pelos que têm tratado das atividades desse homem extraordinário, fomos encontrar a documentação do fato em duas cartas oferecidas ao arquivo deste Instituto.

Uma, do presidente da Província do Rio Grande do Sul, datada de Porto Alegre, 28 de Maio de 1854, com alguns trechos ininteligíveis pelo dilaceramento do papel, já muito amarelado, tem o seguinte teor:

“Ilmo. Exmo. Sr. Barão de Mauá.

Por duplicado motivo corre-me o dever de dirigir esta a V. Ex., o primeiro para felicitá-lo e dar-lhe meus sinceros parabens pelo solene testemunho que recebeu do nosso Augusto Monarca do aprêço em que tem seus valiosos serviços, e o segundo para exprimir-lhe os meus sinceros agradecimentos pela obsequiosa carta com que em data de (?) desta, me honrou.

Nada me podia dizer V. Ex. de mais agradável do que a notícia de ter sido achada de excelente qualidade a amostra

(1) O mercantil de Petropolis.

de carvão de pedra da mina do (Arroio dos Ratos) sob meus cuidados.

Creia que vou dando a êste problema a importância que merece, pelo imenso e incalculável benefício que pode exercer na futura indústria do nosso País, a êle me tenho aplicado com todo o esforço, e muito feliz me julgaria se no fim de contas pudesse assegurar os resultados que conseguí, como já começo a crer.

Por esta Barca faço seguir por intermédio do Exmo. Sr. Ministro do Império três toneladas e meia de nosso carvão, postas a disposição de V. Ex. afim de mandar proceder a novos exames, cujo resultado rogo-lhe se digne de comunicar-me.

(Sem) ocupar de cumpre-me todavia assegurar-lhe que certo de seus patrióticos sentimentos, já como Brasileiro e já como filho desta Província, fica a meu cuidado, e não dispensarei o poderoso auxílio de V. Ex. na execução de qualquer útil emprêsa, que convenha à mesma Província. Sou com a mais perfeita estima e distinta consideração. De V. Ex. atento venerador, obrigado criado João Lins Vieira Cansação de Sinimbú”.

A outra carta, é do próprio Mauá, datada de Rio, 23 de Novembro de 1859:

“Ilmo. Sr. Conselheiro Fausto Augusto de Oliveira.

Em resposta à carta com que V. Ex. me honrou em 8 do corrente, relativamente à idéia de marcar-se um prazo para a organização da companhia que teria d’encarregar-se de explorar e trabalhar a Mina de Arroio dos Ratos na Província de S. Pedro do Sul, tenho a honra d’informar a V. Ex. para que se digne levar ao conhecimento de S. Ex. o Sr. Ministro do Império que pela parte que me toca aceito qualquer prazo que o Govêrno Imperial queira marcar por curto que seja, porém, não posso responder pela vontade de meus companheiros na concessão, que se acham ausentes.

Sou com particular estima.

De V. Excia. amigo at.º e obrigado.

Barão de Mauá”.

Fizemos menção à Estrada de Ferro de Petrópolis, não só para realçar aspectos de um dos mais significativos empreendimentos do Visconde de Mauá, como para estabelecer ponto de referência a uma das circunstâncias mais debatidas da nossa História, a propalada desinteligência entre Pedro II e Irineu Evangelista de Souza.

Pelo exame dos fatos, reconhecida a benemerência das variadas e importantes iniciativas dêste último, que constituíram, conforme foi chamada, “a civilização industrial do Brasil”, torna-se incompreensível não tivessem elas merecido o estímulo e o apóio do monarca, cujas virtudes de Chefe de Estado são hoje tranquilamente estimadas.

E’ bem verdade que o próprio Mauá, em sua “Exposição”, refletindo o amargor de seu estado de espírito, em termos candentes, faz reiteradas alusões ao desamparo oficial sofrido pelas suas iniciativas.

Bastam alguns exemplos. Tratando da Companhia iluminação a gás do Rio de Janeiro disse, logo de comêço: “Entre as companhias que criei foi esta uma das que mais prosperou: daí a guerra de costume”.

Refere-se ao “êrro que cometi optando por uma vida de atividade sem exemplo em nossa terra, e muito rara em outros países, aonde outros elementos auxiliam os esforços da iniciativa individual vigorosa”. E avançando mais ainda, nesse terreno, declara: “A Estrada de ferro, talvez por tê-la o público crismado com o nome de Mauá, foi entregue ao exterminio”.

Embora nesses desabafos não seja divisada exclusiva ou diretamente a pessoa do monarca, é atribuído ao Sr. Dom Pedro II o crime de não ter apoiado a obra de Mauá. Tem-se dito que o Imperador não simpatizava com êsse ilustre patriótico e as demonstrações dêste asserto são procuradas nas referências a vários episódios.

Dêsse modo, quando Pedro II, conferia ao criador da primeira estrada de ferro, o título de Barão de Mauá, êste, cheio já de razões, não faria o agradecimento protocolar se não fôsse a interferência amiga de Bom Retiro.

to: "Fale-me de Petrópolis!", dizia êle em carta ao visconde de Taunay. (2)

Entretanto, essa mesma cidade que serviu de pretêsto a Mauá para assinalar a sua crítica, sendo longo domicílio anual do Imperador, ela própria, cenário da vida imperial, sobretudo das cogitações íntimas do monarca, pode oferecer a mais forte e clara explicação ao desacôrdo entre os dois homens. Em Petrópolis encontra-se a perfeita definição do feitio e tendência espiritual de Pedro II.

São indicativos certos trechos de cartas suas ao conde de Gobineau:

"Parto amanhã para Petrópolis onde posso levar uma vida mais a meu gôsto. Lá desfruto melhor da luxuriante natureza de meu país, e sobra-me mais tempo para ler e estudar".

"Durante a minha estadia em Petrópolis, dediquei-me um pouco ao estudo do árabe que começo já a traduzir com certa facilidade".

"Passarei ainda uma semana, ao menos, nestas montanhas que me agradam, sobretudo, pela tranquilidade que aquí encontro".

"Espero poder escrever-vos de Petrópolis uma longa carta sôbre o vosso livro, no qual se aprende muita coisa sob uma forma que muitas vezes não promete tanto". (3)

As coisas do espírito o empolgavam. Suas visitas frequentes eram dirigidas aos educandários.

Os Colégios Kopke e Paixão, todos os anos, retinham às vezes, longamente, dentro das classes, esquecido da hora do almoço, aquele cuja vocação confessada, era a de mestre-escola.

Mauá chegava cedo para o século e madrugara de mais para o meio nacional. Era um antecipado que não podia ser entendido.

A estrada de ferro em França, mal tinha cessado de ser combatida.

(2) Visconde de Taunay, "Pedro II" pag. 222.

(3) Georges Raeders "Pedro II e o Conde de Gobineau".

Na Inglaterra, após muitas hesitações, o assunto vinha de vencer as resistências do Parlamento, e ainda no ano de 1836, os trilhos existentes no território britânico, restringiam-se a muito poucos quilômetros.

No momento em que o Brasil realizou o grande melhoramento, conceituada revista inglesa, comentava o fato com admiração: "Quando refletimos que as obras dêste caminho de ferro foram executadas no curto espaço de vinte meses, debaixo dos ardentes raios de um sol tropical, e a tão grande distância de Inglaterra, não podemos regatear louvores àquelles que se abalancaram a semelhante obra.

Felicitemos sinceramente os Brasileiros pelo nobre espírito que desenvolveram no comêço dessa obra de tanta magnitude". (4)

A segunda metade do século dezenove foi a era da nossa formação política, e a natureza das iniciativas materiais que nessa altura nasciam para a própria Europa, ainda não encontravam clima adequado em nossas plagas.

O Imperador, quando assumira às rédeas do Estado, era o adolescente que trazia a memória povoada pelos episódios revolucionários de sua meninice.

Sua preocupação dominante devia ser então a unidade e a estrutura da Pátria, a formação da elite parlamentar, a consciência brasileira.

A essa situação de fato, junta-se o feitio pessoal do monarca, homem de gabinete, prudente, diríamos mesmo, tímido.

A atmosfera de probidade administrativa havia criado o princípio de que os orçamentos não deviam ser onerados com as obrigações de juros a emprêsas particulares, que poderiam atingir proporções imprevisíveis. A tendência mesmo, era para a exclusividade das iniciativas oficiais, seguras e amadurecidas na meditação.

Mauá, viera sacudir o Brasil com o fragor de seus variados e numerosos empreendimentos.

(4) The London illustrated News, de 15 de julho de 1858.

Representava um ritmo novo e acelerado por nervosismo de progresso em contraste com a marcha cadenciada da mentalidade política, cujo chefe era um rei filósofo.

Pedro II não votava antipatia por Mauá, e o seu perfil histórico é uma negativa formal a essa interpretação.

O Chefe de governo dominado pelas esferas do pensamento, não deixaria porém de apreciar a importância de certas inovações materiais, e a necessidade de promovê-las garantindo o seu impulso inicial.

Nas Falas do trono, o Imperador evidencia essa sua determinação. A de 4 de Setembro de 1852, ano em que se iniciaram os trabalhos da Estrada de ferro Mauá, continha o seguinte trecho:

“Os melhoramentos materiais, que tanto vos recomendei, mereceram vossa especial atenção. Entre as medidas com que dotastes o país avultam as leis que têm por fim a construção de estradas, a navegação do Amazonas, e a que se deve estabelecer entre diversos pontos de nosso extenso litoral. Os benefícios que delas hão de provir, o impulso que darão a outras emprêsas de semelhante natureza, e o desenvolvimento que tomará assim a indústria nacional, serão outros tantos títulos da solicitude, com que a actual legislatura procurou promover a riqueza, e com ela os progressos intellectuais, e a liberdade prática de nossos concidadãos”.

No ano immediato, êle ainda diria:

“Espero que em breve tempo estarão definitivamente estipuladas as condições dos contratos para construção das duas estradas de ferro, que fizeram objeto das leis de 26 de Junho e 11 de Setembro do ano passado. Estas emprêsas, a da estrada de Mauá ao Rio Paraíba, e a da navegação do Amazonas, hão de servir de incentivo a outras de semelhante natureza, e dar impulso aos melhoramentos materiais que mereceram tão especial atenção da legislatura passada, e sem dúvida merecerão também a vossa”.

A conduta do Imperador em 1852, haveria de ser a mesma dezessete anos mais tarde.

Achava-se Mauá em Montevideu a braços com a grande crise de sua casa bancária, promovida diretamente pela política do governo oriental.

Tornava-se necessária a assistência de nosso governo contra a ruínosa e desleal campanha feita não só ao instituto bancário, mas sobretudo à pessoa do Brasileiro. Mauá representa ao governo de seu país. Houve divergência sobre o modo de agir no seio do Gabinete, e no Conselho de Estado chamado a pronunciar-se. Todavia, a primeira opinião emitida fôra a do Imperador. Escrevendo a seu ministro Cotegipe, em 28 de Fevereiro de 1869, adiantou:

“O S. Vicente entregou-me a inclusa representação em nome do Mauá, a qual julgo digna de toda a consideração”. (5)

Será que semelhantes manifestações poderiam ser feitas por quem se achasse possuído do sentimento de má vontade ou antipatia?

Pedro II viveu a sua época, e tem sido julgado pela ação que exercera no tempo e no lugar.

Mauá, estranho em sua ocasião, cresce com a distância. Não foi vítima dos homens, mas um grande sacrificado pela sua época.

Nos detivemos na análise prolongada das relações entre os dois homens para examinar uma situação onde o restabelecimento da verdade tem a virtude de manter o Visconde de Mauá na altura do pedestal a que tem direito.

Se Pedro II, o monarca probo e patriota, conforme a crítica tem acentuado, pudesse aparecer como perseguidor de um Visconde de Mauá, estaria por certo assinalado um formal paradoxo nas conclusões de nossa História.

Muito já se tem escrito sobre os feitos de Ireneu Evangelista de Souza, e muito mais ainda se poderá dizer sobre êle.

Há contudo um aspeto de sua vida, que merece ser destacado com ênfase.

(5) Wanderley Pinhos — “Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe”. pag. 83.

Alberto de Faria, ampliando grandemente, o assunto esboçado pelo conselheiro Souza Ferreira, e reunindo abundantes documentos, escreveu um esplêndido livro de admiração pela obra de Mauá.

Por outro lado, surgiu também um trabalho, com objetivos mofinos, pretendendo desmerecer tôda a significação generosa e construtiva do grande homem.

Poder-se-ia, a rigor, dizer que, o primeiro, foi um memorialista com excessiva tendência apologética.

A grandeza de Mauá é bastante na evidência real de sua obra, e qualquer outro atributo que se lhe queira emprestar num inadvertido impulso de entusiasmo, poderia ter o efeito de um eco discorde na sequência de límpidas harmonias.

O segundo, revestiu-se de tôdos os minuciosos aspectos de um trabalho inspirado por ideologia extremista, com o propósito de destruir, invertendo e amesquinhando os fatos.

E' um engano supor-se que a simples força da imaginação, ainda com os melhores recursos da forma escrita, possa alterar a verdadeira interpretação dos acontecimentos. Se a História não é fábula, e mesmo que não seja uma ciência, forçoso é convir de que se acha sujeita a uma essência própria, que poderíamos chamar de fórmula de uma civilização, bússola construtiva de um povo, estrutura moral de uma pátria.

Nascida com a nacionalidade, a História do Brasil, nesses quatro séculos, tem tido como fundamento os princípios espirituais da cultura latina, o que equivale dizer, a moral do cristianismo.

A interpretação materialista da História, não encontra em nosso meio a fria temperatura do desencanto que lhe é propícia, interpretação que afeta a dignidade humana, e até mesmo a alegria de viver.

Anatole France, comentando uma obra de Bourdeau sobre a História, deteve-se na seguinte frase dêsse autor: "Sendo preciso escolher entre a beleza e a verdade, preferimos sem hesitar a segunda". Por minha parte, começou Anatole, se me fôsse dado escolher, entre a beleza e a verdade, eu tam-

bém não hesitaria: era a beleza a que eu guardaria, certo de que ela encerra uma verdade mais alta e mais profunda que a própria verdade. Ousarei mesmo dizer que nada há de mais verdadeiro no mundo senão o belo.

O belo nos dá a mais subtil revelação do divino que nos seja permitido conhecer.

E por que escolher? por que substituir a história narrativa pela história estatística? Seria trocar uma rosa por uma batata”.

A vida de Mauá, constitue na História do Brasil, a expressão de um símbolo. Representa um fator educativo sem igual nas suas proporções. Impõe-se sem ficção, porque é um símbolo de verdade e de beleza.

Ireneu Evangelista de Souza, menino ainda revela invulgar aptidão para a vida do comércio.

Mas em seu espírito trava-se uma luta tenaz.

As idéias generosas o arrastavam a outros destinos, ficando a aspiração de uma grande fortuna em plano secundário.

E começa então essa jornada admirável que o transformou em peregrino de um grandioso ideal. De norte a sul de seu país êle vai semeando as mais variadas e fecundas iniciativas que constitufam ainda para o século, o deslumbramento do progresso.

São vinte anos de sonho luminoso, onde buscava a grandeza do Brasil, em paga da imensa satisfação íntima de um realizador.

Na cadência de todos os seus multiformes melhoramentos não indagava pela segurança do sucesso.

A utilidade do plano, era o fundamento principal.

Nêle mesmo encontrava estímulo para a luta, e a incompreensão dos dirigentes, as negativas de apôio às suas obras, não entorpeciam a sua marcha benfazeja.

Mas chegam, afinal, as dificuldades maiores em atropeladas coincidências.

E’ a crise bancária do Uruguai, é a questão da São Paulo Railway.

Ainda assim, o ânimo forte não se abate, disposto a resistir ao temporal.

Depois de tantos serviços e vitórias era plausível que alimentasse esperanças no socorro oficial, pequenininho ante o vulto da sua obra, mas eficaz no transe decisivo.

Viu-se abandonado, veio a falência.

E êsse homem, no momento da descida, realiza uma ascensão gloriosa. Encerrando a sua rota de empreendimentos materiais escreve para a posteridade brasileira uma das mais belas páginas de edificante exemplo.

Pagou 94 % aos seus credores, depois de uma liquidação cheia de lances emocionantes com a entrega de objetos mais íntimos, em requintes de consciência pela minoração de males que pudesse causar a terceiros.

E rehabilitado pela sentença judicial que o proclamava, segundo a frase do amigo, "honradíssimo e infelicíssimo", Ireneu Evangelista de Souza podia cerrar os olhos aguardando o julgamento de sua vida, porque, nas palavras de luz de sua "Exposição aos credores", êle deixava ao Brasil maravilhoso capítulo para o catecismo cívico de uma Pátria.

Os “farrapos” na poesia popular gaúcha

FERNANDO CALLAGE

(Conferência pronunciada no “Centro Gaúcho”,
de S. Paulo, em 20 de Setembro de 1939)

Neste dia festivo para o Rio Grande, em que marca, no calendário da sua história, mais uma data da Revolução dos Farrapos, de tão gloriosa lembrança, eu venho vos falar não sobre os feitos memoráveis de uma jornada que durou dez anos, mas sim, sobre um tema que julgo bastante interessante — “Os farrapos na poesia popular gaúcha”.

Todos quantos conhecem a história do Rio Grande do Sul sabem, perfeitamente, que ela é rica de lendas, de episódios poéticos, de imaginativas criações do seu “folklore”. Se não tem por vezes a extensão e a profundidade de outras regiões da América, sobra-lhe, entretanto, um colorido e uma graça originais de uma poesia verdadeiramente empolgante, entusiástica, como são exemplos muitos dos seus cantos heróicos e que andam na boca do seu povo.

Gente nascida para o trabalho, para os grandes empreendimentos sociais, aquela do Rio Grande que fez de um cadinho do território nacional, uma terra fecunda e que hoje é um exemplo para as demais zonas brasileiras, não se conteve em ser tão somente um dínamo propulsor de energias criadoras; ela, também, em outros horizontes das suas atividades, tem

demonstrado, superiormente, quanto vale e quanto pode, para tornar maior e bela esta grande pátria do continente sul-americano.

Seria supérfluo dizer aqui o que sabem todos que me escutam; entretanto, nada mais natural, quando se pretende falar da sua poesia popular, que é um reflexo da alta nobreza do seu espírito e do sentimento criacionista da sua gente, que me detenha não como historiador e nem como sociólogo, a estudar alguns de seus aspectos característicos.

Eu não quero e nem pretendo vos fazer sentir o sentimento regionalista do nosso povo, como se isto fôsse um atributo da alma coletiva rio-grandense. Já que falo em regionalismo, em sentimento nativista, eu vos digo com tôda a minha sinceridade, que não existe nenhum povo sôbre a terra que não seja regionalista, que não ame o seu torrão natal. Desgraçado mesmo do povo que não o seja, porque é um povo sem alma, sem coração, sem espírito. Todos nós somos por isso mesmo regionalistas. E' regionalista todo e qualquer indivíduo racialmente oposto ao nosso, seja russo, francês, inglês, alemão, italiano, suéco, japonês, pérsico, americano do norte ou americano do sul. A terra como o clima exercem poderosas influências morais e espirituais no ser humano.

Em todos os continentes do mundo, nos mais longínquos quadrantes da terra, êsse sentimento existe, porque é um sentimento próprio do homem; quem não ama a sua terra, o pedaço do chão onde viu a luz do dia, onde teve as suas primeiras alegrias e onde mais se enraízam e se gravam na memória, as melhores recordações da vida, não é digno de existir.

No Brasil, êsse sentimento é um fato natural no indivíduo de cada região, de cada clima, de cada zona do país. Não é só regionalista o filho dos pampas, da terra gaúcha, como tanta gente faz crer como uma exclusão do seu espírito de brasilidade, de amor ao todo nacional. E' regionalista o mineiro, o paulista, o pernambucano, o amazonense, quer seja do norte, quer seja do sul, quer seja do centro, todos, têm este amor pela sua terra, pelo seu Estado natal. E' crime isto? Não! E' um dever de são e justo brasileiro.

E' o que, muito bem, a êste respeito escreveu Álvaro Alencastre em seu livro "O regionalismo no Rio Grande do Sul": — "O regionalismo antes de ser um mal, é um bem. No Brasil há regionalismo em todos os Estados sem advir inconveniente algum para a comunhão nacional.

O riograndense é regionalista. O paulista é regionalista. O baiano é regionalista. O cearense é regionalista. E assim em todos os Estados.

Perguntai ao cearense qual o Estado que êle mais ama, o Estado que êle prefere. Responder-vos-á que é o Ceará. Os filhos dos outros Estados darão a mesma resposta. Para todos o seu Estado é o que mais lhe agrada. E' o mais querido. Periclitará diante dessa atitude o espírito de nacionalidade? Não.

O meu amor à Pátria não me faz esquecer o Rio Grande do Sul. O meu amor ao Rio Grande não me faz esquecer o lugar onde nasci. Sant'Ana do Livramento, meu torrão natal, é a cidade que tem mais encantos para mim.

Por amar Sant'Ana não deixo de ser um gaúcho entusiasta pelo meu Estado. Por amar o Rio Grande mais do que a qualquer outro Estado, não deixo de ser um brasileiro patriota, identificado com os interesses e aspirações nacionais". (1)

E' bem justa esta observação de Alencastre. Ademais, como em filosofia, em sociologia, em psicologia, partimos do particular para o geral e não dêste para o particular. Em nacionalismo a mesma cousa. Será mais francês o parisiense do que o filho da Bretanha? Será mais brasileiro o carioca do que o amazonense?

Será menos brasileiro o gaúcho por amar a sua terra, sua querência como chamamos nós, do que os demais filhos da grande pátria comum? Não o creio. Não o poderei crer. Eu sou daqueles que crêm que, para se amar melhor o Brasil, é necessário, antes de tudo, que amemos melhor o cadinho sa-

(1) "O regionalismo no Rio Grande do Sul" — Álvaro Alencastre — 1935.

grado da nossa terra, o berço primeiro do nosso afeto maternal, para que melhormente amemos a grande, a imensa extensão territorial da nacionalidade.

Isto pôsto, já que nos achamos aquí reunidos, para comemorarmos a maior data da nossa história regional, sem que com isto deixemos de ser brasileiros, profundamente amantes desta grande terra que Deus fez bela e formosa para a nossa alegria e felicidade, vamos, pois, percorrer um pouco sem nenhuma pretensão literária sobre “Os farrapos na poesia popular gaúcha”.

Antes de tudo, devo vos dizer que o episódio histórico que ensanguentou por tantos anos o solo querido da Pátria, não foi um episódio separatista, — foi um episódio republicano, cujo fim era o de implantar, no Brasil, um regime mais de acôrdo com o sentimento brasileiro. E nem poderia deixar de assim o ser, visto como, eramos, na América, o único Estado monárquico e que discrepava dos demais povos do continente americano.

Além de fatores de ordem econômica, que tanto influíram para o desenrolar dos acontecimentos, como também, fatores de ordem moral e social, que não venho hoje aquí discutir — o Rio Grande teve, para a sua revolução, duas poderosas influências: — a Revolução Francesa, libertando o homem do poder feudal e concedendo-lhe todos os direitos e a emancipação da liberdade americana, pelo de Bolívar, o libertador, que procurou, com o seu patriotismo, imprimir um novo sentido histórico e político, à terra que é, hoje, a única esperança no mundo para uma vida de paz e de tranquilidade.

Mas foi, sem dúvida, a Revolução Francesa que exerceu no ânimo dos revolucionários maior influência. Tanto assim foi que o próprio lema idealístico dos revoltosos era — Liberdade, Igualdade, Humanidade, — em oposição ao Liberdade, Igualdade e Fraternidade, dos franceses.

Essas duas influências, foram decisivas, para os revolucionários de 1835. Mas, ainda elas tomaram raízes, quando se sabe que vivíamos espezinhados pelo Centro e que se pro-

curava, por todos os meios, humilhar figuras representativas do nosso brio militar e da nossa vida social.

20 de Setembro de 1835, foi uma consequência lógica do surto republicano entre nós e da pouca habilidade política da Regência. Nasceu, porque tinha que nascer e porque não poderíamos fugir à fatalidade, imposta pelas circunstâncias de uma exacerbação de ânimos e de espírito. Esta é, em resumo, a psicologia daquela década gloriosa da nossa história.

Mas, eu não vim aqui, para vos rememorar o acontecimento, que seria lógico numa data como esta, mas sim, para vos descrever modestamente “farrapos na sua poesia popular”.

Eu quero crer, que nenhum episódio da nossa história, deu margem para a floração tão grande de uma poesia popular, como a revolução de 35. Um conhecido escritor gaúcho, referindo-se a êsse fato, afirmou num dos seus livros, que “a poesia popular do Rio Grande é um símbolo empolgante do amor e da bravura”. E é de fato.

Por isso mesmo, os versos dessa poesia que “corre de boca em boca”, são de “um profundo sabor patriótico, de uma acentuada tendência para o épico e para o maravilhoso”. Algumas, diz o escritor citado, “São lapidarias de incomparável beleza; outras, sátiras terríveis, eivadas de mordacidade; tôdas, finalmente, lindas representações do nosso regionalismo, pequenas legendas dantanho, onde a verdade não sofre o crepúsculo do tempo”. (2)

João Simões Lopes Netto, que foi, em nossa terra, um escritor genuinamente regional, organizou um interessante livro a que deu o título de “Cancioneiro Guasca”, recolhendo tudo quanto andou na boca do povo, relativamente à nossa poesia e que atesta a nossa exuberância poética, nesse ramo da literatura, que é a expressão máxima do homem e da terra nacionais.

Também não faz muito, que um brilhante historiador moço, do Rio Grande, nos deu um curioso livro sobre a “poesia

(2) “No fogão do gaúcho” — Roque Callage.

do povo”, notadamente sôbre a poesia da nossa terra. Walter Spalding embora procurando fixar o “folklore” nacional, precisamente fixou a terra gaúcha, na sua literatura popular, representativa da nossa gente.

Eu também, há muitos anos, numa conferência então pronunciada no Conservatório desta Capital, procurei fixar o panorama da nossa poesia popular, por vezes lírica, por vezes épica e por vezes sentimental e gloriosa. Uma cousa se verifica logo: que a nossa poesia popular não é uma poesia pessimista, um retrato do homem vencido ou pela terra ou pela mulher. E’ de um homem que tem a consciência de si mesmo, do seu valor e da sua tenacidade em face dos obstáculos da vida.

Vêde, por exemplo, esta quadra:

“Estou velho, tive bom gôsto:
Morro quando Deus quiser;
Duas penas levo comigo:
— Cavalo bom e mulher!”

Ou então esta outra:

“Sou valente como as armas,
Sou guapo como um leão!
Índio velho sem govêrno,
Minha lei é o coração!”

Na poesia popular gaúcha não existe queixa, amargura, sofrimento, revolta à vida, desespero contra a sorte; é uma poesia de entusiasmo, de altaneirice, de fé, de bom, de sadio humor, tão contrastante com aquela poesia do nordeste, em que o homem se humilha contra a fatalidade do destino e as tristezas do amor, em que uma mulher sempre ingrata aparece para fazer sofrer o pobre tabaréu, o caboclo no seu meio cósmico.

Para o homem da campanha gaúcha, para o peão das estâncias, não existe dôr e nem humilhação. Não é um vencido, — é um vencedor. A mulher e o cavalo são as doçuras da sua vida. Êle bem o diz ante uma Salomé do rancho, de olhos de guabijú e bôca de pitanga:

“Quem quiser me ver contente,
Dê-me mate, que se chupa,
No pago estando presente,
E uma china na garupa”.

Entre a chinoca e o cavalo, êle fica indeciso:

“Entre uma chinoca linda
E um pôtro de boa cria,
Eu não escolho ainda,
Não sei qual escolheria”.

Também entre a vida da cidade e a vida do campo, êle não vacila:

“Gosto da vida do campo,
Essa eterna gauchada:
Na cidade eu morreria,
Comendo carne cansada”.

Não é preciso mais para estereotipar o seu temperamento, sua admirável filosofia de manter integral o espírito do bem viver, gozar a vida.

A poesia popular gaúcha tem um singular sabor, porque é uma poesia sadia, optimista, maravilhosamente confortadora. Pelos descantes dos nossos guascas improvisados à beira dos galpões, à hora doce do amargo pelos ranchos, quando em intimidade; pelas estradas onde realizam as famosas carreiras, após as marcações, os rodeios, ou quaisquer outros aspectos da vida pastoril gaúcha, há sempre um sabor pitoresco, porque a civilização não matou com os nossos costumes e a nossa tradição, embora o automovel corte as estradas e o avião singre os ares.

Nessa poesia saborosamente regional nada de tristezas, de amargos prantos. Quando não evoca um fato de genuína gauchada, esplende uma façanha guerreira, heróica, elevando sempre o nosso homem — como símbolo de bravura e de cavalheirismo. De vez em quando se mistura com os improvisos, os desafios, surge uma canção popular antiga. E' a "chimarrita", o "meu boi barroso", o "lenço colorado", a "tirana", cantados ao som da viola.

As guerras civís fornecem, de outro lado, larga cópia para os assuntos dessa gente do galpão. A revolução dos farrapos, como já o disse, é um motivo sempre presente para as evocações do gaúcho. A efêmera República de Piratini, com os seus famosos caudilhos Bento Gonçalves, Canabarro, Netto, e tantos outros, é uma constante fonte de inspiração para os homens da campanha guerreira.

Se é verdade que nem todos são exaltados como Bento Manoel Ribeiro, que por duas vezes traíu os revolucionários, quase todos, na sua generalidade, são endeusados. Bento Ribeiro sofreu, por parte dos nossos poetas anônimos, duras críticas. Uma poesia, a seu respeito, muito vulgarizada no período agudo da revolução foi a seguinte:

"Pode um altivo humilhar-se,
Pode um teimoso ceder,
Pode um pobre enriquecer,
Pode um pagão batizar-se,
Pode um ávaro prestar-se,
Pode um lascivo confessar-se,
Pode um mouro ser cristão,
Um arrependido salvar-se,
Tudo pode ter perdão:
Só o — Bento Manoel — Não!"

Ou então, esta outra:

"Oh! do inferno instrumento,
— Bento;

Modêlo dos tiranos, da traição painel,

— Manoel;

No inferno te guardam, qual primeiro,

— Ribeiro.

Como um montão de chamas num braseiro,

— Bento Manoel Ribeiro!

O gaúcho revolucionário de 1835, tudo poderia perdoar nos homens, menos a traição, a covardia de uma fuga, de uma fraqueza ante o acontecimento. Ele tem orgulho do seu caráter, da sua ação generosa, do seu civismo, da sua investida guerreira. Quando age, age por amor à liberdade, da sua atitude em face da revolta, do perigo, do amor cívico. Porisso não conhece medo, não sabe o que é trair, vender-se, humilhar-se.

Tem um horror instintivo aos homens sem caráter, sem personalidade. As lições da história do Rio Grande são um exemplo nesse sentido, por este motivo, aproveitam todos os temas para glorificarem os seus heróis. E' uma tradição que imperou ontem, através da sua poesia popular e que impera, ainda hoje, nas conversas do galpão, pois, os velhos costumes alí se mantêm ainda intactos.

A poesia popular é uma legítima expressão da terra. Uma floração do seu povo. Por mais que o progresso se verifique em toda a parte, a sua poesia não desaparece. Conserva-se pura como nos velhos tempos, quando a carreta e a diligência eram os veículos naturais de comunicação entre os seus habitantes.

Mas, voltando aos farrapos, um dos motivos que mais deram causa para o aparecimento de um grande número de poetas anônimos, na grande época revolucionária, foi o heroísmo dos seus homens. O populário gaúcho é um filão de ouro. Quer para dignificar os seus guerreiros, quer para exaltar a causa da revolução, ele surge de todo o lado.

Relativamente aos seus homens e a jornada gloriosa, muito se destacou, no tempo, este "pelo sinal":

“O heróe Bento Gonçalves,
Por ter de nós piedade,
Quer mostrar a liberdade
— pelo sinal.

O Netto, que é seu igual,
Não teme grandes perigos;
Livra-nos dos inimigos
— da Santa Cruz,

Que são os “caramurús”
De João da Silva Tavares
E todos os seus sequazes
— livra-nos Deus!

Perdoa os pecados meus,
E tem de nós piedade;
Livra-nos da crueldade,
— Nosso Senhor!

Dêstes que, com furor,
Tudo levam a eito,
Para tirar direito
— dos nossos.

Sofrer eu já não posso
Esta malvada gente:
Porque são do continente
— inimigos!

Olhem que grandes perigos:
Está-se criando outro Pedro!...
Deus nos livre dêsse enrêdo,
— em nome do Padre.

Deste-nos a liberdade;
Já nos livraste do pai:
Vê se também nos livras
— do filho...

E, então, eu me humilho
Com todo meu coração;
Venha-nos a proteção
— do Espírito Santo!

E ressoará suave canto
E recompassada melodia,
Dizendo a Virgem Maria:
— Amen, Jesús!”

Esta poesia, segundo o apanhado de João Simões Lopes Netto, foi escrita em 1837. No interessante livro de Walter Spalding, também encontramos alguns versos curiosos, sôbre os heróicos feitos dos bravos farroupilhas, dêstes destemerosos filhos das verdes coxilhas do Rio Grande que,

“Quando a voz da Pátria chama,
Devemos obedecer;
Na frente cantando o hino:
Ou liberdade ou morrer!

Sou livre como a siriema,
Não arreceio tirano:
Me criei nas escaramuças,
Ao sôpro do minuano.

Quem é gaúcho de lei
E bom guasca de verdade,
Ama acima de tudo
O bom sol da liberdade”.

Isto exprime, de fato, uma das qualidades do gaúcho, porque jamais em tôda a sua história, se negou à luta. Em tôdas as guerras foi sempre um defensor da integridade da pátria e um revoltado contra qualquer forma de opressão, de tirania, impostas pelos caudilhos da época.

A psicologia do riograndense se encontra em muitas destas quadras populares da sua poesia anônima, que anda de

bôca em bôca, nas conversas do galpão e que o tempo, a-pesar-dos anos, não consegue apagar da alma do seu povo e nem da memória da sua nobre gente.

Todos os lances da história riograndense, têm sido um imenso rosário cívico para o poetar da gente campeira, que encontra nessa forma simples e encantadora, motivo para extravasar as suas alegrias e as suas tristezas, os seus ódios e os seus amores, as suas revoltas e os hinos dos seus grandes homens.

Mas acredito que nenhum feito da nossa gente foi mais criador, do que a Revolução dos Farrapos. O próprio Roque, meu sempre lembrado irmão, que tanto estudou a vida do Rio Grande, em seus mais contrastantes aspectos, num dos seus livros escreveu, com justiça, que “foi, porém, a Guerra dos Farrapos, o grande episódio culminante que maiores expansões provocou dos versejadores anônimos. Exatamente pelos feitos e façanhas sem conta, que se registraram nessa longa luta, pelos vultos de inúmeros guerrilheiros admiráveis que nela tomaram parte, pelos elevados ideais que animaram os “farroupilhas” ao desfraldarem nas coxilhas a bandeira tri-color de Piratini, por tudo isso, a Revolução de 35 tinha que ser, como o foi, um manancial inesgotável de inspiração para a nossa poesia popular. Basta dizer que em torno dos seus grandes generais — Bento Gonçalves, Canabarro e Netto — ressoa da bôca dos cantores do pago, um verdadeiro hino de admiração e de respeito profundo, bastando citar as seguintes composições, aliás as mais conhecidas e populares:

Bento Gonçalves, o primeiro,
General Netto, o segundo.
Não há quem lhes ataque
Em qualquer parte do mundo.

Grande Netto abençoado,
Teu nome é o que mais brilha,
Por isso tu serás sempre
O mimo dos “farroupilhas”.

tugueses, os farroupilhas não encontravam outro epíteto, senão de chamá-los de “galegos”. Daí a razão porque, para o gaúcho de 35, todo soldado imperial era galego. Aliás, havia uma certa razão para êsse tratamento, visto como, é sabido que em muitos combates travados em plena campanha da memorável guerra farrapa, foram encontrados tamancos, abandonados pelos soldados inimigos...

Quanto a êste fato, não pensem que é fantasia da minha parte. E' da história da revolução dos farrapos. Quem não se recorda, em lendo os nossos principais feitos históricos, do famoso “combate dos tamancos?” — Um dos nossos mais honestos historiadores, assim narra o singular acontecimento:

“Pouco depois de ter Andréa tomado posse da presidência do Rio Grande de S. Pedro do Sul, foi que se deu o célebre “combate dos tamancos”, nas trincheiras abertas no local onde hoje fica a Santa Casa de Misericórdia, e que era o têrmo da cidade.

“Nessa época, — aliás durante quase tôda a presidência do futuro Barão de Caçapava, — Pôrto Alegre estava completamente sitiada, por terra, por fôrças farroupilhas. Com o intuito de poupar seus homens, o general Andréa alistou em palácio tudo quanto era estrangeiro — portugueses na sua quase totalidade, — que havia na cidade, sem indagar mesmo se sabiam ou não pegar em armas.

“Pedreiros, carpinteiros, estivadores, chacareiros, carreiros, quitandeiros, mascates, — todos nos seus trajés bizarros, uns de sapatos, outros de chinelos, pouquíssimos de botas e a maioria de tamancos, — formavam essa fôrça verdadeiramente carnavalesca dos guardas noturnos das trincheiras que defendiam a capital da província.

“Que poderia esperar dessa sua gente sem nenhum exercício militar, indisciplinada e bronca, o general Andréa? Provavelmente pensava que os farrapos recuariam em vendo-os somente. Entretanto...

“Numa noite de calma absoluta, céu claro, lantejoulado de estrêlas, um estranho rumor se fêz ouvir não muito distante das trincheiras, lá pela enorme várzea coberta de ar-

bustos, moitas e macegas, transformada hoje no Parque da Redenção. (Parque Farroupilha).

“Imediatamente tiveram ordem os improvisados guerreiros do presidente Andréa de fazer surtida ou reconhecimento fora das trincheiras. A noite claríssima e serena prestava-se esplendidamente para a aventura.

“E lá se foram, armados e municiados, os traque-traque-traque dos tamancos e chinelos examinar os arredores desertos e inhabitados. Marchavam cautelosamente. Mas, eis que, de súbito, surge entre espêssas moitas de macega meia dúzia de farrapos, a-cavalo.

— Alto lá! — Quem vive? — bradou um dos soldados republicanos.

Assustados com a brusca intimação, os recrutas do futuro Barão de Caçapava responderam imediatamente, dando... às de vila Diogo em direção às trincheiras.

“De vez em quando um tiro disfarçava um pouco a louca debandada, a gritaria, e o som rouco da caixa dos farroupilhas roncando alegremente, como se gargalhasse, atrás dos míseros fugitivos, que, sem o notar, passaram as trincheiras levando por diante os que ainda aí haviam ficado.

“E assim a força irregular dos mercenários do General Andréa, foi tocada, a toque de caixa, para dentro da cidade, por seis ou sete republicanos, que, mesmo durante a perseguição, como troféus do **combate**, iam espetando nas lanças sapatos, chinelos e tamancos, objetos êsses de que ficou juncado o caminho percorrido na fuga”. (3)

Tal foi o interessante episódio, narrado por Walter Spalding em seu livro “Farrapos!” Fato êste, se não me falha a memória, desenrolado em 1840.

Agora uma observação minha. — O General Andréa, que presidia o Rio Grande, ao tempo dêsse episódio, foi um militar ilustre do nosso exército, a-pesar-de português de nascimento. Era um homem verdadeiramente singular. Tornara-se famoso pelos seus despachos.

(3) Walter Spalding — “Farrapos”.

Certa vez, um português, pedindo dispensa do serviço militar, avocou, para excusa, a sua natureza de estrangeiro. Andréa, em seguida, despacha:

— “Se és galego, eu também sou; marcha p’ra guerra que eu também vou”.

Um outro despacho bastante expressivo e que bem revela o seu temperamento. Um soldado que havia dado baixa requer além do fardamento um certo número de etapas. Andréa indefere-o com o seguinte despacho:

— “Pague-se ao suplicante, somente o sôlido simples e fardamento do tempo que requer, não tendo lugar outra gratificação, pois que não está a serviço da nação; e quanto às etapas, tendo o suplicante, já vivido todo êsse tempo, não precisa tornar a comer o tempo passado”.

O historiador Damasceno Vieira em suas “Memórias Brasileiras” cita além dêsses, outros despachos curiosos do bravo militar legalista que se tornou notavel por ter, com grande bravura, jugulado a revolta do vinagre na província do Pará, em 1837.

Mas voltamos à poesia popular gaúcha.

Tal era a ogeriza dos valentes soldados farroupilhas pelos imperiais, os galegos, como eram chamados, que não perdiam um só motivo para ridicularizá-los. Improvisavam, a cada passo, quadrinhas como estas:

“O’ galego, pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?

O’ galego, talão grosso,
Cara-dura, unha de gancho,
Se pisares no meu rancho”.
Hei de correr-te a rebenque,

E assim por diante. Mas se os tais galegos não eram perdoados, muito menos os que faziam parte do partido do-

minante, mais conhecidos por êles de **partido caramurú**, como bem demonstra esta outra quadrinha:

“Tenho uns arreios velhos,
Carona de couro cru,
Com que pretendo encilhar
O partido Caramurú”.

Mas, se assim manifestavam com suprema repugnância o seu horror por uns e outros, não deixavam nunca de manifestar a sua lealdade, o seu amor pela causa sagrada que defendiam, mesmo com sacrifício de tudo quanto possuíam, como exalta com orgulho êste seu sacrifício:

Vêde:

“Deixei mãe, deixei mulher,
Deixei rancho e cabedais,
Pra seguir meus companheiros
Republicanos liberais”.

Esta quadra popular do versejar gaúcho, é bem típica e fotografa admiravelmente uma época agitada da nossa história. Porque os farrapos eram realmente homens destemidos e que lutavam por um ideal, como, de resto, em tôdas as guerras que foram forçados a sustentar não só em defesa territorial da pátria, mas, certamente, em defesa da sua própria honra, quando indivíduos poderosos tentavam, por todos os meios, subjugá-los. Daí, sem dúvida, todo o seu entusiasmo e a sua fé, quando se decidia pelejar, não havendo forças humanas capazes de fazer retroceder em seu intento, porque bem o dizia:

“Quando a voz da Pátria chama,
Devemos obedecer;
Na frente cantando o hino:
— Ou liberdade ou morrer!

Minha mãe eu lhe dou parte:
Não me chame de tirano,
Vou seguir as minhas armas,
Porque sou republicano”.

O fogão gaúcho em 35 era assim. Um imenso braseiro de entusiasmo no seu ideal político. Tudo poderia cair, rolar, apodrecer, só ficava de pé aquele calor, aquela chama cívica que, mais tarde, Assis Brasil cantaria em seus versos “O canto do Farrapo”, em seu livro “Chispas”. Embora livro de mocidade, é um livro em que vasa todo o sentimento da alma gaúcha, daquela alma que, através do tempo, tem se mantido sempre ilesa para dignidade da Pátria.

Assim fala o gaúcho, no “Canto Farrapo”, de Assis Brasil:

“Ando só nestas verdes coxilhas,
Nestes pagos eu piso atrevido.
Sou gaúcho, sou guasca largado
Sou, por quebra, de todo temido!

Cá não temo, no rancho de palha,
Galeguinhos que vêm da cidade.
Sei, valente, suster nas batalhas,
O fulgor da feliz liberdade.

Quero ver essa tal Majestade;
Que apareça êsse rei tão falado:
Quero ver se me pisa no poncho,
Sem sair êle mesmo pisado.

Que apareça êsse testa c’roada,
Êsse bicho escondido no trono;
Que se chegue, se quer para sempre
Nos infernos dormir tredo sono”.

II

Pra que quero mais glórias na vida,
Se de glórias transborda meu carro?
Pelejei junto ao Netto valente,
Militei com David Canabarro.

Fui soldado de Bento Gonçalves,
João Antônio me viu ao seu lado;
Na peleia fui sempre valente,
Sempre guapo no pingo montado.

Esse grande, imortal Garibaldi,
Que da Itália cá veio por guapo,
Teve em mim um fiel companheiro,
Destemido, valente Farrapo.

Andei junto na guerra a Portinho,
De façanhas eternas, virentes;
Combatí com Fructuoso, com Guedes,
Trabuzanas famosos, valentes.

III

De Rio Pardo me achei na batalha;
Que vertesse meu sangue, Deus quis,
No recontro imortal, legendário,
Que — Porongos — na história se diz.

Ponche-Verde foi outra peleia
Onde a vida arrisquei pelos meus,
E, si lá não tombei retalhado,
E' que a vida é guardada por Deus.

Nas peleias mais rijas, cruentas,
Sempre firme na frente me achei;
Que na frente é o lugar dos Farrapos
Que combatem com crença na lei".

Assim é todo o canto, um poema às glórias de um povo, que tão altivamente soube lutar em defesa dos seus princípios republicanos, nem sempre bem compreendidos plos nossos historiadores que têm acoimado o movimento tão patriótico de 35, como um movimento separatista, quando se sabe que a

êste movimento, participaram republicanos dos vários pontos do país e que seria aquí ocioso citar, porque é do conhecimento de tôda a gente.

Mas, continuemos em nossas considerações em tôrno da poesia popular gaúcha, sob a influência da guerra dos farra-pos. Esta poesia teria que ser épica, patriótica, dada às lutas do povo riograndense que, desde a fundação do seu Estado por Silva Pais, foi obrigado a sustentar mais de cem guerras, algumas de caráter verdadeiramente secular como as lutas contra os espanhóis, cuja posse da Colônia do Sacramento, foi um não cessar de batalhas sangrentas, e contínuas.

Depois, pela integridade do solo, com o iminigo comum das fronteiras, fator êste que excede a figura singular de Rafael Pinto Bandeira, que se torna pelo seu valor e pela sua audácia de guerreiro, um símbolo da honra e da bravura máscula do povo gaúcho bem dizer: êste é o nosso primeiro grande herói que passa, à história, como o defensor da dignidade sulina riograndense.

Um grande historiador da nossa terra, irmão dêsse nosso sempre querido Leopoldo de Freitas, o ilustre dr. Alcides Cruz, falando de Rafael Pinto Bandeira disse esta grande verdade: “na brunidura da espada do brilhante caudilho o passado gentilico da raça se imortalizou nas insignes vitórias daquém e dalém mar. Tal ainda foi o seu heroísmo e o seu amor pela causa da integridade do solo que nenhum guerreiro recebeu da côrte portuguesa as provas de aprêço e de reconhecimento que o grande gaúcho conquistou”.

Ora, a formação do Rio Grande do Sul nascida da guerra, teria que criar um tipo belicoso, uma sociedade diferente dos demais Estados do Brasil, como o próprio Saint-Hilaire havia notado em seus apontamentos de viagens e que Oliveira Viana, nos seus magistrais estudos sociológicos, menciona em suas “Populações Meridionais”.

“Daí, a razão porque afirmou Jorge Salis Goulart em seu precioso livro sôbre “A formação do Rio Grande do Sul” que “a vida riograndense oscilava entre a estância e o acampamento. Nas cartas de Bento Gonçalves ao pai, vêm-se missi-

vas datadas ora da fazenda, ora do campo de guerra. Canabarro também alternativamente era fazendeiro e militar.

“A necessidade social, pois, realizava a hipertrofia do sentimento belicoso, o qual cada vez mais se fortalecia pelo hábito de um século de pugnas tenazes”.

Um retrato natural e psicológico teria que ser a sua poesia popular, onde se reflete todo o seu estado de alma. Através dessa poesia que enche tôda a nossa história, bem compreendemos o nosso espírito. Rafael Pinto Bandeira, Borges do Canto, Correia da Câmara, nos primórdios da nossa formação social e mais tarde Bento Gonçalves, Antônio Bento e David Canabarro, “foram ídolos dêste povo, que adorava os seus heróis com o mesmo misticismo com que os crentes se prosternam ante os deuses”.

Mas não julgueis, entretanto, que a verve, a sátira, no período de 35, foi uma qualidade dos legionários de Bento Gonçalves, apenas. Também os imperialistas criavam em plena campanha gaúcha sua poesia anônima. O general Netto foi o mais visado. Quando êste, em certa ocasião, pretendeu tomar Pôrto Alegre que se achava em poder dos legais, como zombaria do seu projeto, os imperiais cantavam:

“Senhor Netto, vá-se embora,
Não se meta a capadócio:
Vá cuidar dos parelheiros,
Que fará melhor negócio”.

O general Netto, como quase todos os chefes do movimento republicano, era fazendeiro e, como tal, gostava de criar cavalos de trato para as famosas carreiras em campo raso tão características do Rio Grande e dos países limítrofes.

Outro fato que deu margem ao aparecimento de versos anônimos, foi o caso do govêrno da efêmera República de Piratini ser forçado, em certa ocasião, achar-se sob o tôlido de uma carrêta. Nessa carrêta achava-se a papelada do govêrno, sua tipografia, seus arquivos, suas proclamações. Como os imperiais não davam tréguas aos revolucionários, os farrapos

eram obrigados, a cada passo, a mudar de sede de governo. Nestas condições, acharam prudente se localizarem numa carrêta.

Razão pela qual, surgiu a seguinte quadra:

“Que é do progresso êste século
Quem mais se atreve a negar?!
O governo riograndense
Marcha em carrêta a rodar!”

E rodava mesmo. Motivo por que certa vez escreví: “Só mesmo poderiam realizar êste prodígio de vontade, homens pertencentes a uma legião de predestinados, indivíduos cheios de fé, criaturas dispostas ao máximo sacrifício — que a visão trágica da morte não os intimidava, antes, pelo contrário, mais os impulsionava para a luta gloriosa das batalhas.

Êsses homens que andavam assim andejos, por todos os quadrantes da campanha continentina, que traziam a sua República no tôlido de uma carrêta, são homens que Deus forjou para a glória de um povo e exemplo imortal de uma raça”.

E’ tempo, porém, de terminar esta conferência, de exaltação à poesia popular gaúcha, tão ricamente engrandecida pelos farrapos, que se serviram dela, para glorificar os seus homens e os feitos mais heróicos da jornada homérica que durou um decênio. Se essa poesia anônima serviu para enaltecer a causa dos homens de 35, que eram brasileiros, que amavam o Brasil, que se sacrificavam por êle, serviu também para desfazerem-se lendas do suposto separatismo dos seus ideais republicanos, como bem fixa em ritmo esta quadra:

“No campo da honra andamos
Fevereiro, Março, Abril,
Defendendo a nossa causa
Como filhos do Brasil”.

Sim, filhos do Brasil. Desta grande terra, desta grande pátria, dêste grande mundo novo que é o orgulho da América e que hoje se faz respeitar no panorama das nações do velho

continente como o país da felicidade e da liberdade humanas. Porque aqui não há orgulhos raciais, nem tiranias, nem imperialismos, nem injustiças sociais. Todos aqui vivem, ricos e pobres, católicos e protestantes, brancos e pretos, homens de tôdas as bandeiras, de tôdas as crenças, quer religiosas, quer políticas, no melhor dos mundos, porque é o mundo da felicidade terrestre.

E o Rio Grande que soube tão alto defender a liberdade, o seu ideal político de uma causa sagrada como foi a causa dos republicanos de 35, quando amanhã, por uma fatalidade histórica, tudo redundar em vão, bem pode conclamar como haviam feito no passado os seus heróicos filhos:

“Si heróis valentes como estes
Em prol da pátria morrerem,
Da terra, contra os tiranos,
Veremos outros nascerem!”

Função Socio-Geografica do gado Brasileiro

AURELIO PORTO

A exploração incipiente da indústria extrativa do pau de tinta e a cana de açúcar, ciclos iniciais da economia brasileira, sucede o ciclo do gado, o mais importante de todos. E' o do desbravamento e fixação à hinterlândia. E' o que dá a terra e ao homem uma fisionomia própria, modificando-lhes o fácies primitivo.

As fases anteriores da nossa economia sedentarizavam o homem, prendendo-o ao solo. Sem meios de transporte, a lavoura incipiente da Colônia, consistia em açúcar, fumo e mantimentos, e não poderia se desenvolver além da "área traçada pelo custo" com que aquele onerava a produção. "Além de certo raio, ensina Capistrano, vegetava-se indefinidamente, a prosperidade real nunca bafejaria o proprietário. E consoante queixas dos "primeiros cronistas andavam seus contemporâneos arranhando a areia das costas como caranguejos, em vez de atirarem-se ao interior". Uma solução se impunha. E esta "foi o gado vacuum".

"O gado vacuum dispensava a proximidade da praia, pois como as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas, sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num

país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício; fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas com sal; forneciam suficiente sal os numerosos barreiros do sertão”. (Cap., Hist. Col.)

Entra inicialmente o gado, na Colônia, por três condutores diferentes, que nucleiam os cascos dos rebanhos primitivos. São Vicente, Pernambuco e Baía. Ao princípio, quando diminutas ainda são as quantidades introduzidas fica, beirando as povoações aumentando a capacidade motriz dos engenhos, ou suprimindo necessidades alimentares caseiras. Mas, quando cresce, por novas introduções e multiplicação, e se constituem os primeiros currais, junto quase das lavouras, dá-se logo o conflito entre criadores e agricultores, originando sérias desordens. E’ quando começa a fase de penetração para o interior.

Cada curral que avança, pontilhando, a pata de boi, as linhas geográficas divergentes da ocupação territorial, é o ponto originário de outras linhas que se estendem em tôdas as direções. Não raro, nessa trajetória, condicionada pelas vantagens de campos de pastagem e de aguadas, intercedem as três linhas iniciais, como se dá no vale de S. Francisco, o grande condensador da economia rural, onde, a par de uma raça bovina de caracteres específicos precisamente determinados, surge o vaqueiro, na sua indumentária de couro, nos aboiados nostálgicos, cortando as caatingas atrás dos barbotões velozes, numa dispersão de energias e de heroísmo ignorados.

A linha centro-sul, que parte dos campos de Piratininga, além de sua intercessão no vale de São Francisco com as que vêm de Pernambuco e Baía, criando um tipo especial, exerce função histórico-econômica de incalculável valor, em sua dispersão para oeste. Pequeno núcleo funda a pecuária assucenha que se difunde pelo Prata. E, depois de receber contingentes de sangue de gado peruano, um século mais tarde, por Corrientes, penetra aquém-Uruguai, indo constituir os

rebanhos do extremo sul, o gado crioulo, raça de característicos somáticos notáveis e fator econômico do povoamento do Rio Grande do Sul.

Um fenômeno interessante, que influe na diferenciação de costumes, usos e liguajar entre os tipos étnicos do nordeste e do sul, aí então se observa. O gado que os jesuítas introduzem no sul prolifera espantosamente. Expulso pelos bandeirantes, os padres da Companhia deixam-no ali, naquelas vastas campanhas, sem custeio, entregue aos índios, principalmente charruas e minuanos, que recebem os influxos de novas modalidades de vida, impostas pela adaptação superveniente da alimentação, locomoção, processos de fazer a guerra, etc.

Enquanto, no nordeste, o vaqueiro, à frente de seus rebanhos, vai disseminando pelos currais que funda, etapa a etapa, os seus costumes, numa reprodução quase fotográfica — no sul, o homem descortina a terra, ampla, desdobrada nas pampas abertas, onde os rebanhos se transmalham em tôdas as direções. Associa-se ao indígena, que já se tornou cavaleiro. E recebe, com a indumentária que adota, usos novos, oriundos do meio, novos processos de lides campeiras, terminologia diferente com que opulenta o seu vocabulário. E, sobretudo, êsse desprendimento pela vida, êsse aspecto heróico que a própria defesa de seus bens móveis e imóveis lhe impõe, nas lutas contínuas que deve sustentar por largo tempo.

Mais tarde, o gado do sul, em sua ascensão para o norte, ainda se encontra com produtos dos sementais primitivos que lhe deram origem fechando, no interposto econômico das feiras de Sorocaba, o périplo quase tri-secular de sua dispersão geográfica.

Só o gado, com seu semi-nomadismo, poderia fixar o homem nas etapas avançadas de que outros, após, se deslocariam para a frente. A' cata do índio haviam os bandeirantes, em suas "razzias" formidáveis, palmilhando os sertões de onde voltavam carregados de peças de escravaria vermelha, mas sem deixar nessa avançada sulcos donde brotasse a semente da civilização. Coube essa função ao gado.

A avançada para o sertão, observa o erudito Eugênio de Castro, “se de vários pontos se deu pela necessidade de guerra aos índios, para cativá-los ou afugentá-los de vez — o que teve o socorro dos paulistas, vindo pelo vale do São Francisco, numa e noutra das margens — foi substituído pela marcha regular da expansão e fixação do gado em pequenos sítios e fazendas, obedeceu a uma jornada pastoril, lenta e segura, de que foi figura primacial, nos sertões baianos o vaqueiro”.

“Estabelecida uma fazenda, ou um curral, o vaqueiro só passou a ter a quarta parte dos gados que criava, depois de decorridos cinco anos de seu emprêgo. Por sua vez, era o vanguardeiro de outros sítios, futuras fazendas, povoados ou vilas. Esse processo foi alargando o panorama pastoril, sem deixar em decadência o que era lavoura ou criação, nos afa-zendados de origem”. (Geog. Ling.)

Nessa penetração o vaqueiro não conhece distâncias. A frente do gado, aboiando as tropas, cruza os piques ínvios das matarias fechadas; tendo à cabeça, enfiada, a caveira de um boi de aspas longas e recurvas, abre o nado das tropas, vadiando rios correntosos e profundos; e, de um ponto para outro, na sua sucessão quase interminável vai plantar nos lindes extremos da terra os marcos de fronteiras, de cuja inviolabilidade se torna sentinela atenta e defensor heróico.

Mas, não será unicamente o guia e o fixador em novos currais e estâncias, dos rebanhos que conduz e pastoreia. E’ o criador de um mundo novo, o diferenciador de novas etnias.

As injunções do meio, trabalhos e provações; o apuramento de predicados excepcionais de resistência e bravura; usos, costumes e a cópia de verbalismos novos com que enriquece o seu vocabulário, modificam-lhe, essencialmente, o tipo primitivo. E farta miscegenação, como sangue das raças que aí se chocam e se misturam, completa essa modificação. O outro, que conserva os seus traços de origem, fica perlongando o litoral de que se não afasta, entregue aos amanhos incipientes da terra.

E’ a geografia do gado que realiza a unidade nacional. Os currais e as estâncias são os elos dessa corrente que vai

prendendo, rincão a rincão, tôda a vasta extensão territorial do Brasil.

No extremo sul, após a conquista dos valores econômicos campos e gado sem dono, que ali encontrou, o campeiro ao laço e às boleadoras junta a lança e a carabina. Cada estancieiro, cada agregado, cada peão, pelo imperativo da defesa de seus próprios interesses, torna-se o vanguardeiro da integridade da Pátria, sentinela avançada das fronteiras, em cujos sulcos, abertos a pata de seu gado, deixou como padrão indelével de posse borbotões de sangue generoso.

Ao centro e ao norte, se não teve a sustentar intermináveis e cruentos choques com o inimigo que lhe disputava terra e gado, em sua penetração, não menos importante foi a ação anto-geográfica do vaqueiro, na fixação inicial dos contornos extremos do país. A' frente de seu rebanho que, sucessivamente, vai procedendo de outros que ficam atrás, num renovoamento perene numa lenta avançada, ao passo tardo dos bois, o vaqueiro, vencendo terreno, lutando contra as hostilidades do meio, afugentando o aborígene, leva em tôdas as direções, com os currais que vai deixando, linhas de penetração e fixação de povoamento. As próprias injunções do officio, cheio de perigos e audácia, requerem-lhe sacrifícios e bravuras. Mil vezes arriscando a vida, mil vezes desperdiçando heroísmos, voando pelas caatingas hostís atrás do barbatão que se desgarra, o vaqueiro, que precede o campeiro do sul, nada lhe fica devendo como reserva das formidáveis energias da raça.

Diferenciam-nos, porém, caracterizando-os diversamente, as próprias origens da sua economia rural. No centro e no nordeste foi inicialmente, como vimos, o homem o condutor do gado. No extremo sul, ao contrário, o gado atrafu e dirigiu o homem. Lá, aquele fecundou os desertos vestido de couro para a travessia de paragens brutalmente agressivas; aquí, êste, nas pampas sem fim com sua leve indumentária de xiripá e poncho, vôa sem óbices nem entraves, destracando o laço, atirando as boleadoras, nas arreadas de gado selvagem de que se apossa como dono primitivo.

Durante quase um século inesgotáveis rebanhos que a previdência econômica dos jesuítas havia acumulado, multiplicaram-se fantasticamente no sul. E é esta riqueza que atrai o homem, que o chama e cuja posse lhe impõe novas modalidades de caráter, de costumes, modificando-lhe o fâcies físico e moral, criando um novo ambiente às suas atividades, encorajando-o para a luta e formando um linguajar bizarro e heróico, expressivo e semibárbaro, que se integra à língua portuguesa, como ao Brasil aquele recanto de terra, teatro das mais belas epopéias da raça.

Mas, quando o homem começa a extrair esta riqueza e com ela fundar os alicerces de sua economia, vêm-lhe de encontro, vadiado o Prata, os povoadores espanhóis, que lhe disputam palmo a palmo. Trava-se, então, a secular e sangrenta contenda que alicerça a economia rural rio-grandense e em que cada esteio de estância é um marco de posse material que avança alargando fronteiras e aumentando a riqueza territorial e pecuária.

Consolida-se, assim, a unidade nacional. Na estacada da fronteira o homem adquire a noção exata das suas responsabilidades para com a Pátria. Por ela trabalha, multiplicando as suas próprias riquezas e, por ela, morrerá heroicamente, pois as mesmas condições do meio e a defesa dos seus interesses vitais fizeram-no pastor-soldado.

O primeiro assalto á colônia do sacramento

por AMYR BORGES FORTES

Desde sua chegada ao rio da Prata, em 20 de Janeiro de 1680, foi Dom Manuel Lobo rudemente hostilizado pelos espanhóis de Buenos Aires.

A-pesar-das intenções pacíficas que traziam, de colonizadores de suas terras, que de fato o eram as existentes ao norte do rio da Prata, os lusitanos nunca encontraram, nos espanhóis, solidariedade humana de qualquer natureza, nem material nem moral, senão sempre má vontade e imediata decisão de expulsá-los de suas terras.

Já no dia 7 de Fevereiro, D. José de Garro, governador de Buenos Aires, escrevia ao padre Cristobal Altamirano, superior dos Jesuítas, comunicando-lhe a chegada dos portugueses e sua intenção de hostilizá-los. Ao mesmo tempo dava-lhe instruções no sentido de enviar índios que deveriam formar o grosso de uma tropa que, ao mando do Mestre de Campo Vera Muxica, devia empreender a ação contra os lusos: — “Asi que su Paternidad vea esta carta, aliste 3.000 indios de sus doctrinas, escogiendo los de más satisfacción y curso en las armas”. (Azarola Gil-Epopeya de Dom Manuel Lobo).

Entretanto, D. Manuel Lobo ativava os trabalhos iniciais de erguimento da fortaleza do Sacramento, conforme determinações que recebera d’el-Rei.

O engenheiro militar capitão Antonio Corrêa Pinto, com afinco, inteligência e dedicação, dirigia com grande competência as obras que, graças ao entusiasmo da tropa, se iam adiantando. Rapidamente foi levantada a estacada e, logo a seguir, iniciou-se o erguimento das paliçadas, após escavação do fôssco circundante.

No dia 9 de Fevereiro recebera Lobo uma carta de D. José de Garro, na qual êste dizia ao chefe português que devia abandonar o território ocupado, por pertencer à coroa de Castela. Responde Lobo a 10, altivamente, que “aquelas eram de Portugal e portanto, delas não arredaria pé”.

Envia Garro para conferenciar com Lobo, a Juan Cebrian de Velasco e Juan del Poso y Silva, no dia 11. Tinham estes “juans” a missão de demonstrar que o território da Colônia era, de fato, de Espanha.

Conferenciam. A discussão se azeda, pois Lobo não aceita a explicação dos espanhóis, acabando por dizer-lhes que a carta geográfica que traziam era antiga, assim como a linha de demarcação nela consignada. E, levantando-se, dá por encerrada a entrevista, dizendo-lhes que não lhe compete “discorrer sobre ordens que recebeu de seu soberano e que aquelas terras pertencem a Portugal porque, o que pertence às Coroas não tem prescrição”.

Os emissários de Garro não tinham, porém, apenas a missão de pleitear a retirada dos portugueses mas, além dessa, a de averiguar, “in loco”, a situação, da tropa lusa, seus efetivos aproximados e seus recursos.

Assim, preparavam-se os espanhóis para a ação, enquanto os portugueses apressavam a construção de sua cidadela, afim de, pelos recursos da fortificação, enfrentar vantajosamente aqueles, já que eram tão inferiores em número.

Garro escreve a Muxica longa carta de instruções, determinando-lhe em 17 parágrafos, as providências que deve tomar no seu ataque à Colônia. Escreve ainda, novamente, ao padre Altamirano, pedindo-lhe novo auxílio, agora em mantimentos e gado.

Lobo, compreendendo o artifício usado no dia 11 por Garro, resolve imitá-lo e envia, no dia 23, a Buenos Aires, uma comissão composta dos capitães Manuel Galvão, Feliciano da Silva e Antonio Fernandes Poderoso e padre Manuel Pedroso, superior dos Jesuítas que se achavam com os portugueses. Garro, porém, percebendo a intenção dos membros da comissão, só permite o desembarque de Galvão. Este é conduzido à presença de Garro. Estão reunidos os chefes militares espanhóis quando o sargento-mor Juan Cebrian de Velasco, um dos que haviam estado na Colônia, introduz Galvão que entrega a José de Garro uma carta de D. Manuel Lobo. Nesta, se propunha o chefe português, a adquirir mantimentos para os habitantes da Colônia. Garro lê a carta e, imediatamente, dita a resposta. Ao despedir-se de Galvão, diz-lhe que em breve se tornariam a ver em campanha.

Retorna Galvão para o seu patacho, que se faz de velas para a Colônia.

★ ★ ★

Vera Muxica estava preparado para iniciar a sua missão de guerra.

O padre Altamirano mandara intensificar a instrução militar dos índios, mormente no manejo das armas.

Em fins de Fevereiro, o tenente-general Jorge Soares de Macedo, que vinha de Laguna para a Colônia, naufragava nos rochedos do Cabo de Santa Maria e, dando à costa com alguns companheiros, é aprisionado por índios comandados por jesuítas e levados ao Japeyú; mais tarde, em Maio, seriam enviados para Buenos Aires.

Dom Manuel Lobo, em 2 de Julho, escreve a José de Garro, pedindo-lhe que lhe faça entrega dos prisioneiros, em vista de não haver razões em mantê-los naquela qualidade. Garro nega-se, em carta, a atender ao pedido do chefe português.

Sentindo que o ambiente não melhorava e, pelo contrário, cada vez mais ameaçador se tornava, D. Manuel Lobo ape-

lou, em carta de 13 de Julho, ao Bispo e Cabido de Buenos Aires, reiterando pedidos de providências que evitassem derramamento de sangue.

Ultimam, porém, os portugueses, a construção da fortaleza. Já se erguem os baluartes. Estão prontas a casa da polvora, o corpo da guarda, as dependências dos mantimentos, etc.

★ ★ ★

No dia 15 de Julho, Vera Muxica, juntamente com seus soldados, vem acampar à vista da Colônia do Sacramento.

Caía a tarde. Prepara-se o acampamento. Erguem-se as tendas de campanha; acendem-se as fogueiras; carneia-se o gado...

Da Colônia, as sentinelas e vigias observam aqueles preparativos e aprestos militares, apreensivamente, prevendo desgraças, naquela triste e friorenta tarde de Julho.

Era primitiva intenção de Vera Muxica, fazer cerco à praça, para que a mesma se rendesse pela fome.

Mas os portugueses estão também se preparando para defender sua fortaleza. Ordens são dadas, dispondo homens pelos baluartes, distribuindo polvorinhos e munição.

Dom Manuel Lobo porém, já há alguns dias que não se sente bem. Estranhava, naturalmente, o úmido inverno do estuário do Prata; febril, cansado, apreensivo, sentia que, justamente quando lhe eram mais necessárias, escasseavam suas energias.

E, naquela tarde, lançando o olhar brilhante da febre sobre o acampamento à distância e depois, demorando-o sobre as muralhas de sua praça, pensava como tardavam os reforços que pedira para o norte. Deixando sua casa, junto ao baluarte em que se achava a casamata, D. Manuel de pé, braços cruzados, junto às peças que guarneciam o baluarte ao sul do corpo da guarda, olhava apreensivo o acampamento espanhol, compreendendo, nitidamente, a impossibilidade de resistência e a necessidade do sacrifício.

Pela manhã do dia seguinte chega à Colônia o padre Manuel Alvares, portador da carta ao Cabido. Trazia, como resposta, o conselho aos portugueses de abandonarem as terras que ocupavam, por serem terras de Castela.

D. Manuel Lobo compreende pefeitamente que outro recurso não lhe resta senão apressar os preparativos para a luta que, adivinha, será renhida. Seu estado de saúde, porém, agrava-se dia a dia.

E' uma lufa-lufa na praça. Preparam-se as munições que são transportadas para o paiol apressadamente terminado. Os artilheiros aprestam suas peças, distribuídas pelos quatro baluartes.

No dia 20, pela manhã, nota-se a falta de um alferes, Sebastião Peralta, um cabo de esquadra, Antonio Morais e 15 soldados: Pasqual Rodrigues, André da Costa, Francisco de Avila, Tomé Rodrigues, Pedro Cabral, Valerio Alvares, Miguel Ribeira, João Cardoso, Julião Sobrinho, Manoel Pereira, André Fernandes, Manoel da Serra, João Rodrigues, João Baptista e Francisco Pedroso. Haviam desertado sob o pretêsto de que não deviam pelejar com espanhóis com quem se achavam em paz. Muito pode a covardia!...

Caiu a noite sôbre a Colônia do Sacramento... De cima das muralhas vê-se, ao longe, os fogos do acampamento castelhano. Uma garoa frígida enregela as sentinelas, nos postos de vigia.

No dia 21, pelas 11 horas, chega um emissário de Vera Muxica, desfraldando a bandeira branca dos parlamentares. Aproxima-se da estacada; descem a levadiça e êle é conduzido, a-cavalo, à presença de D. Manuel Lobo a quem entrega uma carta do chefe espanhol, em que êste intima Lobo a abandonar a Colônia sob pena de fazê-lo à fôrça, porquanto êle, Vera Muxica, não recuará um passo (Az. Gil — op. cit.: Carta de Vera Muxica).

A indignação de Lobo é enorme. Compreende bem que, com a defecção do dia 20, Muxica estará bem informado sôbre a situação da praça. Realmente, submetidos a interrogatório, os desertores não hesitaram em denunciar os recursos de

que dispunham os portugueses. Lobo compreende que não tem recursos para enfrentar os castelhanos e está disposto a se sacrificar, bem como a seus comandados, na defesa da praça. O valor lusitano, a sua coragem tantas vezes comprovada nas campanhas de Algarves, Olivenza, Badajoz, Campo Maior etc., se insurge contra a audácia e insolência do inimigo e responde energicamente: "Vossa Mercê pode fazer o que lhe fôr servido, pois para tudo há de me achar prontíssimo". — Esta resposta é enviada a Muxica no mesmo dia.

Este porém, ainda contemporiza o ataque e, no dia 23, em conselho com seus capitães, resolve transferir seu acampamento para as margens do São João, mais para o norte, cerca de três léguas da Colônia.

E no dia 24, os portugueses vêm os espanhóis, em longa fila de cavalos e carrêtas, transportar-se, rumo do norte, para o novo pouso. Entretanto, no primeiro acampamento, fica uma companhia de cavalaria, com o fim de inquietar os portugueses, cansando-os na constante vigília. Essa companhia era composta de espanhóis e índios (Rego Monteiro — A Colônia do Sacramento).

No dia 26 escreve Muxica a D. José de Garro, avisando-o de que vai efetuar o ataque no dia 29.

★ ★ ★

Já os índios, que constituíam a maior parte das forças de Muxica, começavam a murmurar com a demora da empresa e, por consequência, do farto saque prometido. Alguns caciques descontentes, já falavam em voltar às missões. Mas, caso isso se desse, a indiada assim solta, constituía perigo mesmo para os castelhanos, motivo pelo qual Muxica resolvera atacar a Colônia no dia 29.

De posse da carta de Muxica, datada de 26, D. José de Garro reúne o conselho constituído dos mais importantes moradores de Buenos Aires, na casa episcopal, no dia 28.

Expõe a situação precária dos portugueses e pede a opinião do conselho sobre a oportunidade do ataque. Sem dis-

crepância, os conselheiros opinam “de que no se pierda tiempo en dar dicho avance con la brevedad que fuere possible, por todas las partes, formas y medios de que se pudiere disponer”.

Em consequência, Garro escreve a Muxica uma carta contendo as ordens e instruções para o ataque. São entregues ao oficial de marinha Manuel de Ojeda, comandante do barco “San Joseph”, que devia levar, ainda, um refôrço de 50 espanhóis, comandados pelo alferes Juan Fredes.

A partida estava marcada para o dia seguinte, 29. Ao cair da tarde e durante tôda a noite, cai sôbre Buenos Aires violento temporal. O vento sopra de rijo. Só no dia 2 de Agôsto pode o barco largar. Fredes leva a ordem de ataque.

No dia seguinte, 3, o “San Joseph” lança ferros na foz do São João e Fredes é imediatamente conduzido à presença de Muxica a quem entrega as ordens de Garro.

— Pode, enfim, atacar! Era tempo. Muitos índios descontentes, já se haviam evadido. Muxica toma as últimas providências para a próxima emprêsa. As armas são limpas e preparadas; a indiada se mune de flexas. Preparam-se os farnéis. Muxica, com os chefes, combina o plano de assédio. Finalmente, pelas 11 horas da noite do dia 6 (Az. Gil e R. Monteiro — Ops. cit.) — partem os espanhóis rumo à Colônia do Sacramento que vivia, assim, seus últimos momentos em poder dos portugueses.

★ ★ ★

Dividira Muxica suas fôrças em três frações: a primeira, que devia iniciar o assalto, comandada pelo cacique principal de Itapuá, mestre de campo Francisco Coretú, que tinha como assistente o capitão espanhol Alexandre Aguirre; a tropa desta fração era constituída de fôrças guaranís de Itapuá, Loreto; Corpus, La Cruz e Mártires. Comandava a segunda fração o mestre de campo Cristobal Cupyi, cacique principal de São Tomé, assistido pelos capitães espanhóis Juan de Aguilera e Juan Fructos, composta de índios de S. Tomé, S. Nicolau, S. Miguel, Sta. Maria, Candelária e Conceição. Final-

mente, a terceira fração era comandada por Inácio Amandaú, sargento-mor e cacique principal de São José, assistido pelo capitão Gabriel de Toledo. Sua força dispunha-se de alguns correntinos e índios de São José, Sant'Ana, S. Xavier, Los Reys e S. Carlos. Sob o comando direto de Muxica, estava um esquadrão de espanhóis, constituindo tropa de reserva.

A marcha foi feita rapidamente. Os campos e pantanos estavam silenciosos, na quietude gélida da longa noite hiberna. O céu muito estrelado, como acontece nas noites muito frias!

Ao romper d'alva estava a tropa a um quarto de légua da fortaleza, ocultando-se em uma quebrada do terreno (Rego Monteiro — op. cit.). São dadas as últimas ordens.

Nesse dia, 6, não pudera Lobo se levantar. Jazia em seu catre de campanha (Az. Gil — op. cit.) ardendo em febre, quase impossibilitado de mover-se. Angustiado, recebia as notícias que seus assistentes lhe levavam sobre os espanhóis, sem poder tomar uma atitude mais enérgica. Em seus delírios, imaginava que, finalmente, chegava o refôrço pedido e tão ansiosamente esperado.

Assumira o comando da cidadela o Cap. Manuel Galvão, comandante do esquadrão de couraceiros. A nomeação de Galvão, feita alguns dias antes, provocara certo descontentamento entre os capitães mais antigos. D. Manuel Lobo, porém, reunindo-os, lhes fizera uma prédica, concitando-os à harmonia: "temperai os genios que não ha tempo de averiguar preferencias, porque o inimigo vigilante pretende em vossos desconcertos afinar as vozes para os seus aplausos... Da bôa e necessaria harmonia de vossos animos ha de resultar os maiores elogios ao valor Português: porque na uniformidade consiste a unica esperanza do dezejado triunfo de testando os odios por hua vontade de mandar, quando em aperto tão proximo devem mais relaçar as obediencias que os imperios" (Simão Pereira de Sá).

Após êsses sábios conselhos, torna a reinar a harmonia entre os capitães portugueses que acatam o comando de Galvão, aliás excelente militar e camarada.

Galvão determina as providências que julga necessárias e que os recursos escassos da praça permitiam que se tomasse.

Muito enérgico, mantém Galvão completa calma na fortaleza que ia ser atacada.

Começara a grande expectativa!...

Caíra a fria noite! As sentinelas foram dispostas nos baluartes e ao longo das muralhas. O frio era intenso, e as sentinelas encolhidas em seus capotes, invadidas pelo torpor que lhes dificultava a árdua missão, procuravam reagir, batendo com os pés no solo.

Muxica escolhe para lugar do assalto o baluarte de sudeste. (R. Monteiro — op. cit.) Rastejantes, deslocando-se rápida e silenciosamente, habituados à escuridão e ao frio, os guaraníes aproximam-se da praça. Alcançam, inopinadamente, a primeira sentinela que, aterrorizada pela surpresa, olha espavorida o fremente guaraní que, com gesto rápido, a degola. Aquele sangue morno excita o índio. Mas a segunda sentinela percebe a agressão e sente que vai ser agredida, conseguindo, em tempo, detonar seu mosquete. Mas, o alarme dado à fortaleza, constitue, igualmente, sinal a Muxica, pois êste determinara que assim que chegassem à muralha, detonassem um mosquete como sinal para a tropa avançar. (R. Monteiro — op. cit.).

O alarme desperta o resto da guarnição da fortaleza que, rapidamente, se dirige aos seus lugares, ocupando seus postos de combate.

Os primeiros albores do dia apenas se esboçam.

A primeira coluna de assalto é a de Coretú, assistido pelo capitão Aguerre. Chegando ao paredão é recebida pela artilharia; tendo que atravessar o fôssco e galgar a paliçada, é, nessa ocasião, rechassada, com grandes baixas causadas pelos tiros de mosquete. Retiram desordenadamente os índios, mal orientados por seus chefes. As outras duas colunas avançam por sua vez. A praça vai sendo cercada e índios e espanhóis, excitados pelo fragor da peleja e sedentos do saque que adinham próximo, procuram penetrar em seu interior, obri-

gando, assim, uma dispersão de esforços de seus defensores, que se empenham em fazer retroceder os assaltantes.

Enorme, porém, é a desproporção de fôrças. Do lado português combatiam cêrca de 250 homens, contando a praça, em seu interior, mais ou menos 400 habitantes. (Az. Gil — op. cit.). Do lado castelhano contavam-se cêrca de 280 espanhóis e mais ou menos 3.050 índios, incluindo nesse total de 3350 homens, os 50 espanhóis vindos com o alferes Fredes, a bordo do "San Joseph".

Noutro setor da estacada, a tropa de Amandaú investe, com êxito, sôbre um troço de homens comandados pelo Capitão Manoel de Aquila e, não fôsse um providencial refôrço por êste recebido, entraria Amandaú na praça; assim, porém, teve de retroceder e se abrigar na estacada, atirando-se seus homens, desordenadamente, de cima das muralhas.

No baluarte defendido pelo capitão Simão Farto, investe um esquadrão a mando do cacique Cupiy. Ferido por uma flexada, não podendo resistir à impetuosidade do assalto e grande número de atacantes, Farto cede e retrai sua tropa, para se apoiar ao paredão interno do baluarte. O agressor, porém, leva essa tropa de vencida e penetra na praça, dirigindo-se ao paiol da pólvora. Encontra aí desesperada resistência da guarda do paiol que, com uma energia admirável e heroísmo incrível, oferece rígido castigo à indiada; é porém vencida pelo número e tombam todos, não sem causar grandes baixas aos inimigos, ferindo mesmo o cacique Cupiy e seu assistente espanhol.

No primeiro setor atacado continua acesa a peleja. Rechassado o primeiro assalto, refazem-se os inimigos a meia-distância e voltam, tumultuosamente, em uma segunda coluna, refeita, que consegue atingir a estacada, vencê-la e chegar às muralhas. Trava-se terrível corpo a corpo, cruel, desesperado, entre gritos e imprecações. Mais uma vez o vigor e a vontade inquebrantável dos lusitanos se impõem, e os assaltantes recuam mal feridos. Esse novo recuo traz o temor aos índios, já muito maltratados. O ruído, na praça, é indescritível. Às detonações juntam-se os gritos dos assaltantes,

as imprecações dos assaltados, o choro e as lamentações das mulheres e crianças. As caixas de guerra rufam ininterruptamente, procurando incentivar a defesa da praça.

Os espanhóis conseguem, pela terceira vez, reorganizar os destroços da coluna de Coretú e fazer nova investida pelo primeiro baluarte atacado, trazendo, de retôrno, a indiada que procurava fugir desatinadamente.

Galvão que, enérgico e de iniciativa rápida, procura manter a calma na praça, desfazendo os assaltos, entrega o comando geral ao capitão Silveira e, acompanhado pelo tenente Sanches Jara, monta a-cavalo, com mais doze companheiros e, desdobrando-se, incansável e destemido, procura estimular a defesa em todos os pontos do assédio, quer tomando parte ativa na luta, quer dando ordens tendentes a manter acesa a defesa.

D. Manuel Lobo, a-par dos sucessos, quer se levantar e assumir seu pôsto de comando. E' impedido, em vista de seu grande abatimento e prostração. Delira o velho general, em seu leito de campanha.

Avançam agora os mosqueteiros espanhóis, comandados pelo capitão Cristovam de Leon que, investindo rapidamente, apodera-se de um baluarte que é logo escalado pela indiada. E' o comêço da derrota...

Não bastaram a coragem de Galvão nem a dedicação de D. Francisco Naper, também incansável e heróico. Acometidos pelos mosqueteiros de Leon, estes procuram se apoiar no corpo da guarda, onde se inicia tremenda resistência. A luta é terrível. Ensanguentados, feridos por flexas e balas de mosquete, os defensores heróicos dêsse último reduto, procuram centuplicar suas energias. Abrem seteiras nas paredes e, por aí, atiram sem cessar. De repente cessa a fuzilaria espanhola. Uma voz, a de Leon, intima à rendição. — "Não! Não e não!" responde Galvão, e continua o tiroteio.

Em dado momento uma bala atinge Galvão, dando-lhe o fim que êle desejava: a morte no campo da honra e no rigoroso cumprimento do dever!

Quebra-se, por alguns momento, a energia da resistência. Mas, uma nova alma inspiradora surge no reduto, estimulando novamente o ânimo dos combatentes. E' D. Joana Galvão, mulher do capitão Galvão. Juntando ao sentimento patriótico o desejo de vingar a morte do marido, lança mão de um mosquete e, ocupando uma das seteiras, grita aos defensores do reduto: "Sem tréguas! Vamos vender caro nossas vidas!"

Reacende-se a fôrça da resistência mas, nova bala de mosquete atinge a heroína, e D. Joana, a primeira mulher que deu seu sangue pelo Brasil, nas plagas sulinas, cai, procurando abraçar-se ao corpo de seu marido e morrendo rapidamente.

E' impossível resistir mais tempo! Dentro da capela, outro troço de portugueses, tendo a frente Manuel de Aquila, resiste desesperadamente, cedendo, por fim, ao inimigo. Só do corpo da guarda, de quando em quando, partem tiros.

Simão Farto, seguido de alguns companheiros, dirige-se à praia, conseguindo burlar o inimigo e apodera-se de um lanchão. Mas, ao se fazer ao largo, é aprisionado por uma sumaca espanhola.

O sol já brilha no céu lavado. Forte e cortante minuanos sopra rijo. Vera Muxica chega, acompanhado de seu esquadrao de reserva, sendo recebido por rufos das caixas de guerra e gritos frenéticos da indiada que se entrega a desesperado saque. Dirige-se à casa do mestre D. Manuel Lobo, já prisioneiro. Há uma tentativa da indiada de se apoderar do velho general e liquidá-lo alí; sem tardança. Muxica, de espada desembainhada, defende o chefe vencido.

Diante do corpo da guarda, é feita nova intimação aos refugiados em seu interior. Silêncio. Após alguns momentos, uma voz amargurada se ouve, aceitando a rendição. Cesam os tiros. Abre-se a poterna e, esfarrapados, feridos e sedentos, os heróicos defensores do último reduto da praça saem, cabisbaixos, deplorando a falta de reforços que, com sua coragem e energia, significariam a vitória. O alferes espanhol Garamunho os defende dos índios que, ainda não satisfeitos, querem se atirar contra os bravos e exterminá-los.

O aspecto da praça é desolador. Armas espalhadas. Fleixas juncando o solo. Cadáveres por tôda a parte. Trapos de roupas improvisados em ataduras, manchados de sangue, dão uma nota de côres vivas sôbre os corpos mutilados e feridos. A um canto, junto à capela, por sôbre a velha caixa de guerra, jaz o mestre-tambor, a quem uma flexada no peito, fez calar o brado de protesto contra a invasão da fortaleza. Portas arrancadas para as fogueiras, papéis, caixas, tudo atirado ao chão, quebrado e violado. São os vestígios do saque desenfreado a que foi exposta a praça.

Perderam os portugueses: os capitães Manuel Galvão, Manuel de Aquila, João Lopes da Silveira e Antonio Corrêa Pinto, o engenheiro que construíra a fortaleza, além de 112 homens, entre sargentos e soldados. Os espanhóis perderam cinco homens de sua raça e vinte e nove índios, tendo ainda feridos 13 espanhóis e 83 índios, sendo que muitos vieram a falecer pouco depois, em virtude de seus ferimentos graves. Os espanhóis se apoderaram de 18 peças de artilharia, sendo 7 de bronze e 11 de ferro, muitos mosquetes, pólvora, canoas, mantimentos, etc.

No dia seguinte, 8, Muxica, reunindo seus homens no pátio da praça, forma quadrado e, com solenidade, muda o nome da fortaleza do Sacramento para o de “forte do Rosário”.

Manda a Buenos Aires notícias da vitória, mandando Garro rezar solene “Te-Deum”, exultando a população com o feito.

No dia 9 conduz D. Manuel Lobo para Buenos Aires, bem como o padre Durão, D. Francisco Naper, capitão Simão Farto e dois jesuítas.

No dia 21, 116 soldados portugueses, prisioneiros, são igualmente, conduzidos a Buenos Aires.

Caíra a Colônia. Estava finda a sua primeira e malfadada fase. Sofria assim Portugal o seu primeiro grande golpe, nas suas posses das terras do sul, posses que dentro em breve se avolumariam, graças à inquebrantável vontade, energia e alto valor lusitano.

A revolução Riograndense de 1923

CELSO M. SCHRÖDER

Não temos a pretensão de escrever a história da revolução riograndense de 1923. Desejamos apenas fazer uma despreziosa narrativa das ocorrências, por assim dizer, militares, de conformidade com os relatos dos jornais contemporâneos, tanto oposicionistas como governistas, e de diversas ordens do dia dos chefes revolucionários.

Como é de supor, deverá ela conter numerosas inexatidões, em consequência das fontes de onde promanaram os elementos informativos, conturbados pelas paixões e interesses da época, e de não nos ter sido possível compulsar dados mais positivos, de uma e outra fonte, para podermos confrontá-los convenientemente.

Ficará, entretanto, êste modesto trabalho como um índice cronológico, para que outros, mais competentes e que tenham a seu dispor meios que nos falecem, possam tratar dêsse interessante período da nossa história com o desenvolvimento necessário e o critério histórico de que é merecedor, estudando as causas e os efeitos decorrentes dêsse ano de lutas e sofrimentos.

Para a organização dêle muito nos valeram as publicações e documentos arquivados no Museu Histórico do sr. João Pedro Nunes, em São Gabriel, principalmente na parte que se refere à coluna de Honório Lemes, de quem aquela instituição guarda carinhosamente autógrafos de inestimável valor.

Início do movimento e operações na Região Serrana

Desde 8 de Janeiro de 1923, grupos armados ameaçavam a cidade de Passo Fundo, sob a direção do general João Rodrigues Mena Barreto, do coronel Pedro Lopes de Oliveira e do major João Viaux. No dia 11 registou-se um encontro armado em São Luiz de Cáscara, na divisa daquele município com o de Guaporé. A 24 o coronel Salustiano de Pádua insurgiu-se em Carasinho, de onde o Dr. Artur Caetano da Silva telegrafou ao presidente da República participando o início do movimento, e dois dias depois abandonou aquele chefe a referida povoação.

Cercos de Passo Fundo e Palmeira: Em 25 de Janeiro tomou posse pela 5.^a vez da presidência do Rio Grande do Sul o Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros e nesse mesmo dia as forças revolucionárias, com o efetivo de 2.000 homens cercaram Passo Fundo, que era defendida pelo tenente-coronel João Cândido Machado, enquanto o coronel Leonel Maria da Rocha fazia o mesmo, no dia seguinte, à vila de Palmeira, lugar onde, na revolução de 1893-1895, alcançara este último chefe a vitória de 31 de Julho de 1894.

Mena Barreto e Leonel Rocha salientaram-se no movimento revolucionário de 1923 pela sua tenacidade, espírito de sacrifício e dedicação à causa que abraçaram, operando em um setor menos brilhante e mais trabalhoso. O primeiro, havia combatido, nas fileiras legalistas, a revolução de 1893-1895, na qual se salientou pela bravura e sangue frio com que, com um punhado de valentes, juntamente com João Manoel Cardoso e Clarestino Bento da Silva, atreveu-se a fazer frente, combatendo em retirada, às forças federalistas vitoriosas no combate de Cérro do Ouro. O segundo, natural de Taquarí como o bravo Canabarro, foi, nas fileiras opostas, um intemerato batalhador da mesma revolução e em 1923 viu-se irmanado ao seu antigo adversário na defesa de um mesmo ideal.

Em socorro da guarnição de Passo Fundo seguiu de Santa Bárbara, em 28, o general Firmino de Paula e Silva, à frente de 1.500 homens.

Este velho caudilho, natural de Santa Maria, era filho do barão de Ibicuí e sobrinho do barão de Antonina e fôra na guerra civil de 1893-1895 um dos mais ardorosos defensores do Partido Republicano, ao qual dava agora, a-pesar-dos seus 80 anos, uma nova prova de dedicação e fé partidárias.

Em 29 combateu o general legalista na ponte de Pinheirinho com uma força insurgente e no dia seguinte fez sua entrada na cidade sitiada, de cujas imediações afastaram-se os revolucionários no dia 30.

Leonel Rocha, mantendo Palmeira em assédio, combateu no 6.º distrito dêsse município, no dia 30, com o chefe legalista Jaime Borges e na estrada de Santa Bárbara, a uma légua da vila bloqueada, hostilizou em 4 de Fevereiro outra força governista, conseguindo, também, a duas léguas dela, cercar os auxílios que o coronel Bráulio de Oliveira trazia.

Firmino de Paula, que havia seguido de Passo Fundo em socorro de Palmeira, libertou no dia 6 o coronel Bráulio do assédio que lhe faziam os insurgentes e na mesma data penetrou na vila, pondo fim ao cerco iniciado em 26 de Janeiro. Seis dias depois, a 9 quilômetros da vila, o tenente-coronel Vazulmiro Dutra combateu em Passo Grande, no boqueirão de Fortaleza, com o coronel Serafim de Moura Assis.

Outros encontros se deram nesse início do movimento revolucionário, como o de 28 de Janeiro em Pilar, com uma força legal que seguia com destino a Lagoa Vermelha; o de Guarita em 1.º de Fevereiro; o de 1.º de Fevereiro em que Antônio Tormes foi batido e morto pelo caudilho rebelde João Feijó no rio da Várzea; o de Nonoai, no qual teve a mesma sorte Honório Pedro Linhares, atacado em 4 de Fevereiro por Mena Barreto; o de 5 de Fevereiro, junto à casa do coronel Ramão Luciano de Souza (município de Palmeira), pelejado pelo tenente-coronel Pedro Arão, o qual, com Tranquilino Pinheiro, bateu também uma força legalista, em 7, na ponte do Turvo; o de Guarita, também em 5, em que o coronel Joaquim de Moura chocou-se com uma força rebelde; o de Serrinha e Herval Sêco, 8.º distrito de Palmeira, em que o tenente-coronel Vazulmiro Dutra enfrentou no dia 24

uma força revoltosa, perecendo desta os cabecilhas Gastão Stadler e Francisco Corrêa de Moura.

Os revolucionários aproximaram-se novamente de Palmeira em 18 e se deram ainda pequenos choques em Palmeira e Guarita, nos dias 21 e 23, respectivamente.

O governo do Estado havia solicitado em 24 de Janeiro que o governo federal fizesse forças do Exército guarnecer a estrada de ferro entre Santa Bárbara e Passo Fundo.

Em 3 de Fevereiro o tenente-coronel legalista Claudino Nunes Pereira (veterano de 1893-1895) entrou na vila de Boa Vista de Erechim (hoje José Bonifácio) e no dia seguinte na povoação de Marcelino Ramos, de onde se encaminhou a Nonoai, localidade que ocupou em 23 do mesmo mês.

Em 3 de Março o capitão Jaime José Machado foi batido e morto em Votouro, município de Passo Fundo, pelo caudilho José Ferreira e no dia seguinte houve um choque sangrento entre Iraí e Palmeira, batendo-se Pedro Domingues com o caudilho legalista Herminio de Lima, em cujo encontro pereceu Aristides do Prado.

Invasão de Portinho: Neste mesmo dia 4 o general Felipe Nery Portinho, com um grupo de 60 homens, veio de Santa Catharina pelos passos de João Inácio e Forquilha, congregando os elementos que o aguardavam na fronteira.

Portinho havia nascido em Cachoeira em 1861 e combatido com distinção nas fileiras revolucionárias na guerra civil de 1893-1895. Era filho do general José Gomes Portinho, herói da guerra dos Farrapos e da do Paraguai. Na atual campanha, operando numa região favorável às surpresas e emboscadas, bem como às resistências tenazes e prolongadas, demonstrou não ter perdido seus antigos dotes de guerrilheiro, tendo o concurso de simpatizantes do movimento, residentes fora do Estado, pois só do Rio de Janeiro lhe foram enviados, até os primeiros dias de Outubro de 1923, cerca de 200.000 tiros.

Ocupação de Lagoa Vermelha: No dia seguinte à entrada de Portinho, o coronel Adão Issler bateu-se com uma força governista de 70 homens e o coronel Manoel Júlio Gar-

cez ocupou a vila de Lagoa Vermelha, enquanto se dava um pequeno recontro em Campo do Meio, 2.º distrito de Passo Fundo.

Ocupação de José Bonifácio: O próprio Portinho, depois de bater uma fôrça legalista junto ao rio Pelotas, matando-lhe 14 homens, brigou em 6 em Barracão, no município de Lagoa Vermelha, enquanto o Dr. Miguel de Revoredo se apoderava a 12 da vila de Boa Vista de Erechim (hoje José Bonifácio), fazendo 18 prisioneiros.

Em 14 o general Mena Barreto pelejou com uma fôrça governista de 300 homens, dando-se no dia subsequente a derrota e morte do capitão José Antonio da Cruz, em Campo Santo.

As fôrças legais procuraram reocupar Lagoa Vermelha e em 19 o coronel Firmino Paim Filho expeliu da vila a guarnição revolucionária, chefiada pelo capitão Perí de Pádua, matando-lhe 4 homens.

Combate de Capão Bonito: No mesmo dia houve disputado embate de armas entre o general Portinho e o tenente-coronel Januario Corrêa em Capão Bonito, deixando aquele 30 mortos e 17 prisioneiros e êste 3 mortos e 5 feridos.

Outros choques se deram com o coronel João de Souza Ramos (chefe revolucionário em 1893-1895) em Campo do Meio no dia 20; entre o capitão Vicentino Pereira e o coronel Serafim de Moura Assis em Boqueirão da Fortaleza no dia 23; em Palmeira no dia 24; em Jaboticaba, perto desta vila, em 26, no qual pereceu o caudilho legal Rufino Feijó; em Formiga no dia 28, no qual se bateram o tenente-coronel Claudino Nunes Pereira e o coronel João de Souza Ramos. Neste último dia o deputado Francisco Antunes Maciel Júnior reuniu-se ao general Portinho.

Novos recontros foram se dando na Região Serrana: em 29 o coronel Leonel Maria da Rocha bateu-se a um quilômetro de Palmeira com uma fôrça legalista; em 30 pelejaram em Campo Novo e Guarita e novamente em Boi Preto, de lúgubre lembrança, onde se bateu Júlio Nogueira com uma fôrça rebelde.

O último dia de Março assinalou o recontro da picada de Pamí, perto de Palmeira, entre o capitão Manoel de Araújo e uma força insurgente.

Em 3 de Abril fizeram junção as colunas dos generais Portinho e Mena Barreto na vila de Boa Vista de Erechim (José Bonifácio) e em 8 houve luta em Fortaleza, no município de Palmeira, registando-se em 13 o combate de Três Pinheiros, no município de Soledade, no qual o tenente Magalhães bateu os insurretos, que deixaram 8 mortos, 2 feridos e 5 prisioneiros.

Ocupação de Getúlio Vargas: Portinho, no dia 16, ocupou a vila de Erechim (hoje Getúlio Vargas) e em 25 teve forte combate com o general Firmino de Paula e Silva em Quatro Irmãos, a 4 quilômetros de Erebangó, atribuindo a versão revolucionária aos governistas 56 mortos e 46 feridos.

Invasão de Fabrício Vieira e ocupação de Bom Jesús: O coronel Manoel Fabrício Vieira, que viera de Santa Catarina, combateu em Bom Jesús em 4 de Maio com o tenente-coronel Emílio Carneiro Borges e no dia 6 ocupou a vila dêsse nome, batendo-se novamente em 11 em Invernada Grande ou Invernada Velha, na foz do rio Cerquinha.

Em 9 o chefe rebelde Lauriano Pires de Rezende tiroteou perto de Guaporé o coronel Agilberto Maia e nos dias 9 e 10 Mena Barreto bateu-se no 6.º distrito de Passo Fundo com o capitão Apolinario Tôrres.

O major revolucionário Martins Caldeira bateu em Campo Novo os cabecilhas legais Firminiano e Luiz Jaques, que pereceram na luta, no dia 10; combateu novamente no dia 11 com uma partida governista e pela segunda vez em Campo Novo, no dia 12, desta vez com o capitão Manoel Ferreira de Araújo, que lhe fez 6 mortos e 12 feridos.

Insurge-se o coronel Raimundo: Neste mesmo dia 12, o coronel José Antônio Raimundo levantou-se em armas no 1.º distrito de Santo Ângelo e o coronel Leonel Maria da Rocha ocupou Neu Württemberg (hoje Pindorama), sendo aclamado general no dia seguinte.

No decurso do mês de Maio outros recontros foram se dando: em 16 João do Prado e o caudilho legalista José Vaccariano bateram-se em Iraí; Claro Alves Cordeiro tiroteou um piquete revolucionário na casa de Ovídio de Rezende, no município de Guaporé; o major Martins Caldeira pelejou com uma força legal perto de Palmeira; em 31 o novel caudilho coronel José Antônio Raimundo lutou em Rio Branco, no município de Ijuí, com um grupo governista.

Assalto fracassado a Palmeira: Em 4 de Junho o coronel Firmino Paim Filho atacou uma força rebelde em Apanhador e os generais Mena Barreto e Leonel Rocha atacaram a vila de Palmeira, sendo repelidos pelo tenente-coronel Vazulmiro Dutra após disputado combate. Novo assalto à referida vila, no dia 6, teve idêntico resultado.

Ocupação de José Bonifácio: Portinho foi mais bem sucedido, pois no dia 9 ocupou Boa Vista de Erechim (José Bonifácio).

Em 12 o coronel Manoel Fabrício Vieira bateu-se no passo de Santa Vitória, no rio Pelotas, e em 15 houve um pequeno choque na internada Westfalen, perto de Palmeira, verificando-se novo tiroteio em Palmeira no dia 19.

Combate de Giareta: No dia 23 deu-se importante operação de guerra. O general Firmino de Paula e Silva, além de Capoeirê, no quilômetro 445, bateu-se com os tenentes-coronéis João Fagundes e Amaro José do Prado e 3 quilômetros adiante, no desvio Giareta, empenhou-se em renhida luta com o general Portinho, prosseguindo, afinal, em sua marcha até ocupar Boa Vista de Erechim (José Bonifácio). Os revolucionários lhe atribuem 106 mortos e 65 feridos. Firmino retrocedeu para Passo Fundo, abandonando em 27 aquela vila, que foi reocupada por Portinho no dia seguinte.

Vários encontros se deram ainda no final de Junho: em 25 Emilio de Moraes tiroteou a 3 léguas de Vacaria, em Quebra Dentes, o capitão legalista Lauriano Duarte; em 27 junto à vila de Palmeira; em 29 na olaria Finkler, junto à mesma vila; no mesmo dia em Pinhal, entre o coronel Elisiário Paim Filho e o revolucionário Manoel Rodrigues; em 30 em Inha-

capetum, no município de Santo Ângelo, no qual Artur da Mota bate o capitão revolucionário Bibiano Ferraz, que foi morto.

No mês seguinte, sob o signo zodiacal do Leão, não poderiam arrefecer os feitos bélicos: em 2 o major Pompílio Júlio Pitán bateu-se em Palmeirinha com o tenente-coronel Vítor Dumoncel Filho e houve tiroteio em Palmeira; em 3 o coronel José Antônio Raimundo pelejou em Entre Ijuís com uma força governista matando-lhe 3 homens; em 6 novo tiroteio em Palmeira; em 15 o general Firmino de Paula voltou a terçar armas em Pinheiro Marcado com os revolucionários, chefiados pelo coronel José Ribeiro de Sampaio, batendo-se a seguir, no dia 16, com o general Leonel Rocha em Tesouras, Fazendinha, Atafona, Rincão de Herval e Pontão de Mato Cerrado, atribuindo-lhe os revolucionários 42 mortos e 30 feridos.

Invasão de Demétrio Ramos: Registou-se no dia 18 um choque em Passo Grande, município de Palmeira, entre Valério Bueno e uma força legalista, na mesma data em que, pela fronteira de Santa Catarina, invadiu o coronel Demétrio José Ramos (chefe revolucionário de 1893-1895), o qual combateu nos dias 19 e 20 em Pinhal, Capão Alto e São João Velho, no 5.º distrito de Vacaria, com o tenente-coronel Emílio Carneiro Borges, que teve 35 mortos e 35 feridos, segundo afirmam os insurgentes.

Novos choques guerreiros foram pontilhando de sangue fraterno o decurso do mês leonino: em 21 houve um recontro na estrada de Xingú, no município de Palmeira; em 23 no extremo norte do município de Guaporé, em São Domingos; no mesmo dia em Ijuízinho entre o coronel José Antônio Raimundo e uma força legalista; em 31 pelejaram no passo de Barracão os coronéis Demétrio José Ramos e Eliário Paim Filho, ficando este ferido.

Ocupação de Carasinho: Em 26 de Julho o 2.º Corpo do Exército Libertador moveu-se da Serrinha de Nonoai, sob o comando do general João Rodrigues Mena Barreto, indo ocupar São Bento no dia 27 e em 6 de Agosto, às 6 horas da

manhã, a vila de Carasinho, da qual se retirara no dia 4 a guarnição legalista, com destino a Passo Fundo. Registou-se nessa ocasião um tiroteio em Capão do Leão, na linha férrea de Passo Fundo, entre o coronel João Bento e um trem de carga que vinha guardado por força federal.

Seguiram-se outros encontros: em 8 em Fortaleza entre o tenente-coronel José Gonçalves Outeiro e uma força legal: em 9 no rio Burrica, entre José Domingues e o chefe governista Arquimimo Codinate; na mesma data no Rincão Inhacorá entre o coronel Carlos Cardoso e os tenentes-coronéis legalistas Joaquim Rodrigues e Martins Leonardo, os quais pelejaram de novo no dia 14 em Campo Novo; em 10 em Herval Sêco entre o capitão Manoel Pereira de Almeida e os caudilhos insurretos Pedro Domingues Pedroso, Felício Bueno e José Boava, os quais combateram novamente na boca da Picada da Serra; em 12 em General Osório, município de Cruz Alta, entre o capitão Álvaro Jacinto da Silva e os moradores da localidade; em 14 no passo de Carasinho entre um piquete do general Mena Barreto e uma força legalista e em Campo Novo entre o coronel Carlos Cardoso e os tenentes-coronéis Joaquim Rodrigues e Martins Leonardo; em 22 em Campo Novo entre o capitão João Cândio Policeno e os caudilhos rebeldes João Corrêa Dorneles e Pedro Gabriel.

O dia 24 assinala a substituição do general Firmino de Paula e Silva no comando das forças legais da Serra pelo coronel Firmino de Paula Filho.

Registou-se em 25 um encontro perto de Rio Branco e no dia seguinte um combate nessa localidade entre o coronel José Antônio Raimundo e uma força governista, havendo dois dias depois novo combate, em Entre Ijuís, entre o mesmo caudilho e o major Antônio Teodomiro Cardoso, que deixou 20 mortos.

Em 5 de Setembro brigaram de novo em Entre Ijuís o referido coronel Raimundo e o tenente-coronel Joaquim Rodrigues, deixando êste 14 mortos e 5 feridos e em 6 Mena Barreto ocupou Nonoai.

Combate de Passo dos Índios: Durante êste mês de Setembro devemos relacionar ainda: em 9 o combate de Boa Esperança, 9.º distrito de Passo Fundo, entre Júlio Becker e um piquete revolucionário, e o de Fachina e Tesouras, entre o coronel José Ribeiro de Sampaio e o tenente-coronel Vazulmiro Dutra, cujos chefes vieram às mãos outra vez em Chapada no dia 10, data em que os coronéis Elisiário Paim e João de Souza Ramos tirotearam-se também em Coxilha; em 11 o combate de Fazendinha entre o tenente-coronel Vazulmiro Dutra e o capitão João Lúcio e o de **Passo dos Índios** e Sananduva entre os coronéis Salustiano de Pádua e Firmino Paim Filho, atribuindo os revolucionários a êste chefe legalista, 100 baixas.

Combate de Quatro Irmãos: Portinho pôs-se novamente em evidência travando com o tenente-coronel Vítor Dumoncel Filho um encarniçado combate no dia 13 no lageado dos Quatís e lageado do Padre, em Quatro Irmãos, a 6 quilômetros de Erebangó, município de Erechim, o qual durou das 11 às 15 1/2 horas, perdendo a força legal, segundo a versão revolucionária, 78 mortos, 55 feridos e 8 prisioneiros.

No dia seguinte o coronel Vítor Dumoncel bateu-se em Sobrado, perto de Santa Bárbara, com o general Leonel Rocha, e o coronel João Bento de Souza tiroteou o tenente Luiz de Magalhães no passo da Barca.

O supracitado coronel João Bento de Souza pelejou novamente em 15 em Votouro com o tenente-coronel Edmundo Dalmácio de Oliveira, o qual ocupou a seguir a vila de Boa Vista de Erechim (José Bonifácio), batendo-se ainda em Campos de Erechim, no rio do Cravo, município de Erechim, com o general Portinho.

Outras ações bélicas foram assinalando o mês de Setembro: em 16 o coronel José Antonio Raimundo bateu-se em Cadeado, município de Santo Ângelo, com uma força legal; em 17 Portinho e Mena Barreto uniram novamente as respectivas colunas na localidade de Quatro Irmãos. No mesmo dia houve no 2.º distrito de São Luiz Gonzaga o combate da Bôca da Picada de Santa Maria, perto de São Nicolau, entre

os coronéis Irineu Fortes de Queiroz e Abílio Machado; em 18 Portinho enfrentou no rio do Peixe o coronel Firmino Paim Filho, o qual ocupou a vila de Erechim (hoje Getúlio Vargas), dirigindo-se aquele à Sananduva, onde entrou no dia 20, e Lagoa Vermelha, que ocupou em 21, data em que o tenente-coronel Edmundo Dalmácio de Oliveira apoderou-se de Erebangó.

Combate de Capão Bonito: No dia seguinte Portinho atacou o coronel Francisco de Paula Feijó em Capão Comprido, Capão Bonito, Capão da Espera, Encruzilhada e Campo Santo, a 10 quilômetros de Lagoa Vermelha; os legalistas tiveram 53 mortos, 18 feridos e 24 prisioneiros, contando-se entre estes o próprio chefe governista, ferido.

João de Souza Ramos combateu uma força governista no dia 23 em Campos de Erechim e Portinho, depois de rápido tiroteio, ocupou Vacaria em 25, a qual no mesmo dia caiu em poder dos tenentes-coronéis Elisiário Paim Filho e Elisiário Paim Neto.

Ocupação de Bom Jesús: Em 26 deu-se um encontro em Rio Branco entre o capitão Ernesto Pinto e uma força legal e em 27 Portinho entrou em Bom Jesús, cuja vila foi no mesmo dia recuperada pelo coronel Firmino Paim Filho.

Combate de Estância Nova: Este chefe legalista bateu-se a 3 léguas da vila, no dia seguinte, em Morro Agudo, passo do rio Leão e rio Cerquinha, município de Bom Jesús, com o tenente-coronel João Fagundes e em 29 com o próprio Portinho, em Estância Nova, entre os rios Pelotas e das Contas. Os revolucionários dão a Paim, neste último prélio, 44 mortos e 60 feridos, contando-se entre os primeiros o major Antônio Inácio Velho.

Ocupação de Santo Ângelo, Bom Jesús e Palmeira: Um pequeno recontro em Rio Branco assinalou o 1.º dia do mês de Outubro, no decurso do qual se deram mais os seguintes choques: em 3 os tenentes Ladislau Dorneles e Oliveira Mesquita bateram-se com o tenente-coronel José Boava na estância de Aníbal Martins, a 8 quilômetros de Palmeira; em 7 o capitão Osvaldo Pinto combateu o caudilho rebelde José

Ferreira, em Votouro; em 9 o general Firmino de Paula e Silva passa o comando ao tenente-coronel Teodoro de Moraes Silveira; em 10 o general Leonel Rocha enfrentou no passo do Góis os tenentes-coronéis Vítor Dumoncel Filho e Vazulmiro Dutra; em 17 o coronel José Antônio Raimundo ocupou Santo Ângelo e daí foi combater três dias depois no passo das Pedras uma força legalista; em 18 os tenentes-coronéis Pais Leme e Castelo Branco bateram-se com o coronel Firmino Paim Filho e ocuparam a vila de Bom Jesús e o coronel Abílio Machado ocupou Pôrto Xavier tiroteando os colônos de Pôrto Lucena no dia 25; no dia seguinte o coronel Serafim de Moura Assis entrou em Palmeira e o general Leonel Rocha em Pinheiro Marcado e a 31 em São Bento; em 21 o general Mena Barreto ocupou Carasinho e houve um combate no 3.º distrito de Bom Jesús; em 26 o coronel Salustiano de Pádua lutou contra o capitão Pedro de Souza em Estância Nova.

Em 1.º de Novembro o general Mena Barreto teve disputado combate no 6.º distrito de Passo Fundo, em Invernada Preta, perto de Pontão, na serra de Sarandí, com o tenente-coronel Edmundo Dalmácio de Oliveira, contando-se entre os mortos o tenente revolucionário João Francisco Mena Barreto. Na mesma data o general Leonel Rocha combateu com os tenentes-coroneis Vítor Dumoncel Filho e Vazulmiro Dutra em Cruzinha, rio da Várzea e Tesouras e no dia 5 o coronel Abílio Machado entrou em Comandá, registando-se no mesmo dia um combate com o coronel João de Souza Ramos no 3.º distrito de Passo Fundo.

Ocupação de Bom Jesús: Os coronéis Pedro Arão, Wenceslau Pereira e José Antônio Raimundo pelejaram na estância de Ernesto Kruehl, a 2 léguas de Santo Ângelo, com uma força governista em 6 de Novembro e no dia 7 o tenente-coronel Castelo Branco ocupou a vila de Bom Jesús.

A-pesar-de estar vigorando o armistício em todo o Estado, no dia 22 o major Eduardo Pereira Monteiro ocupou Bom Jesús, de cuja vila expulsou o tenente-coronel Antônio Lopes de Castelo Branco e em 25 foi este chefe revolucio-

nário expellido novamente da vila, desta vez pelo tenente-coronel Emílio Carneiro Borges, registrando-se ainda em 4 de Dezembro um combate entre uma força governista e os colonos de General Osório, no município de Cruz Alta, no qual tiveram estes 2 feridos e aquella 2 mortos e 2 feridos.

Em 27 de Dezembro, na fazenda Três Marias, município de Bom Jesús, o general Felipe Nery Portinho dissolveu suas forças, o mesmo fazendo em Passo Grande, com a divisão de Palmeira, o general Leonel Maria da Rocha. O comandante da 1.^a brigada desta divisão era o coronel Fidêncio de Melo Filho.

A FAMOSA DIVISÃO DE OESTE

O 2.^o Corpo do Exército Libertador, também chamado “Divisão de Oeste”, foi indubitavelmente o conglomerado revolucionário que mais ousados e retumbantes cometimentos realizou na guerra civil de 1923.

Assessorado por uma pléiade de chefes resolutos, ativos e capazes, Honório Lemes da Silva mostrou ser um genuíno representante dos antigos caudilhos sulinos, que, quer nas guerras externas, quer nas lutas internas, escreveram páginas cheias de bravura, abnegação e tenacidade em nossa gloriosa História Militar.

Antigo revolucionário de 1893, Honório Lemes da Silva, nascido em Cachoeira em 1863 e radicado em Vacaquá, no município de Rosário, onde se dedicava às fainas rurais, era pouco instruído, porém supria essa deficiência pelo seu atilamento e natural inteligência. Grande conhecedor da campanha e das massas rurais, mostrou-se caudilho ativo, calmo, valoroso e pleno de audácia, conquistando na campanha de 1923 uma popularidade sem igual em todo o Rio Grande do Sul. Em consequência das lutas em que se envolveu, viu-se doente e expatriado e curtiu as amarguras da prisão, para vir, afinal, a morrer no solo pátrio na honrada pobreza em que sempre viveu.

Ocupação de Alegrete: Levantando-se em armas junto ao arroio Vacaquá em 22 de Março, foi Honório aclamado general no dia 27, data em que entrou na cidade de Alegrete, de onde previamente se retiraram para Uruguaiana as autoridades estaduais e municipais. Na véspera o coronel Antônio Augusto de Azevedo tiroteara no cêrro do Tigre com a força legal do tenente-coronel Lídio Nunes Pereira, tendo se registado também, dias antes, um encontro no passo de Garupá entre o tenente Abreu e o chefe governnista Pedro Orviedo.

Em 28 uma junta presidida pelo Dr. Alexandre da Silva Lisboa assumiu a administração do município de Alegrete.

Ocupação de Rosário e Quaraí: Em 29, enquanto o capitão Teodoro de Paiva Menezes entrava em Rosário, o general Honório seguia com uma coluna de 2.000 homens para atacar Uruguaiana, dando-se no dia seguinte um pequeno encontro entre o alferes Otelio Frota e o coronel Antônio Augusto de Azevedo.

No 4.º distrito de Uruguaiana, no potreiro Aferidor, deu-se em 30 um rápido combate entre 250 homens do tenente-coronel José Antônio Flores da Cunha e 104 revolucionários que haviam sido congregados pelo Dr. Francisco de Paula Mendonça.

Aproximou-se, entretanto, a coluna de Honório da cidade de Uruguaiana, ao mesmo tempo que uma força insurgente ocupava a cidade de Quaraí em 1.º de Abril.

Cêrco de Uruguaiana: No dia 2 o coronel Aníbal Padão chocou-se em Cerrito ou Carumbé, a 3 léguas de Uruguaiana, com o capitão Bernardo Matias de Brum, que foi batido e morto, e no dia seguinte foi aquela cidade investida pelas tropas rebeldes, dirigindo a defesa o tenente-coronel Flores da Cunha. A luta continuou nos dias 4, 5 e 6, data em que Honório retrocedeu para Alegrete, em consequência de divergências que surgiram, ao que se diz, entre o general revolucionário e o Dr. Gaspar Saldanha.

Semelhante fracasso, ocasionado mais pela falta de aparelhamento bélico da coluna de Honório, não trouxe, entre-

tanto, desânimo ou acobardamento para os seus comandados, a-pesar-das divergências persistirem em Alegrete.

Ocupação de São Francisco de Assis e retomada de Alegrete: Em 4 o coronel Hortêncio Rodrigues entrou na vila de São Francisco de Assis; em 5 o coronel Toríbio Gomes Soares bateu-se com 60 legalistas a 2 léguas de Jarí e ocupou a seguir esta povoação.

O governo do Estado fizera, entretanto, que fôrças legais convergissem de Uruguaiana e Cacequí sôbre Alegrete afim de recuperar esta cidade.

No dia 16 o tenente-coronel Claudino Nunes Pereira desembarcou ao meio dia dos trens da Viação Férrea junto à ponte do arroio Jararaca e tiroteou um piquete revolucionário comandado pelo capitão Francisco Alves Pereira, ocupando às 17 ½ horas a cidade de Alegrete, que fôra abandonada pelo general insurreto, dando-se na mesma data a destruição de 1 locomotiva e 17 vagões na estação de Tigre pelo coronel Antônio Augusto de Azevedo.

No mesmo dia 16, à noite, chegou pelo trem, de Uruguaiana, a fôrça de Flores da Cunha, com as autoridades que haviam se retirado de Alegrete.

Em 17 deu-se a entrada do coronel Toríbio Gomes Soares na vila de Jaguarí.

Nepomuceno Saraiva: Três dias após à restauração da autoridade legal na cidade de Alegrete, deu-se um fato que teria grande repercussão não só em todo o Estado como fora dêle. Referimo-nos à entrada, pela fronteira uruguaia, de elementos aliciados na República Oriental do Uruguai pelo coronel uruguaio Nepomuceno Saraiva para defender a causa legalista no Rio Grande do Sul.

Nepomuceno era filho do general Aparício Saraiva e sobrinho do general Gomercindo Saraiva (que tanto se distinguiram na guerra civil de 1893) e havia sido um dos chefes da revolução de 1904 contra o governo uruguaio.

O efetivo das fôrças reunidas pelo filho do “El Tigre del Cordobés”, a-pesar-de tudo o que se disse e escreveu na época, não devia ser muito elevado, porque em uma relação

que existe em São Gabriel, no Museu João Pedro Nunes, constam como componentes de cinco esquadrões 91 homens, a saber:

1) Nepomuceno Saraiva, Brigido Aramburú, Jorge Wirgman, Teniente Rovira, Miguel Berrutti, Eloy Loureiro, Eugenio Lopetegui, Oriente Leivas, Denerval Leivas, Pedro Carbonel, I. Rozas, Sacarias Araujo, Quintin Araujo, Héctor Ledesma, Eusebio Torres, Enrique Oliveira, Alejandro Rodríguez, José Caravallo, Alcides Cardozo, Martin Pereyra, Pedro Macedo, Nicasio González, J. Fonseca, Edever Sierra, Oronel P. Brasil, Firmo Rodríguez, Abelino Cortés, Garván Diaz, Martin Velasque, Orfilio Castillo.

2) Ramón Alanis, Juan Noblia, Silvio Iarlin, Raul Delberne, Braulio Castillo, Carlos Dutra, Ignacio Borges, Tertuliano González.

3) Mario Viera, Daniel Viera, Victoriano Pruenza, Marcolino Viera, Exaltación Viera, Ramón Viera, Xintino Viera, Gregorio Viera, Juan P. Frias, Lidio Fria, Isidoro González, Dalio Núñez, Olegario Núñez, Juan Ferreira, Irineo Núñez, Juan Francisco C., M. Zaralazola, Ramón Soza, Costalio Rodríguez, Isabelino Ramos, Natalio Alvares.

4) José Álvarez, Severo Diaz, Juan Borges, Benjamin Corrales, Gervacio Álvarez, Antonio Fernández, Juan Viaqui, N. de Losanto, Juaquin Bealarte, A. Rodriguez, Luiz Bequi, Juan Berinirio, Atila Cuña, A. Bequi, Olasilio González, Carlos Correa, José Botello, Juan Ribero, J. de Adrada, Juan Ignacio, Maria Lemos, A. da Silva, Sacarias Gómez, Braulio Ramirez, A. Brasil, Pedro Serpa.

5) Luis Diago, Justiniano Prego, Jorge López, Matias Silveira, Maximo Pereyra, Timoteo Núñez.

Êsses elementos estrangeiros foram incorporados à columna de Flores da Cunha.

Em 20 de Abril Honório mandou de Parové os tenentes-coronéis Otaviano da Silveira e Teodoro de Paiva Menezes ocuparem Rosário.

Compelido a desistir do ataque a Uruguaiana e a abandonar Alegrete, concentrou-se aquele general na serra de Ca-

verá, onde foi procurá-lo a coluna legalista do tenente-coronel Claudino Nunes Pereira, a qual o chefe rebelde manteve em sítio na estância da Serra, perto de Santa Rita, nos dias 29 e 30 de Abril e 1.º de Maio, sem, entretanto, por falta de armas e munições, podê-la acometer com esperança de sucesso.

Em 6 e 7 o caudilho revolucionário combateu o tenente-coronel Flores da Cunha e seu auxiliar Nepomuceno Saraiva em Passo da Cruz, Passo do Guedes e cêrro de Palomas e dirigiu suas marchas para leste, pois em 10 o general Estácio Xavier de Azambuja lhe recomendou que se dirigisse além de Dom Pedrito, procurando as pontas do Poncho Verde e o rumo de Três Vendas, para unido a êle e Zeca Neto poderem bater Claudino e as fôrças de Bagé. A derrota de 15 em Santa Maria Chico desorganizou o plano.

No dia 16 o capitão Edmundo de Mesquita lutou no rio Jaguarí, a 5 léguas de São Vicente, com uma fôrça revolucionária.

Ocupação de São Gabriel: Em 19 de Maio achava-se a coluna de Honório no município de São Gabriel, onde danificou a estrada de ferro entre as estações de Suspiro e Vacacaí, registando-se na mesma data o abandono da cidade pelos elementos governistas que a guarneciam.

No dia seguinte, enquanto o seu tenaz e célere adversário Flores da Cunha entrava em Lavras, Honório, vindo pelo corredor da Invernada Reuna, penetrava às 10 horas da manhã em São Gabriel, desfilando em triunfo pelas ruas Barão de São Gabriel e General Mallet, praça Dr. Fernando Abbott e ruas Duque de Caxias e Dr. Celestino Cavalheiro, vitoriado pelos seus partidários, que predominavam nessa cidade pelo seu elevado número e destaque social.

Honório acampou junto ao passo do Pinto e entendeu-se com o comandante da guarnição federal major Constantino Martins e no dia 22 com o general Francisco de Borja Pará da Silveira, que viera de Bagé.

Às 21 horas do mesmo dia 20, um piquete revolucionário destruiu as mesas e aparelhos telefônico e fonográfico da estação local da Companhia Telefônica Riograndense, cuja di-

retoria era acusada de ser extremada partidária do governo riograndense.

No dia 23 estava Honório em Tiarajú e em 26 deu-se a entrada em São Gabriel das forças de Flores da Cunha, as quais, três dias depois, o mesmo fizeram em Rosário, registrando-se no dia 30 um encontro entre Honório e Nepomuceno no passo dos Alemães, no rio Cacequí.

Combate de Santa Rosa: Continuando sua marcha, sempre seguido de Flores da Cunha, combateu Honório em 1.º de Junho na picada do Branquillo e depois em Santa Rosa, na serra de Caverá, em cuja ação morreram o tenente-coronel Dionísio Junqueiro e o major Júlio Fortes, ficando ferido o capitão Osório Alves Pereira. No dia seguinte o coronel Antonio Augusto de Azevedo deixou de prestar seu concurso às forças revolucionárias, onde chefiava a 2.ª brigada.

Nova ocupação de Alegrete: Tendo Flores da Cunha dirigido sua marcha para a fronteira de Quaraí, encaminhou-se Honório para Alegrete, onde chegaram no dia 2 os elementos avançados de sua coluna, dando-se em 6 a entrada triunfal do caudilho insurgente na referida cidade, que havia sido abandonada pelas autoridades estaduais e municipais desde 6 de Maio.

Três dias após abandonaram Alegrete as últimas forças revolucionárias, as quais acamparam junto ao rio Inhanduí.

Das forças de Honório fazia parte como corpo de elite a "Brigada Vasco Alves", na qual serviam os filhos do coronel Vasco Alves Nunes Pereira, veterano de 1893, vitimado no conflito que houve em Alegrete por ocasião da eleição de 25 de Novembro de 1922. O coronel Vasco Alves era filho do general Vasco Alves Pereira, barão de Santa Ana do Livramento, que tanto renome conquistou nas guerras de 1835-1845, 1851-1852 e 1865-1870. Seus filhos, que faziam parte da citada brigada e que mostraram serem dignos representantes de uma valorosa estirpe de guerreiros, eram os tenentes-coronéis Aldemar Alves Pereira e Osório Alves Pereira, os majores Hermínio Alves Pereira, Alvaro Rosado Pereira, Homero Alves Pereira e Francisco Alves Pereira e o capitão

Rubens Alves Pereira. Pertenciam também a essa seleta linhagem de bravos os srs. Vasco Alves Pereira e Mario Alves Pereira, que residiam em Barra do Ribeiro e Pelotas, respectivamente, não tendo tomado armas na revolução de 1923.

Em 18 de Junho passou novamente Honório em Alegrete e transpondo o rio Ibirapuitã foi acampar no Capão do Angico, na estrada de Caverá, para, no dia seguinte pela manhã, retroceder para perto de Alegrete, prosseguindo, entretanto, para Caverá parte das brigadas dos coronéis Aníbal Padão e Virgílio Gonçalves Viana.

Retomada de Alegrete e combate de Ibirapuitã: Honório tomou posição à margem direita do rio Ibirapuitã, junto à ponte Borges de Medeiros, onde às 13 horas chegou o piquete do coronel Gabriel Timbaúva, que estava em contacto com as forças governistas que avançavam sobre Alegrete.

Estas forças, que vinham sob o comando de Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva e haviam passado em Quaraí no dia 15, penetraram então na cidade de Alegrete.

O supracitado piquete de Timbaúva situou-se na mangueira do Matadouro Municipal e foi depois apoiado pelo corpo de São Francisco de Assis, comandado pelo coronel Hortêncio Rodrigues. As forças insurretas tomaram posição: À direita da ponte postou-se o tenente-coronel Maurício de Abreu e em posição imediata o piquete do estado-maior, sob o comando do tenente Raul Batista, situando-se depois o major Malaquias de Vargas entre o Matadouro e a casa de João Galant, enquanto convergiam para o centro as forças dos capitães Serafim Saldanha e Pascoal do Prado (regimento de Uruguaiana) e dos majores Bruno Aires da Costa e Aldemar Alves Pereira (Corpo Vasco Alves); à esquerda da mangueira de pedra postaram-se elementos de Uruguaiana, chefiados pelo tenente-coronel Francisco de Paula Mendonça, enquanto o coronel Teodoro de Paiva Menezes, o tenente-coronel Ene-dino Fonseca e o capitão Gaspar da Silveira Lemes guarne-ciam, respectivamente, o passo Novo, o passo dos Boiões e a ponte de Caverá e o coronel Áfrico Serpa e major Eracildes

Conceição hostilizavam o adversário do lugar denominado Ilha.

Às 14 horas travou-se a luta, que só terminou 3 ½ horas depois, com a tomada da ponte pelos governistas e a retirada de Honório para Caverá. 13 mortos e 27 feridos confessam os revolucionários, contando-se entre aqueles os tenentes-coronéis Maurício Nunes de Abreu e Gabriel Timbaúva, major Delfino Timbaúva, capitães José Mendes de Azambuja e Gentil Pinto Sobrinho e estes o major Mauro de Castro, capitão Hildebrando Marques Viana e tenente Raul Batista. Os legalistas tiveram cerca de 200 baixas, estando entre os mortos o major Guilherme Flores da Cunha e capitão Artur Mendes e entre os feridos os tenentes-coronéis José Antonio Flores da Cunha, Oswaldo Aranha e Oscar do Prado Souza.

A-pesar-de, por motivos compreensíveis, ter-se vulgarizado a crença de que o combate de Ibirapuitã constituiu uma vitória para os revolucionários, somos de opinião que o vencedor do prélio foi Flores da Cunha, que ficou senhor do campo da pugna e perseguiu, ao menos até certa distância, a gente de Honório, que fez uma retirada assaz precipitada para se abrigar em sua guarida de Caverá. Quanto ao efeito moral, cremos que se fez sentir desfavoravelmente nos elementos legalistas, em consequência das baixas, além de elevadas, terem atingido elementos de destaque de suas fileiras. Demonstração evidente desse efeito foi a prolongada inação da hoste governista que pelejou bravamente em Ibirapuitã, seguindo o exemplo de seu chefe, que com denôdo investiu a ponte de trágica recordação.

Ocupação de São Borja e Santiago: Mais ou menos na época do afamado combate de Ibirapuitã, manifestou-se agitação revolucionária na Região Missioneira. No mesmo dia daquela ação o coronel João da Costa entrou na cidade de São Borja e em 21 combateu na ponte de Passo Novo, no rio Camaquã de Missões, com o coronel Raimundo Gomes Neto. Em 23, Tamarís Machado, com um pequeno grupo rebelde, ocupou a vila de Santiago do Boqueirão.

Combate de Mandijú e morte de Padão: O coronel Aní-

bal Padão foi à região de São Borja afim de trazer para a coluna de Honório elementos que ali se congregavam. Reunidos estes, vinha Padão com o Dr. Dinarte Dorneles e o major Álvaro Vale em direção a Povinho, quando em 26 de Junho, perto do capão Mandijú, no arroio Itacorobí, 2.º distrito de São Borja, soube que marchavam sobre São Borja o corpo provisório desta cidade e as forças policiais dali e de Itaquí, num total de 300 homens e sob o comando do tenente-coronel Dioclécio Dorneles da Mota. O encontro poderia ser evitado, mas o chefe revolucionário achou que não havia necessidade porque com 40 homens hostilizaria a força inimiga, enquanto os elementos ainda sem organização que trazia poderiam prosseguir em sua marcha. Já distante dos seus companheiros, o bravo e imprudente caudilho engajou-se seriamente na luta e teve de mandar pedir-lhes auxílio. Noventa vieram em seu socorro, porém nada puderam fazer, pagando Padão com a vida a sua temeridade.

Deixou viúva D.^a Tomázia Padão e 11 filhos. Uma colete feita em São Gabriel rendeu a importância de 2:420\$000, que foi enviada à sua família.

Quatro dias após, o vencedor de Mandijú entrou na cidade de São Borja.

Em 4 de Julho apoderaram-se os revolucionários em Rosário de um trem que levava fardamentos para as forças legalistas de Livramento e no mesmo dia houve um recontro no 6.º distrito de Livramento, registrando-se em 6 a ocupação de Quaraí pelo coronel Adalberto Corrêa.

Em 12 verificou-se a entrada em Rosário do tenente-coronel Rafael Giordano e no dia 14 a de Florês da Cunha em Quaraí.

Cêrco de Santiago: Em 17 o capitão Mário Alves Garcia iniciou o ataque à vila de Santiago do Boqueirão, que foi victoriosamente defendida pelo coronel Lucas de Araújo Oliveira, desistindo em 19 os rebeldes do seu intento. No mesmo mês, a 20, houve um recontro nas pontas do rio Itú, 5.º distrito de São Francisco de Assis, e em 27 a entrada do chefe legalista Carlos de Oliveira Gomes em São Francisco de Assis.

No dia 18, nas pontas do Caverá, Oscar Moreira Paz, que havia se infiltrado na coluna revolucionária, assinou uma declaração dizendo ter sido incumbido em Pôrto Alegre de assassinar o general Honório Lemes da Silva.

Este general libertador, depois do combate de Ibirapuitã, reincorporou as fôrças do coronel Hortêncio Rodrigues (chefe discreto e de grande valor) e do major Júlio Ruas, que haviam sido destacadas para a margem direita do rio Ibicuí, e procurou se aproximar da linha divisória.

Combate de Cêrros Verdes: Em 30 de Julho o chefe revolucionário fêz o coronel Africo Serpa, com a 2.^a brigada, aproximar-se de Livramento e na madrugada de 31 fez o tenente-coronel Joaquim Bueno Aires bater uma fôrça legalista destacada na estância de Cêrros Verdes, a 3 léguas daquela cidade. Um morto, 10 prisioneiros (entre êles o alferes Ullises Carriere), 300 cavalos, 11 armas de guerra e 1.800 tiros foram as perdas da fôrça legalista enquanto Serpa teve 2 mortos e ferido o tenente Otacílio de Vasconcelos.

Em 1.^o de Agôsto Filadelfo Diogo tiroteou na estância de Ataliba Gomes um piquete rebelde.

Recebidos junto ao rio Quaraí os recursos bélicos que aguardava, seguiu Honório para a fazenda de Vista Alegre, do tenente-coronel Miguel da Cunha Sobrinho, onde acampou e conferenciou em 4 de Agôsto com o coronel João de Mascarenhas, vindo de Montevidéu, que já se avistara com o coronel Francisco Flores da Cunha, incumbido pelos riograndenses residentes no Uruguai de tentar a pacificação do Rio Grande do Sul.

Combate de Vista Alegre: As 14 horas de 5 o major Democratino Silveira tiroteou com os elementos avançados da coluna governista, que, com 700 homens se achava na fazenda de Sebastião Duarte, sob o comando de Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva. Flores da Cunha, restabelecido das feridas do combate de 19 de Junho, voltava às lides marvórticas.

Honório, que havia sido obsequiado, com seu estado maior, na estância, com um almoço, pelo Dr. Valentim da

Cunha, irmão do tenente-coronel Sinhô Cunha, seguiu para o teatro da luta.

Fez o seu piquete e o 1.º corpo da 1.ª brigada, comandado pelo tenente-coronel Rafael Giordano, situarem-se à direita da força de Democratino. Daí se retraíram as forças revolucionárias para uma cêrca de pedra e dêste ponto para uma terceira posição, onde estavam o 2.º e 3.º corpos (regimento Vasco Alves) da 1.ª brigada, comandados pelos maiores Érico Duarte e Aldemar Alves Pereira, o regimento do coronel Francelino de Barros, o 1.º corpo da 3.ª brigada (major Mallet dos Santos). A 1.ª brigada obedecia ao mando do coronel Virgílio Gonçalves Viana e a 2.ª ao do coronel Hortêncio Rodrigues, dirigindo a secção de metralhadoras os capitães Evan Lamb e Carlos Nobre.

As 19 horas terminou o combate, perdendo os governistas 80 mortos e feridos e 15 prisioneiros e os revolucionários 6 mortos (entre os quais o capitão Ovídio Duarte) e 15 feridos, entre estes os capitães Pedro de Alcantara Brasil e Marcelino da Silveira e os tenentes Luiz Calage, Licério Borges e Basílio de Barros. A versão governista deu a Honório 38 mortos e 120 feridos, tendo a facção legal somente um morto.

No dia 6 o tenente Daví Hamilton hostilizou um piquete de Honório no passo de Cerrito e em 13 o coronel Flores da Cunha entrou na vila de Rosário.

Depois do combate de Vista Alegre, Honório transpôs o rio Ibicuí da Armada e acampou em Curral de Pedra, onde, no dia seguinte, reincorporou a força do coronel Africo Serpa, que tinha ficado para trás. Dêste ponto desprendeuse o coronel Hortêncio Rodrigues, que varou o rio Santa Maria e foi prover-se de cavalos no município de São Gabriel, estando em 18 de Agôsto nas estâncias de Boa Vista e Talhaço, feito o que, voltou aquele distinto official a se unir a seu chefe em Curral de Pedra.

O caudilho insurgente manteve elementos avançados em contacto com o coronel José Antonio Flores da Cunha, cujas tropas se estendiam de Rosário a Guará.

Ocupação de Dom Pedrito — “Brigada de Dom Pedrito”:
O chefe rebelde fez um contingente ir a Dom Pedrito em 16, onde cobrou contribuição de guerra e incorporou uma brigada ali organizada e que já estava ocupando a cidade, cuja unidade, pelo seu valor e audácia, pôs-se logo no mesmo nível das demais da coluna de Honório, mais habituadas à luta.

Comandava o contingente que foi à terra natal de Torquato Severo o coronel João Batista Luzardo, que se adiantou até o passo do Guterres no dia 20, data em que se achava em São Gabriel o tenente-coronel Leopoldo Aires de Vasconcelos.

Moveu-se depois a coluna de Honório para a referida cidade de Dom Pedrito, onde entrou em 22, indo suas avançadas até Ibaré e Três Estradas. Soube o general insurgente que Flores da Cunha passara em Rosário com 400 homens, marchando sobre Batoví, e que o coronel Nepomuceno Sarai-va transpuzera o rio Ibicuí com 550 homens e avançava sobre Dom Pedrito.

Honório supôs que o caudilho uruguaio situava-se entre os dois Ibicúis para impedir que a coluna revolucionária retornasse para Livramento e manteve-se entre os rios Santa Maria e Santa Maria Chico até que baixassem as águas deste, avolumadas pelas últimas chuvas.

Esses movimentos de forças de ambas as parcialidades em luta eram o prelúdio do grande combate de Poncho Verde, que deu ao general revolucionário um renome imarcescível, alçando-o ao nível alcançado pelos grandes caudilhos de outrora, de que se orgulha a gleba riograndense.

Como se vê, repetia-se agora a situação militar em que, na Revolução Farroupilha, se encontraram as forças beligerantes e que deu em resultado a batalha de Poncho Verde em 26 de Maio de 1843, com a diferença de que, naquele prélio, Bento Manoel Ribeiro separado na margem esquerda do rio Santa Maria da coluna de Caxias, que operava na margem oposta, conseguiu, com sensíveis perdas, repelir o ataque que à sua divisão levaram Bento Gonçalves, Canabarro e Neto e neste, de 3 de Setembro de 1923, achando-se Flores

da Cunha na mesma zona de Caxias, Nepomuceno foi acometido e completamente destroçado por Honório Lemes na região a oeste daquele curso d'água, talvez por ser sua força irregular e não dispor do apôio de baionetas como aquele veterano fronteiro.

Sabendo que Flores da Cunha tomava a estrada de ferro em Suspiro para ir desembarcar em São Sebastião e que a vanguarda do caudilho uruguaio já estava no dia 30 em Dom Pedrito, varou Honório o rio Santa Maria e depois de estar nos campos dos Almeidas e na estância de Garrastazú, na costa do Poncho Verde, situou-se no campo de Nery Martins, em Serrilhada, de onde descobriu a coluna de Nepomuceno Saraiva, Miguel Luiz da Cunha Sobrinho e Manoel Pedroso de Almeida, que em número de 700 homens se dirigia a Três Vendas.

Piquetes de ambas as forças tirotearam em 2 de Setembro, às 9 horas em Sanga Funda e Salso, em Serrilhada, no campo do referido Nery Martins, sendo o revolucionário dirigido pelo tenente-coronel Manoel da Cunha.

O famoso combate de Poncho Verde: No dia 3, sob forte cerração, que impedia a visão além de 200 metros, prosseguiu Honório sua marcha, indo na vanguarda a 4.^a brigada, de Dom Pedrito (comandada pelo coronel Otaviano Fernandes e composta do 1.^o e 2.^o corpos do tenente-coronel Dinarte Gil de Oliveira e major Carelites Severo), da qual se destacou o piquete supracitado, que logo entrou em fogo com forças governistas, que haviam penetrado em campos de Pedro Machado da Luz.

O general revolucionário, que parece ter querido, prudentemente, engajar a luta junto à linha divisória afim de transpô-la em caso de insucesso, quando defrontava Cruz de São Pedro mandou o coronel Africo Serpa, com a 2.^a brigada, apoiar na esquerda a força já empenhada e destacou para o passo de Upamorotí o tenente-coronel Democratino Silveira por ter constado que de Livramento viria o caudilho uruguaio major Leônidas Espartano Barrios (mais conhecido por Negrito) com uma força legalista para Três Vendas.

Os elementos destacados para Upamorotí foram depois reforçados pelo tenente-coronel Érico Duarte, com o 2.º corpo, e o regimento Vasco Alves, enquanto o tenente-coronel Rafael Giordano, com o 1.º corpo da 1.ª brigada, situava-se à esquerda do coronel Serpa, achando-se na sua frente a brigada de Dom Pedrito, que ficou constituindo a extrema esquerda da linha de combate revolucionária, que apresentava a forma de ferradura.

O piquete do general, dirigido pelo capitão Rivadávia Munhoz, colocou-se entre aquela brigada e o 1.º corpo, em um pequeno cêrro, de onde se descortinava todo o campo.

A brigada do coronel Hortêncio Rodrigues manteve-se atrás de uma coxilha, de forma a acudir às fôrças que foram a Upamorotí, se elas encontrassem o adversário, ou as que estavam em luta com a coluna de Nepomuceno, que se apoiava em casas, arvoredos, cêrcas de pedra e uma linha de sinasinas.

Iniciado o combate às 9 horas da manhã, verificou às 13 horas a volta dos corpos de Érico Duarte e “Vasco Alves” por não haver Democratino informado que regressava de Upamorotí por não existir alí inimigo algum.

O corpo “Vasco Alves” do major Aldemar Alves Pereira, com seus atiradores dirigidos pelo major Júlio Ruas, carregou sôbre a direita da fôrça governista, protegido na esquerda pelo 2.º corpo da 1.ª brigada (tenente-coronel Érico Duarte) e na direita pelos 1.º e 2.º corpos da 3.ª brigada (tenente-coronel Domingos Alves da Cunha e major Policarpo Pinto Neto) e mais o corpo do coronel Francelino de Barros, fazendo 18 prisioneiros, entre os quais se contava, mortalmente ferido, o grande poeta Alceu Wamosy, além de 12 mortos e de se apoderar de 17 cavalos ensilhados, 20 fuzís e um cunhete de munições.

Meia-hora depois aproximou-se por uma canhada a fôrça do tenente-coronel Democratino, que fez seus soldados appear e se ocultarem nos arvoredos da casa do tenente-coronel Tomaz Garcia.

Honório fez, então, mostrar-se a fôrça de Hortêncio Rodrigues (3.^a brigada) e simulou uma retirada, o que determinou o avanço da coluna governista sôbre as posições que antes ocupavam os insurgentes.

O corpo de Democratino, armado a Remington, mostrou-se então, rompendo o fogo, apoiado pelo major Mallet dos Santos e tenente-coronel Joaquim Bueno Aires, enquanto Honório determinava que os coronéis Hortêncio e Viana (1.^a brigada) também carregassem.

Antes mesmo de volverem a carga os corpos de Érico Duarte, Otacílio Fernandes e “Vasco Alves”, retirou-se em desordem, após 5 horas de luta, a coluna de Nepomuceno, em direção a Dom Pedrito, perseguida de rijo por espaço de 3 léguas, caindo em poder dos perseguidores uma bandeira, 2 estandartes, uma carrêta e 8 carroças carregadas, 14 cargueiros, 198 cavalos, 120 barracas, 135 capas, 157 fusís e carabinas, 83 lanças, 17.000 tiros, 40 revólveres, 19 espadas, uma ambulância médica e 38 prisioneiros, sendo sepultados 122 mortos.

Os revolucionários tiveram 22 mortos e 41 feridos, entre estes o coronel Africo Serpa, tenente coronel Dinarte Gil de Oliveira, majores Júlio Ruas, Hermínio Alves Pereira e Adriano de Souza, capitães Silvino Pereira, Evan Lamb, Constantino Rodrigues, Gaspar da Silveira Lemes e Leonídio de Souza e tenente Tomé Ribeiro, contando-se entre os mortos o capitão Manoel Pedro do Canto, de Quarai, e tenente Artur Dorneles de Souza, de Alegrete.

No dia 5 Flores da Cunha entrou em Dom Pedrito, onde reincorporou os remanescentes da fôrça de Nepomuceno.

Poncho Verde foi, das pelejas em campo aberto, o maior feito de armas da campanha de 1923 e a maior vitória que indubitavelmente obteve Honório Lemes. A bandeira nacional aí tomada, foi ofertada pelo próprio general revolucionário ao Museu João Pedro Nunes, de São Gabriel, e nele se encontra, autenticada por uma carta autógrafa de Honório.

Depois de estar acampada no local onde se travou o combate de 3 de Setembro, entre os arroios Poncho Verde e Ba-

cacaiquá, seguiu a coluna vencedora no dia 4 em direção a Livramento. Neste dia e no seguinte o piquete da vanguarda, chefiado pelo tenente-coronel Manoel Leon, tiroteou a uma légua de Três Vendas e em Upamorotí com as forças do major Leônidas Espartano Barrios.

Negrito Barrios, como chamavam êsse caudilho uruguaio, era irmão de Júlio César Barrios, que foi um dos chefes da revolução de 1897 contra o governo uruguaio, cujas forças bateu em Cuñapirú a 21 de Maio de 1897, e na de 1904, como chefe legalista, foi batido em San Eugenio a 27 de Fevereiro.

No dia 6 as mesmas forças legalistas, abrigadas em mangueiras e cercas de pedra da casa de Vital Ribeiro, perto do Cêrro do Chapéu, foram atacadas pelo piquete expedicionário, o 1.º corpo da 1.ª brigada e parte do regimento "Vasco Alves" e daí desalojados, deixando um morto, dois feridos e um prisioneiro, além de 22 cavalos, 3 vacas e malas com víveres.

Na mesma data foi a coluna de Honório ao passo da Florentina e prosseguindo em sua marcha, encontrou em Palomas e passo do Salso o 1.º batalhão da Brigada Militar, comandado pelo tenente-coronel Leopoldo Aires de Vasconcelos, e as forças de Livramento, do coronel Acácio Teixeira de Carvalho, com os quais tiroteou, sem deter seu andamento, que seguiu avante através da serra de Caverá, registrando-se em 12 um tiroteio com uma força governista em Santa Eugênia.

Dêste ponto se dirigiu Honório ao passo de São Diogo, onde se incorporou à sua coluna, no dia 16, a brigada de Livramento, do coronel Francisco Wenceslau Pereira.

No mesmo dia 16 o capitão Manoel de Oliveira Rodrigues chocou-se a 8 léguas de Alegrete com uma partida de Honório, que deixou um prisioneiro tendo os legalistas 6 extraviados.

Tomando disposições para o ataque à cidade de Quaraí, que era defendida pelo coronel Miguel da Cunha Corrêa, fez o caudilho revolucionário que o coronel Pereira seguisse por Vista Alegre para se postar à margem direita do rio Quaraí, a leste da cidade, defronte da qual foi situar-se o próprio

Honório, deixando à esquerda Três Vendas, enquanto o coronel Hortêncio Rodrigues se dirigia à fazenda do Cêro e transpunha no passo da Glória o rio Quaraí Mirim.

Combate e tomada de Quaraí: Em 17 as alas esquerda e direita da coluna de Honório foram pernoitar a 2 léguas da cidade de Quaraí, para no dia seguinte, às 9 ½ horas da manhã, investirem-na, com a cooperação das forças do centro, que eram dirigidas pelo general em pessoa.

O encontro de Hortêncio Rodrigues com uma pequena força adversária em Vista Alegre, retardou o avanço da ala direita.

Afinal, rodearam a cidade as forças revolucionárias, postando-se a do coronel Hortêncio a oeste da localidade, desde a margem do rio Quaraí, dirigidas pelo major Policarpo Pinto Neto e tenentes-coronéis Joaquim Bueno Aires, Domingos Alves da Cunha (corpo de Uruguaiana), Mallet dos Santos e Rafael Giordano. A leste da localidade tomou posição, à direita da sanga do Salso, o tenente-coronel Democratino Silveira, com o piquete expedicionário, e à esquerda dêsse curso d'água, o piquete do estado-maior.

Quando Honório providenciava para dirigir uma intimação escrita de rendição ao chefe governista, um piquete das forças dêste atacou os elementos do Democratino, generalizando-se logo o combate.

Os defensores da praça, em número de 400, resistiram na sanga dos Defuntos e depois, em retirada, nas ruas da cidade, manifestando-se logo em derrota.

Os governistas em grande número lançaram-se no rio Quaraí, refugiando-se em território estrangeiro e 80, que procuravam retirar pela estrada do Areal, foram alcançados e dispersos pelo regimento "Vasco Alves", sendo 17 dêles perseguidos por espaço de 2 léguas pelo coronel João Batista Luzardo, major Osório Lemes e capitães Alfredo Canabarro, Francisco Borges e Rivadávia Munhoz.

Segundo a versão revolucionária, os governistas tiveram 52 mortos, deixando 54 prisioneiros e quanto aos feridos, 30 foram hospitalizados em Quaraí e na cidade fronteira de Ar-

tigas. Entre os prisioneiros estavam o coronel Miguel da Cunha Corrêa, capitães Antônio de Guimarães (3.º corpo provisório) e José Pinto e tenente Eduardo Verçosa (corpo provisório de Quaraí).

Os revoltosos tiveram a morte do major Otávio Braga Filho (do corpo de Quaraí) e de um soldado e 11 feridos, entre os quais se contava o capitão Cipriano Munhoz Filho e tenentes Jorge Falcão Sobrinho, Francisco Parové e Juvêncio Rodrigues.

Os troféus de guerra foram 431 cavalos, 69 fuzís Mauser e Remington, 3.000 tiros de fuzil, 2 cunhetes de munição Remington, 17 espadas, 28 revólveres, 13 barracas e 29 capas.

À tarde os revolucionários afastaram-se da cidade, onde, ao anoitecer, entrou a coluna do coronel Flores da Cunha.

Na madrugada de 18 tomou Honório a estrada de Jaráo, sendo logo depois alcançado pela coluna legalista, que, com 400 homens, atacou a brigada de Dom Pedrito, do coronel Otaviano Fernandes, tiroteando-a por espaço de meia légua, sempre em marcha, até ser transposto o passo de Quaraí Mirim, onde continuou o tiroteio a brigada de Livramento, que substituiu a precedente, enquanto o resto da divisão revolucionária se detinha no serro de Jaráo.

As forças legalistas fizeram-se fortes no passo supracitado e não prosseguiram no avanço, tendo 2 mortos e 6 feridos, enquanto a gente de Honório teve a perda de um morto e 3 feridos.

Dois dias depois dêsse encontro estava Honório em Garupá e em 25 um piquete seu lutou no passo da Picada, município de Rosário, com uma força governista, dando-se no 2.º distrito de Alegrete outro choque no dia 27 com a partida do legalista Alfredo Ferreira.

Marcha de guerra em Missões: Empreendeu, então, o general revolucionário a sua famosa marcha de guerra pela Região Missioneira, que a-pesar-de não poder ser posta em paralelo com as de Barbalho Bezerra em 1640, da Laguna em 1867, de Gomercindo Saraiva em 1894 e de Prestes em 1924-1927, como pretenderam panegiristas exagerados, não

deixou de constituir um feito guerreiro assaz notável do bravo caudilho patrício.

Passagem do rio Ibicuí: Honório se dirigiu da serra de Caverá (onde já se achava em 27 de Setembro) ao passo do Catarina, onde transpôs o rio Ibicuí, a-pesar-da enchente, e enquanto a retaguarda, sob o comando do coronel Teodoro de Paiva Menezes (que tinha sob suas ordens as forças de Quarai e Uruguaiana, dirigidas pelos tenentes-coronéis Joaquim Bueno Aires e Domingos Alves da Cunha), resistia ao ataque das hostes governistas, que vinham em seguimento da coluna rebelde, a vanguarda desta, sob o comando do coronel Hortêncio Rodrigues, que havia varado o rio na véspera, atacava e tomava São Francisco de Assis.

Combate e tomada de São Francisco de Assis: A vanguarda supracitada, de 600 homens, era composta da brigada de Dom Pedrito (coronel Otaviano Fernandes), regimento "Vasco Alves" (major Aldemar Alves Pereira), 3.^a brigada (coronel Hortêncio Rodrigues) e cercou a vila às 23 horas, iniciando o ataque no dia seguinte, que terminou com a tomada da localidade, após 2 horas e 40 minutos de valente defesa pela guarnição, dirigida pelo bravo chefe governista Carlos de Oliveira Gomes, que pereceu na luta.

25 mortos, 26 feridos e 64 prisioneiros deixaram os defensores da vila e 10 mortos e 17 feridos tiveram os atacantes, que eram dirigidos pelo coronel Hortêncio Rodrigues. Entre os revolucionários mortos estavam o tenente-coronel Trajano Rodrigues de Vargas, capitão Manoel Dorneles da Cunha e tenente Telésforo Riter, todos de Dom Pedrito.

A retaguarda de Honório disputou a passagem do rio Ibicuí às forças legalistas. No dia 2 o tenente Firmiano Rodrigues combateu em Jacaquá uma força do governo e o tenente-coronel Mingote da Cunha fez frente no passo do Catarina aos tenentes-coronéis Amadeu Massot e Leopoldo Aires de Vasconcelos, luta esta que se prolongou pelos dias 3 e 4.

A "Brigada Missioneira": Depois da tomada de São Francisco de Assis, Honório recebeu o auxílio de elementos

de São Borja e Santiago, que em número de 200 homens e sob a denominação de “Brigada Missioneira”, se lhe reuniram no arroio Santa Rosa no dia 2, no município de São Francisco de Assis.

Essa brigada era comandada pelo coronel Mario Alves Garcia, de 24 anos de idade, que tinha como assistente o tenente-coronel Dinarte R. Dorneles e comandantes do 1.º e 2.º corpos os maiores Bolívar Pinto e Aladin Pinto.

Ocupação de Santiago e Jaguarí: Do ponto da junção, dirigiu-se a coluna sobre Santiago, afim de impedir que o corpo provisório que se achava nessa vila se retirasse para Jaguarí, mas tendo o capitão Caetano Dorneles, que chefiava o piquete da frente, comunicado que dois dias antes a força governista a abandonara, por ter sido cientificada da passagem de Honório no passo do Catarina e da tomada de São Francisco de Assis, o coronel Mário Alves Garcia ocupou Santiago no dia 4, tendo, na mesma data, entrado uma força rebelde na vila de Jaguarí. No dia 6 verificou-se a entrada do proprio Honório em Santiago, enquanto Flores da Cunha atingia São Francisco de Assis nesse dia e Santiago 3 dias depois.

No dia 5 o coronel Mário Alves Garcia, com a “Brigada Missioneira”, prosseguiu marcha, de Santiago, por Chica Corrêa e fazenda de Taquarembó (de Januário Chagas), indo transpor o rio Camaquã no passo das Turmas e acampar no dia 6 no campo de Teófilo Pereira, 3.º distrito de São Luiz Gonzaga.

Dai moveu-se a brigada no dia 7 para os campos de Porfírio Pereira e Biguá, de onde seguiu o major Aladin Pinto em procura do coronel Virgílio Gonçalves Viana, que andava no campo de São Gabriel, perto de São Borja.

Este chefe revolucionário havia partido, com a 1.ª brigada, do campo de João Evangelista Dorneles no dia 7, com ordem do general Honório de se reunir à brigada de Dom Pedrito (coronel Otaviano Fernandes), que levava um dia de marcha.

Depois de passar na vila de Santiago e no campo de Máximo de Freitas encontrou-se em 7 a 1.^a brigada com a força pedritense. Desprendeuse nesse dia um piquete de 10 homens, que foi à ponte de Itú, no passo de Porteirinha, marchando juntas as duas brigadas até o capão de Mandijú; no dia seguinte foram ao campo de Vicente Goulart, de onde seguiu o major Alvaro Rosado Pereira, com 40 homens, para guarnecer o passo de São José, no rio Camaquã, por supor o coronel Viana que as forças legalistas de São Luiz Gonzaga viessem perseguidas pelo general Honório, que operava na margem direita do dito rio.

Transposta a ponte de Iguariaçá, ficou guarnecendo-a o coronel Otaviano Fernandes, um piquete do qual bateu no passo da Ponte, 3.^o distrito de São Luiz, uma força inimiga, que foi perseguida até Chambucú, na divisa com o campo nacional de São Gabriel. Nesta incidência o coronel Viana seguia sobre a ponte de Passo Novo, no rio Camaquã, afim de evitar que as forças legais de São Borja viessem apoiar as de São Luiz Gonzaga, que vinham perseguidas por Honório, conforme dissemos, porém ao chegar ao passo de Chambucú encontrou de volta o tenente-coronel Dinarte Dorneles, que ali fôra e lhe informou haver o coronel governista Protásio Dorneles Vargas já ocupado a referida ponte.

Viana retrocedeu para o passo de Iguariaçá e passo da Ilha, no rio Itacoroví, deixando o tenente coronel Dorneles, em 10, nos matos de Chambucú para observar os movimentos do inimigo.

O capitão Naziazeno Cardoso foi enviado ao capão de Mandijú e quando a sua coluna já estava em Itacoroví, soube o coronel Viana que havendo o coronel Protásio Vargas, na noite de 9, abandonado a ponte de Passo Novo, o tenente-coronel Dorneles a ocupara.

Imediatamente Viana ordenou que o tenente coronel Érico Duarte, com o 2.^o corpo, ocupasse a ponte de Piauí, a 7 léguas de São Borja, mandando um piquete à estância de Santa Rita e determinou que o major Álvaro Rosado Pereira seguisse do passo de São José para a ponte de Iguariaçá.

Ainda na noite de 10, passaram a ponte guarneçada por Dinarte Dorneles, as forças de Viana, Fernandes e Álvaro Rosado Pereira.

Combate de Itaroquem: A “Brigada Missioneira”, do coronel Mário Alves Garcia, que havíamos deixado em Biguá, deslocou-se no dia 9 para a fazenda de Felisbino de Aquino e Itaroquem e no dia 10, apoiada por um piquete do tenente-coronel Democratino Silveira, chocou-se em Santa Ana, 3.º distrito de São Borja, com o corpo provisório de São Luiz Gonzaga, do coronel Raimundo Gomes Neto, com o efetivo de 200 homens. A força governista foi batida, deixando 30 mortos, 42 prisioneiros, 260 cavalos e uma carroça com armas e munições, sendo perseguida até à ponte do rio Urucutaí. Este combate é chamado também de São José ou Manoan.

Ocupação de São Luiz Gonzaga: No dia 11 retrocedeu a “Brigada Missioneira”, indo aos campos de Itaroquem, na fazenda de Inácio de Sá, onde reincorporou o major Aladin Pinto, e daí, em 12, foi a Santo Antônio, casa de Reginaldo Krieger e ponte de Piratiní, entrando na cidade de São Luiz Gonzaga a 13 de Outubro, ocupada pelo general Honório Lemes neste dia.

No dia seguinte foi a dita brigada à Itapeví e em 14 à ponte de Piratiní, que foi queimada no dia 16.

Vejamos agora o que ocorreu com a coluna do coronel Virgílio Gonçalves Viana, que deixamos na ponte de Iguariacá.

O tenente-coronel Érico Duarte, que havia chegado à ponte de Piauí na noite de 11, teve ordem de procurar incorporar-se à coluna.

Neste mesmo dia o coronel Otaviano Fernandes seguiu em perseguição do coronel Protásio Vargas pela margem direita do Camaquã e foi ocupar o passo da Barca, a 3 léguas de São Borja, enquanto o coronel Virgílio Viana permanecia em Passo Fundo, porém Fernandes encontrou-se, duas léguas além, com as forças de São Luiz Gonzaga, que vinham urguidas por Honório, e Viana teve de acorrer em seu apôio. Quando chegou ao local, já o general Honório e o coronel Fernandes haviam derrotado a força legalista, perseguindo-a sobre

Urucutai, motivo pelo qual o comandante da 1.^a brigada voltou a ocupar o ponto que estava guarnecendo.

Em 12 deu-se um choque na ponte do rio Piratiní, deixando o capitão legalista Galdino Batista um prisioneiro em poder dos revolucionários.

No dia 13 Viana, depois de reincorporar a força do capitão Naziazeno Cardoso, que regressava do capão de Mandijú, seguiu por ordem de Honório para a ponte de Piratiní, fazendo junção com o seu general em Santo Inácio, nos campos de Inácio de Sá.

A “Brigada Missioneira”, que deixamos queimando a ponte do rio Piratiní, esteve novamente em São Luiz Gonzaga no dia 16 e foi à cabeceira do Chambucú e ao povoado de São Lourenço.

Combate de Santa Ana: A uma légua dêsse venerável burgo jesuítico, foi batida pelo coronel João Batista Luzardo, das 16 às 19 ½ horas, em Rincão de Santa Ana, estância de Estêvão Pires e arroio Santa Bárbara, no 7.º distrito de São Luiz Gonzaga, o coronel Nepomuceno Saraiva, que foi perseguido uma légua, deixando 4 mortos, 9 feridos e 6 prisioneiros. Dêste combate participou, com 50 homens, o coronel Mário Alves Garcia, morrendo o capitão Acilino Ramos, natural de Itaquí, e mais 4 companheiros. 5 feridos perderam ainda os revolucionários.

Estes foram em 17 a Ijuízinho, ponte de Urubucarú, São João Mirim, Itú de Santa Tecla e Rincão dos Calistros.

Combate de Carajazinho: Neste dia 17 as forças de Honório e Flores da Cunha combateram no município de Santo Ângelo, em Carajazinho, São João Mirim, São João Velho, Geraldino, Urubucaruzinho e Urubucarú Grande, tendo 3 feridos a primeira e 4 mortos e 8 feridos a segunda, contando-se entre os feridos revolucionários o coronel Mallet dos Santos. Neste combate recebeu grave ferimento, em consequência do qual veio a falecer anos depois, o jovem tenente-coronel Democratino Silveira, que era natural de Cruz Alta e um dos mais inteligentes, bravos e ativos vanguardeiros de Honório.

No dia 18 a “Brigada Missioneira” foi ao Rincão da Palma, no campo de Domingos Pinto, dirigiu-se ao passo da Lage e desceu a margem direita do rio Jaguarí, indo acampar na fazenda Nazário, a 6 léguas do passo Floriano, no rio Inha-capetum.

No dia subsequente a brigada de Mário Garcia se dirigiu ao campo do Nazário, fazenda de Boa Vista (de Amâncio Chaves) e fazenda de Casa Branca (de Inácia Genro), indo transpor o passo da Raiz, desprendendo um piquete sobre Vila Flores.

Em 20 a “Brigada Missioneira” entrou na picada de São Xavier, foi à colônia de Toropí, varou o rio Ibicuí no passo da Lenheira, transpôs a estrada de ferro e acampou no passo defronte à parada Bento Gonçalves, de onde saíu o capitão Vicente Pereira Neto, com 10 homens, para danificar a via férrea e suas pontes. Deu-se então um choque com o inimigo, prolongando-se a luta das 16 às 19 horas.

Durante a digressão que com tanta audácia, habilidade e energia fez a coluna de Honório pela Região Missioneira, houve um recontro no 2.º distrito de Rosário entre Juvenal Soares e uma partida revolucionária, no dia 9 e o combate de Inhanduí, no 2.º distrito de Alegrete, em que foi batido Francelino de Barros.

Combate de Inhanduí: Este último deu-se da seguinte maneira: Na noite de 10 de Outubro o capitão Adelo Xavier de Castilhos seguiu de trem, com 115 homens, de Alegrete, e foi desembarcar em Inhanduí, enquanto outra força, vinda pelo mesmo conduto, de Uruguaiana, de 85 homens, fazia o mesmo em Guassú Boi. Na madrugada de 11 foi o coronel Francelino de Barros surpreendido, deixando 4 mortos, 4 feridos e 3 prisioneiros, entre estes o capitão Eugênio Saldanha. As forças vencedoras, que tiveram 5 mortos, regressaram aos pontos de partida, levando alguns feridos.

Ocupação de São Pedro e combate de Ibicuí: Em 21 de Outubro Honório fez a brigada do coronel Teodoro de Paiva Menezes ocupar, pela madrugada, a vila de São Pedro, acorrendo a este ponto o tenente-coronel Amadeu Massot, que se

achava em Dilermando de Aguiar com o 2.º batalhão da Brigada Militar e que sustentou forte tiroteio com aquela força revolucionária a 3 quilômetros da vila.

Enquanto se dava essa ocorrência, Honório fazia a sua coluna transpor o rio Ibicuí no passo da Lenheira, para onde se dirigiu também o coronel Teodoro Menezes ao saber que a travessia estava ultimada. Menezes varou o referido curso d'água e chocou-se, à tarde, com Massot, que, percebendo a manobra inimiga, viera pela estrada de ferro afim de impedir sua junção com o resto da divisão de Honório, que já havia transposto o rio e a via-férrea.

Enquanto Massot tiroteava Menezes, aproximou-se também a coluna de Honório, que procurou envolver a força governista, o que não conseguiu, tendo os revolucionários 6 mortos e feridos (entre estes o capitão Silvino Moreira) e os governistas 4 mortos e 8 feridos.

Em 22 sustentou Honório novo tiroteio, desta vez com o coronel Claudino Nunes Pereira, na estância de Rita Chagas, tendo os rebeldes um morto e um ferido.

Na mesma data uma força revoltosa ocupou a vila de Jaguarí, onde entrou no dia seguinte o coronel Cloraldino Teixeira.

Combate de Olhos d'Água: Honório continuou sua marcha, sempre seguido de Flores da Cunha, transpôs os rios Cacequí e Santa Maria e no dia 27, em Olhos d'Água, no município de São Gabriel, a vanguarda legalista, com o efetivo de 300 homens, comandada pelo caudilho uruguaio major Leônidas Espartano Barrios e a cuja frente se colocara o próprio Flores da Cunha, acometeu a coluna revolucionária.

O 1.º corpo da 1.ª brigada travou luta às 10 horas com os atacantes e o regimento "Vasco Alves" colocou-se à sua direita, carregando sobre o inimigo, tendo nessa ocasião Flores da Cunha conseguido, com dificuldade, livrar-se de ser aprisionado. Esta carga foi secundada por elementos do 1.º corpo da brigada Mário Alves Garcia, dirigidos pelo coronel João Batista Luzardo, sendo aprisionado o major Barrios que apresentava 5 ferimentos.

11 prisioneiros e 16 mortos deixaram os governistas, contando-se entre estes os capitães Gregorio Salgado e Otacilio Diogo Hamilton. Os revolucionarios tiveram 3 mortos e 5 feridos, entre aqueles o capitão Narciso Cardoso. Negrito Barrios foi levado à presença de Honório, tendo êste, em atenção a seu estado, mandado recolhê-lo a um pôsto da fazenda Fialho, perto do passo de Ibicuí da Armada, de onde foi depois levado para Livramento.

Combate de Passo da Armada: Uma légua antes dêste passo, o 2.º e 3.º corpos da 1.ª brigada (coronel Virgilio Gonçalves Viana), num flanco, e parte da brigada do coronel Mário Alves Garcia, noutro, ofereceram resistência até o passo. Às 14 horas Honório transpôs o rio Ibicuí da Armada, que serve de divisa entre os municípios de São Gabriel e Livramento, e deixou no passo, confiada ao coronel Mário Alves Garcia, uma fôrça de 200 homens, a qual foi atacada pela coluna do coronel José Antônio Flores da Cunha, que vinha em seguimento do chefe revolucionário.

Depois de 3 horas de luta, 300 legalistas vararam imperceptivelmente o rio num passo a montante e procuraram cercar os defensores do passo da Armada, os quais abandonaram precipitadamente os matos e barrancas do rio, que foi transposto pela coluna governista, a qual seguiu para Livramento, abandonando a perseguição dos revolucionários, que se dirigiram à Porteirinha (4.º distrito de Livramento) e Caverá. O coronel Mário Garcia refugiou-se em Rosário no dia 30.

A versão revolucionária dá à fôrça legalista 114 mortos e 61 feridos, afirmando que Honório teve somente 27 mortos e 10 feridos. Entre as baixas do govêrno estavam o major Vitalino de Ávila e tenente Clementino Rodrigues, mortos, e os maiores Tauro Diogo e Paulo da Silva, feridos. Nos feridos revolucionários se contava o major Osório Lemes e os capitães José Larroque e Emiliano Antônio Jaques.

Foi êste o último combate de importância que pelejou a "Divisão de Oeste".

Em 28 o tenente Gomes da Luz lutou no passo do Ferrão com o coronel Eraclides Conceição, que deixou um ferido e

3 prisioneiros, e no dia seguinte foi batido o capitão Hildebrando Marques Viana.

Hildebrando, quando se restabeleceu dos graves ferimentos recebidos em 19 de Junho e dos quais se tratara em Alegrete, com o intento de se reunir a Honório Lemes transpôs o rio Ibicuí, esteve na estância de Pirajú e voltou ao município de Alegrete, onde foi derrotado pelo capitão Miguel Dias, em Cantagalo, retirando-se para Pay Passo.

O general Honório Lemes da Silva manteve tiroteio com Flores da Cunha em Catí, São Diogo e pontas do Ibirapuitã em 2 de Novembro e dois dias depois o major Fulgêncio dos Santos combateu com o coronel Francisco Flores da Cunha em Marco do Lopes, deixando 4 mortos e 14 feridos, perdendo o chefe legal 2 mortos e 6 feridos.

Durante o armistício repousou Honório e sua gente na estância Guerra, em Santa Rita, município de Livramento.

Em 19 de Dezembro o coronel Teodoro de Paiva Menezes dissolveu sua força, que guarnecia Rosário, e em 20 Honório declarou em Santa Rita dissolvida a sua divisão, tendo mandado na vespéra o coronel Mário Alves Garcia com sua brigada para Santiago, para aí dissolvê-la.

A COLUNA DE ESTÁCIO AZAMBUJA

A 3.^a divisão do Exército Libertador obedecia ao mando de Estácio Xavier de Azambuja, velho campeador federalista, nascido em Bagé em 1860 e que trazia da guerra civil de 1893-1895 uma vasta fôlha de serviços, pois nela tivera atuação destacada, como oficial superior das forças revolucionárias.

Elevado a general em 8 de Março e incumbido da organização da referida 3.^a divisão, viu congregar-se para a formação da mesma um elemento numeroso e de alta distinção cultural e social, do qual se poderia ter formado uma eficiente e garbosa coluna, que muitos serviços prestaria à causa revolucionária.

Entretanto, tiveram as forças do venerando caudilho o mau fado de um retumbante revés ainda no período de for-

mação, fracasso êste que as desorganizaram profundamente, lançando o desânimo e a descrença na sua posterior atuação, notável pela falta de pugnacidade, além de produzir o afastamento de muitos daqueles que haviam ocorrido a suas fileiras cheios de fé e entusiasmo.

A “Brigada de São Gabriel”: Em 20 de Abril os elementos oposicionistas do município de São Gabriel levantaram-se em armas na campanha, lançando um manifesto assinado por José Narciso Antunes, Dr. Camilo de Freitas Mércio, Dr. João Raimundo da Silva Neto, João Otacílio de Macedo, Dr. Carlos da Silveira Antunes, Francisco de Macedo Couto, Marcílio de Macedo, Pereira Abbott, Dr. José Narciso da Silveira Antunes, Dr. Otacílio Ribeiro de Moraes, Dr. Miguel Olivé Leite, Cesário Prates Chaves, Clarestino Bento da Silva, Damião Sabino Rosado, Valério Teixeira Neto, Francisco Rosado Teixeira, Orlando de Oliveira Belo e João Manoel Cardoso.

O coronel José Narciso Antunes, a frente dos que se prontificaram a marchar em seguida, a 24 já se achava acampado no passo do Guterres, no rio Taquarembó, divisa do município de Lavras com o de Dom Pedrito, onde chegaram, na véspera, novos elementos que sob o comando do Dr. Camilo de Freitas Mércio haviam se congregado em Santa Cecília, no município de São Gabriel. Naquela data o 2.º corpo de cavalaria de São Gabriel, sob o comando do coronel Antunes, compunha-se de 4 esquadrões, ao mando, respectivamente, dos capitães Alfredo Mena Barreto, Anselmo Vaz, Onofre José de Souza e Segundo Leão Ribeiro.

Ocupação de Dom Pedrito: No dia 21 havia se verificado a entrada do coronel Demétrio Mércio Xavier na cidade de Dom Pedrito, a frente de 600 revolucionários.

Junção de Neto e Estácio: O general revolucionário José Antônio Neto procurou aproximar-se do ponto para onde convergiam as forças que iam formar a divisão do general Estácio Azambuja e em 3 de Maio ambos os caudilhos revolucionários fizeram junção.

Em 6 houve um pequeno encontro em Rio Negro entre o tenente-coronel Januário Maximiliano de Lemos e um piquete rebelde comandado por Cândido Xavier de Azambuja e no dia 8 o coronel Julião Virgílio de Barcelos entrou na vila de Lavras.

Em 9 de Maio recebeu Estácio pelo Dr. Adalberto Corrêa notícias do general Honório, que vinha ao seu encontro e no dia seguinte, do passo da Ferraria, escreveu o chefe da 3.^a divisão ao comandante da "Divisão de Oeste", cientificando-o de que estava operando em combinação com o general Neto e que aguardava para breve a incorporação da brigada do coronel Pedro Severo, opinando que Honório se dirigisse além de Dom Pedrito procurando as pontas do Poncho Verde e o rumo de Três Vendas. Delineava Estácio uma junção das 3 divisões, para todos reunidos enfrentarem as fôrças de Bagé e as do coronel Claudino Nunes Pereira, que, sabia, projetavam atacá-lo.

Estácio tinha sob suas ordens Camilo de Freitas Mércio, Manoel José da Silveira, os irmãos Saldanha (que haviam deixado Honório após o fracasso de Uruguaiana), Toríbio Gomes Soares, Pedro Severo, etc.

Em 12 houve um recontro perto do passo de Dom Pedrito e dois dias depois a cidade dêsse nome foi ocupada pelo supracitado chefe legalista, que combateu no passo de Santa Maria com o coronel Acácio Mena.

Combate e dispersão de Santa Maria Chico: No dia 15, logo depois que a coluna de Neto desligou-se da de Estácio para prosseguir em sua marcha, deu-se a catástrofe de Santa Maria Chico, cuja consequência foi a debandada do "povo reunido" que deveria constituir a 3.^a divisão do Exército Libertador, pois, ao que se diz, três quartas partes estavam desarmados ou quase.

Atacadas pelos tenentes-coronéis Claudino Nunes Pereira, José Antônio Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva, as fôrças rebeldes, tomadas de surpresa pela deficiência, parece, do seu serviço de vigilância, resistiram por espaço de 3 horas nas pontas do Santa Maria Chico, Rincão dos Almeidas, pas-

sos da Ferraria Velha e do Bento Rengo e picadas do Alonso e de Lajeado.

Entre os que procuraram enfrentar o assalto governista estavam os coronéis Francisco de Macedo Couto, Damião Sabino Rosado e Clarestino Bento da Silva, os maiores Arnaldo Melo, Marcírio de Macedo, Otacílio Ribeiro de Moraes e Carlos da Silveira Antunes, os capitães Oscar de Azambuja, Luiz Antônio da Porciúncula, Ambrósio Lock, Fábio Azambuja Filho, Sérgio Vaz, José da Silveira Antunes, etc.

Entre os feridos revolucionários estavam o coronel Vasco Martins e capitão Perú Ungaretti e os prisioneiros os oficiais Ernesto Labarthe, Domingos Barreto Gonçalves, Halleyrand Martins, etc., contando-se entre os mortos o coronel Adão Latorre, com 86 anos.

O coronel Manoel José da Silveira e os irmãos Drs. Juvenal, Athos, Gaspar e Abrilino Saldanha (que já haviam pertencido á coluna de Honório), com elementos de Livramento e Alegrete, foram costeando a linha divisória para a primeira destas cidades. Estácio seguiu para o interior e os elementos de São Gabriel, sob a direção do coronel Camilo de Freitas Mércio, foram a São Luiz e daí para a estância dos Mércios, em território uruguaio, levando 8 homens feridos.

Ocupação de Caçapava: No dia 18 fôrças do general Estácio entraram em Caçapava, mas no dia seguinte uma partida de Flores da Cunha também aí penetrou, dando-se no 3.º distrito de Bagé, em 24, um choque sangrento entre o tenente Tomaz Thompson Flores e um piquete rebelde, que deixou 3 mortos e um ferido.

Ocupação de Pinheiro Machado: Estácio tiroteou em 25 no passo dos Enforcados e, juntamente com o general Neto, entrou em 29 na vila de Pinheiro Machado, verificando-se em 2 de Junho um encontro no município de Caçapava com o tenente-coronel Lídio Nunes Pereira, oficial êste que 3 dias depois hostilizou Estácio no lugar chamado Apertado; na mesma data em que o coronel Hipólito Ribeiro Junior ocupou Pinheiro Machado.

O general insurgente procurou aproximar-se da fronteira, vendo-se abandonado pela gente de Dom Pedrito, e em 18 o coronel Camilo de Freitas Mércio, vindo do territorio uruguaio e a quem o coronel José Narciso Antunes passara o comando da brigada de São Gabriel, já se achava com 200 homens em Minuano, com o desígnio de incorporar-se a Estácio.

Volta da “Brigada de São Gabriel”: Em 19 o coronel Mércio organizou em Aceguá a sua brigada, dividindo-a em dois regimentos (3.º e 4.º), comandados pelos tenentes-coronéis Clarestino Bento da Silva e Manoel da Porciúncula e em 26 de Junho permanecia nos poteiros de Ana Corrêa, de onde se dirigiu ao general Estácio reiterando o apôio da “Brigada de São Gabriel”.

Esta unidade, nas diversas fases que atravessou até o final das hostilidades, viu passar em suas fileiras os seguintes officiaes:

Coronéis José Narciso Antunes, Camilo de Freitas Mércio e Coriolano Alves de Oliveira Castro; tenentes-coronéis Clarestino Bento da Silva, Damião Sabino Rosado, Julião Virgílio de Barcelos e Manoel da Porciúncula; majores Arnaldo Melo, Carlos da Silveira Antunes, Êr Pereira Abbott, João Cândido de Brites, João Carlos Niemeyer, João Otacílio de Macedo, João Raimundo da Silva Neto, José Narciso da Silveira Antunes, Manoel Jerônimo Madruga de Bitencourt, Marcírio de Macedo, Miguel Olivé Leite, Nicanor de Freitas, Otacílio Ribeiro de Moraes, Onofre José de Souza e Valério Teixeira Neto; capitães Alfredo Mena Barreto, Ambrósio Lock, Aníbal de Borba, Anselmo Vaz, Antonio Carneiro, Armando Pôrto, Cesário Prates Chaves, Clemente Afonso da Silveira, Cruz Saraiva, Domicílio M. da Silveira Santos, Fábio de Azambuja Filho, Firmiano Marinho da Rosa, Francisco de Assis Santos, Francisco Pereira Luiz, Franklin Ferreira de Vargas, Heitor de Barcelos, Henrique Alves de Oliveira, Hermenegildo dos Reis Porciúncula, Honorato Penedo da Silva, Jacinto Gonçalves, José Gabriel Alves de Oliveira, Leopoldo da Rocha, Luiz Antônio da Porciúncula, Luiz Gonzaga Gomes, Natálio Alves

de Oliveira, Otavio da Rocha Outeiral, Orfelino Soares Leal, Oscar de Azambuja, Pedro Ferreira da Cruz, Rodolfo Augusto Fayett, Segundo Leão Ribeiro, Tupí Garcia e Virgílio de Barcelos; 1.^{os} tenentes Ademar da Costa Alves, Adierbal de Saraiva, Antônio Cândido de Freitas, Antônio Soares Leal, Armando Climaco dos Santos, Ascendino Wilde de Moraes, Ave-lino Dutra, Belo Dorneles, Cândido Rodrigues, Coriolano de Castro Filho, Egídio da Silveira Rosa, Euclides de Bitencourt, Eusébio Anhaya, Fábio Garcia, Gratulino Pereira Alves, Inácio Pereira, Jerônimo Rodrigues, José de Lima, Júlio Prates, Manoel Cesário Xavier, Miguel di Pietro, Saldanha da Porciúncula, Silvino Ribeiro Peixoto, Vasco de Barcelos, Vasco do Canto Oliveira e Virgílio Ferreira da Cruz; 2.^{os} tenentes Aparício Rodrigues de Freitas, Carlos de Moraes, Carlos Robinson, Cipriano dos Santos Menezes, Domingos de Vargas, Epaminondas Machado de Vargas, Favorino Dias, Garibaldi Bento da Silva, Garibaldi Saldanha, Gervásio Padilha, Henrique de Oliveira Luiz, João Wilth de Moraes, José Alves de Oliveira, José do Canto Oliveira, José Serafim de Castilhos, Laudelino Lopes, Laudelino de Moura, Luiz Biriva Vicente, Marciano Cavalheiro, Marcílio Cabral, Maximiliano Pereira, Nandoca Pontes, Napoleão Pereira, Prifaldino Soares de Moraes, Propício Severo Fialho, Pulciano Roquet, Ricardo Bica Neto, Teodoro Lopes, Vasco Alves de Oliveira, Vítor Modesto de Camargo, Virgílio da Silva e Zobaram Bento da Silva.

Estácio em 3 de Julho pelejou em Candiota com o tenente-coronel Antônio Nunes Garcia, que teve um ferido.

Em 6 achava-se o coronel Torfíbio Gomes Soares, com a 1.^a brigada, nos campos da viúva Gervásio, nas pontas do Tigre (município de Bagé), quando o general Estácio lhe determinou que marchasse sobre Caçapava. Aquele coronel partiu com o 1.^o regimento (tenente-coronel João Barboza Portinho), transpôs à noite o passo dos Enforcados e na manhã de 8 defrontou os cêrros de Caçapava.

Combate e tomada de Caçapava: Os piquetes dos maiores Fraudelino Pereira da Costa e Antônio Dias e capitão Vítor Veríssimo, tomaram posição no forte da Lagoa, Cêrca de

Pedra e forte de Caçapava, enquanto outros dois grupos situavam-se a leste e oeste da posição adversária, tendo início o combate às 10 $\frac{1}{2}$ horas. Depois de uma hora de resistência renderam-se os governistas, ficando prisioneiro o coronel Gaspar Mino de Bem e Canto e morto o tenente Corinto de Bem e Canto, além de 3 feridos. Dos atacantes foi ferido o tenente Benício dos Santos Braz. No dia 9 o coronel Gomes Soares fez lavrar uma ata alusiva à tomada da cidade e em 14 já se achava nas pontas do Irapuá.

No dia 8 achava-se a 2.^a brigada (de São Gabriel) em Traíras, 4.^o distrito de Bagé, tendo na véspera o seu chefe nomeado o major Valério Teixeira Neto para substituir o tenente-coronel Clarestino Bento da Silva no comando do 3.^o regimento.

Ocupação de São Sepé e Dom Pedrito: Em 9 verificou-se a entrada do major João Simões Pires na vila de São Sepé e em 19 a do coronel Luiz Firpo na cidade de Dom Pedrito.

A 2.^a brigada (de São Gabriel) no dia 15 se encontrava na margem direita do Camaquã e em 24, em Guarda Velha, município de Caçapava, tendo nesta data o major Marcírio de Macedo entrado na cidade dêste nome e o coronel Mércio nomeado o major Êr Pereira Abbott para suceder ao major Valério Teixeira Neto no comando do 3.^o regimento.

Em 27 de Julho o capitão Ausônio Bica, do corpo provisório de São Gabriel, prendeu o capataz da estância do Céu, queixando-se os proprietários dêste estabelecimento pastoril, srs. Antonio Maria Martins & Filhos, da prática de diversas violências em sua fazenda.

No dia 25 o coronel Baltazar Guaraní de Bem e Canto entrou na vila de São Sepé a frente de 250 legalistas, travando combate em 28 em São João, 5.^o distrito daquele município, com fôrças do general Estácio.

Ocupação de Caçapava: Quanto a êste, fez sua entrada em Caçapava no dia 28 e aí se deteve até 31, tendo em 29 recebido a incorporação da brigada de São Gabriel.

Neste interim deu-se um recontro no passo do Valente no dia 29 e em 3 de Agôsto num passo do rio Vacacaí, entre

a estância do Céu e a charqueada de Vacacaí, Otacílio Camará Martins e Idalício Ferreira lutaram contra 3 soldados provisórios que os atacaram, ficando o primeiro ferido e dois destes, mortos.

O coronel Camilo de Freitas Mércio, comandante da brigada de São Gabriel, substituiu em 1.º o major Êr Pereira Abbott pelo tenente-coronel Clarestino Bento da Silva no comando do 3.º regimento e em 5 o tenente-coronel Manoel da Porciúncula pelo coronel Coriolano Alves de Oliveira Castro no do 4.º regimento.

No dia 3 esta brigada acampou na estância de Martim Pons, no 5.º distrito de Caçapava e em 5 um piquete de Estácio combateu no passo de São Lourenço, a 2 léguas de Cachoeira, com o major Sensúrio Cordeiro.

Em 6 de Agôsto, depois de haver a coluna do general Estácio transposto o rio Santa Bárbara, no passo do Souza, aquele caudilho revolucionário fez o coronel Camilo de Freitas Mércio, comandante da 2.ª brigada (de São Gabriel), desprender sôbre São Sepé uma fôrça de 30 homens, sob o comando do major João Cândido de Brites, que levou também o major Carlos da Silveira Antunes.

Ocupação de São Sepé: Este destacamento dirigiu-se a Boqueirão e à noite transpôs o passo de São Rafael, alcançando às 4 horas do dia 7 a fazenda de José de Vargas e às 7 horas o passo do Fraga, entrando pouco depois na vila de São Sepé, de onde na véspera a guarnição legalista se retirara para Formigueiro, Restinga Sêca e Cachoeira. No mesmo dia 7 o capitão Pio Barreto, que viera de Lavras, reuniu-se com sua fôrça, na vila, ao major Brites. No dia seguinte êste seguiu para Cêrca de Pedra e Pio Barreto para Formigueiro.

Na mesma data em que se deu a incruenta ocupação de São Sepé, o major Sérvulo de Souza bateu-se no passo da Botica, 6.º distrito de Bagé, com o capitão revolucionário Ramão da Silva, tendo aquele 2 baixas, e o capitão Donato Nunes de Menezes tiroteou uma partida de Estácio no 2.º distrito de Cachoeira.

Em 9 de Agosto o major Marcírio de Macedo estava em sua estância, no município de São Gabriel e em 18 encontrava-se na mesma fazenda o major João Otacílio de Macedo.

A brigada de São Gabriel em 10 achava-se em Boqueirão, no município de São Sepé, onde desdobrou seu efetivo em mais um regimento, o 5.º, que ficou sob o comando do tenente-coronel Julião Virgílio de Barcelos, e em 13 acampou a mesma brigada em Salsinho, município de Caçapava.

Veio operar contra a coluna de Estácio o coronel Claudino Nunes Pereira, que em 23 penetrou na vila de São Sepé e dois dias depois pelejou com o chefe rebelde na estância de Antônio de Macedo, no município de Lavras, tendo 6 mortos e 17 feridos e os insurretos 2 mortos.

Ocupação de Lavras: No dia seguinte entrou Estácio em Lavras e em 27 o coronel Clarestino Bento da Silva combateu a uma légua desta vila, no passo do Camaquã de Lavras, na estância de São Domingos, com o coronel Claudino, que perdeu 3 mortos e 6 feridos e Clarestino um morto. Depois desse encontro, o coronel legalista entrou em Lavras.

Novos tiroteios sustentaram Claudino e Estácio nos dias 28, 29 e 30 e em 1.º de Setembro encontraram-se novamente em Capão Bonito, na estância de Boa Vista, município de Caçapava, tendo os governistas 4 mortos.

Em 29 o capitão Ramão bateu-se em Prado Velho, a uma légua de Bagé, com uma partida do govêrno.

Os dois chefes adversos Claudino e Estácio continuaram seus costumados tiroteios em 2, 3, 4 e 5 de Setembro.

A brigada de São Gabriel pairava em 31 de Agosto por Boa Vista, 2.º distrito de Caçapava, e em 4 de Setembro pelas pontas do Cambaí, onde, no dia seguinte, deixou o seu comando o coronel Camilo de Freitas Mércio, que seguiu para a República Oriental do Uruguai, assumindo a direção da força o coronel Clarestino Bento da Silva.

Combate do Passo da Juliana: No dia 6 a vanguarda do coronel Claudino Nunes Pereira entrou em contacto no arroio Cantagalo com a retaguarda do general Estácio, comandada pelo capitão Sílvio Piégas Fernández, às 13 ½ horas. Es-

tácio fez o regimento do coronel Coriolano Alves de Oliveira Castro apoiar-se nas nascentes de um afluente do rio Vacacaí e o regimento do tenente-coronel Clarestino Bento da Silva nas vertentes de um tributário do rio São Sepé, a 6 quilômetros do passo da Juliana, no referido rio São Sepé e a 5 léguas da vila dêste nome.

Depois de uma hora de luta, retraiu-se a linha revolucionária para êste passo, na estância da Viúva Rocha, onde se achavam os tenentes-coronéis Julião Virgílio de Barcelos e João Barboza Portinho, tendo o general Estácio mandado guarnecer previamente duas picadas a montante do Passo Real, no que andou bem, porque uma delas foi investida pelos governistas, sendo o ponto defendido pelo capitão Pedro Palma. Às 18 horas terminou a pugna, tendo os revolucionários 3 feridos, entre os quais o capitão Heitor de Barcelos. A versão revolucionária dá aos governistas 30 mortos e 120 feridos e extraviados, o que achamos evidente exagêro em vista das insignificantes baixas que dizem os insurgentes ter sofrido.

Em 7 houve novo encontro entre os beligerantes, batendo-se desta vez Estácio em Formigueiro com o major Júlio Rafael de Aragão Bozano, perdendo aquele 2 homens, mortos, verificando-se em 9 a entrada do coronel Claudino em Lavras e em 13 um choque em São Domingos, no passo do rio Camaquã, entre aquele coronel e Julião Virgílio de Barcelos, que teve 2 mortos, atribuindo 20 baixas ao seu adversário.

No dia 12, Estácio, nos campos de Claro Simões Pires, 4.º distrito de Bagé, nomeou o tenente-coronel Clarestino Bento da Silva para suceder ao coronel Camilo de Freitas Mércio no comando da 2.ª brigada, assumindo a direção do 3.º regimento o major Marcírio de Macedo e passando o tenente-coronel Manoel da Porciúncula a comandar um esquadrão então criado.

Estácio e Neto — Ocupação de Caçapava e Lavras: Caçapava foi ocupada novamente por elementos de Estácio em 14 e no dia seguinte êste general reuniu-se ao general José

Antônio Neto entre os rios Camaquã e Palmas, sendo ocupada Lavras no dia 17.

Tiroteio em São Gabriel: Achando-se as forças de Neto e Estácio, no dia 18, a 5 léguas de São Gabriel, desprendeuse delas, às 20 horas, sob o comando do tenente-coronel Claestino Bento da Silva, uma pequena força, que se aproximou daquela cidade, tendo sido inutilizado um trecho da estrada de ferro para Bagé.

A defesa da cidade estava confiada à “Guarda Republicana”, comandada pelo sr. Adel Bento Pereira, que tinha como secretário o sr. José Sampaio Marques Luz.

Na madrugada de 19, às 4 horas, o major Arnaldo Melo, com 6 homens, atacou a ponte do rio Vacacaí, mantendo fogo com o piquete que a guarnecia, do qual feriu 3 homens. O piquete legalista que se achava a jusante, no passo da Lagoa, correu em auxílio daquele, prolongando-se por duas horas o tiroteio entre ambas as facções.

Não tendo a cooperação, que solicitara, do coronel Claestino (pois esse ato seu foi contrário à opinião da maioria dos oficiais revolucionários, que não desejava efusão de sangue em São Gabriel), teve o major Arnaldo Melo de se retirar, dando-se à tarde a volta dos elementos rebeldes à coluna de onde partiram.

Na tarde de 19, veio de Rodeio Colorado para São Gabriel o 4.º corpo provisório, do comando do coronel Manoel Bica, e à noite chegou de Bagé o 2.º batalhão da Brigada Militar, ao mando do coronel Amadeu Massot, o qual prosseguiu viagem à meia-noite de 20.

Neste dia, 20, a vanguarda do coronel Claudino Nunes Pereira acampou na fazenda de Fernando Machado de Souza sob o comando do coronel Guaraní de Bem, o qual foi até à cidade para conferenciar com os coronéis Manoel Bica e Francisco Hermenegildo da Silva.

A versão governista desse combate da ponte do Vacacaí, junto à cidade de São Gabriel, afirma que entre os atacantes estavam o coronel Claestino Bento da Silva, maiores João Otacílio de Macedo, Arnaldo Melo, Miguel Olivé Leite e Mar-

círio de Macedo, capitão Cesário Prates Chaves e Tenente José Serafim de Castilhos e que dois dêles foram feridos, retirando-se os restantes para Cambaí.

No dia 19, a 3 léguas de São Gabriel, houve tiroteio entre elementos de Estácio e Claudino no passo do Ivo e em 21 deram-se três encontros, a saber: — no passo da Botica, costa do rio Negro, entre os capitães Moreira e Tomaz Tompson Flores e o capitão revolucionário Ramão da Silva, no qual foi morto Tompson Flores; — no passo do Valente, no mesmo rio, entre o major Pedro Martins e os maiores legalistas Sérvulo de Souza e Rômulo de Barcelos; — no passo dos Becas e picada do Petinga entre o tenente Waldomiro Garcia e uma fôrça governista.

Dois dias depois, novamente três choques se deram entre os beligerantes: — o primeiro no passo de Bossoroca e São João, município de São Sepé, no qual Estácio se bateu com os capitães Adelino C. Bernardes e Carlos Nogueira da Gama, tendo apenas um ferido; — o segundo na ponte do rio São Sepé e o terceiro na própria vila de São Sepé, no qual o mesmo grupo que pelejara na ponte, bateu-se com o tenente-coronel Baltazar Guaraní de Bem e Canto.

No dia seguinte, 24, houve novo choque entre Estácio e Claudino em Formigueiro e em 25 entrou êste último chefe em Caçapava e teve lugar um tiroteio no passo de São Borja, no rio Santa Maria, entre o tenente-coronel Manoel da Porciúncula e uma fôrça legalista.

Por estes dias Neto separou-se de Estácio e rumou para a sua zona favorita do Camaquã, teatro de suas façanhas, onde conhecia o terreno palmo a palmo.

Em 26 deu-se em Balsa e Carpintaria um combate entre o coronel governista Aníbal Trilha de Lemos e os coronéis Manoel Jerônimo dos Santos e Toríbio Gomes Soares, deixando estes um morto, 2 feridos e um prisioneiro, com a perda, para os legais, de 3 mortos e 6 feridos. No mesmo dia houve no passo das Tunaç, município de São Sepé, um pequeno choque.

Voltou a pelear Estácio em 2 de Outubro em Guaritas, município de Caçapava, desta vez com o capitão João Vargas de Souza, que lhe infligiu 3 baixas (1 morto, 1 ferido e 1 prisioneiro).

Ocupação de São Sepé: O caudilho João Castelhana atacou e tomou a vila de São Sepé em 4 do mesmo mês, dando-se neste mesmo dia no 2.º distrito de Caçapava o combate de Seivalzinho, a 6 léguas de Caçapava, entre o coronel Julião Virgílio de Barcelos e o tenente Breno Guaraní de Bem e na estância Macedo (município de Caçapava) e em Cêrca de Pedra (2.º distrito de São Sepé) disputados tiroteios entre Estácio e o tenente-coronel Baltazar Guaraní de Bem e Canto.

Ocupação de Caçapava: No dia 5 Claudino e Estácio tirotearam-se de novo em Acampamento Velho e uma força revolucionária entrou em Caçapava, que foi recuperada em 7 pelo major Júlio Rafael de Aragão Bozano.

Ocupação de Lavras: O coronel Claudino penetrou em Lavras no dia 10 e em 16 hostilizou a força do tenente-coronel Manoel Jerônimo dos Santos, o qual lutou novamente, no dia seguinte, desta vez com o tenente-coronel Aníbal Loureiro, em Aceguá e arroio Minuano.

Emigração de Estácio: Em 18 o tenente-coronel Baltazar Guaraní de Bem e Canto investiu em Ana Corrêa os restos das forças do general Estácio, compelindo o chefe revolucionário a se refugiar no Uruguai.

Teve assim melancólico ocaso a 3.ª divisão do Exército Libertador, que aos poucos se havia desagregado e dissolvendo, num estiolamento progressivo e sem remissão de cinco longos meses. Elementos seus haviam se unido a Zeca Neto e outros se ocultado, aguardando oportunidade para se incorporarem à coluna de Honório.

O coronel Clarestino Bento da Silva, com elementos de São Gabriel, não quis emigrar e contramarchou dos poteiros de Ana Corrêa para o interior do Estado e em 25 entrou na vila de Lavras, de onde se deslocou para Tapera, na costa do rio São Sepé.

Em 23 o capitão Alcides de Souza entrou em Pederneiras.

Dias depois o referido coronel Clarestino partiu, com 97 homens, de Boqueirão com o desígnio de atacar Santa Maria, levando sob suas ordens os majores João Castelhana e Antenor Soares e capitão Cleto Barreto e ao transpor o rio Vacacaí, no passo do Verde, deixou êste guarnecido pelo chefe revolucionário Pedro de Carvalho Pedroso.

Ataque fracassado a Santa Maria: Em 2 de Novembro recebeu a guarnição de Santa Maria notícia de que os rebeldes haviam varado o passo supracitado e no dia seguinte, às 3,20 horas da madrugada, verificou-se a entrada da coluna na cidade, ficando parte dela estacionada na Caixa d'Água do passo da Alemoa, enquanto outra atacava o capitão Raul Soveral no quartel do corpo provisório, cujas janelas eram revestidas de varões de ferro.

Iniciado o ataque ao edifício por 30 homens do major Antenor Soares, prolongou-se o tiroteio por espaço de 3 horas, carregando os atacantes a peito descoberto contra o portão e janelas do quartel, com temerária e inútil bravura, chegando um dêles a ser morto agarrado às grades de uma das janelas. O coronel Clarestino teve morto o cavalo que montava e se retirou, afinal, com sua fôrça para o passo da Alemoa e daí para São José, por ver que não apareciam os auxílios de gente e de recursos com que lhe acenaram da cidade expugnada para que intentasse a trágica aventura.

9 mortos deixaram os arrojados assaltantes, contando-se entre êles o tenente Rufino Pedroso, e feridos os tenentes Alcino de Moraes, Maurício Flores, José Batista de Lima, Agostinho Rodrigues Aires, Afonso Rodrigues de Oliveira, Claudionor Alves de Freitas, Cesário Rodrigues, Irineu Machado José Ferreira e Alcibiades dos Santos.

No mesmo dia do malogrado ataque a Santa Maria, o capitão revolucionário Cruz Saraiva entrava na vila de Lavras.

Invasão de Estácio: O general Estácio Azambuja, certamente para efeitos do armistício concluído em 2, voltou a repassar a fronteira, passando com 700 homens pelos subúr-

bios de Bagé no dia 4, chegando um piquete a penetrar na praça da República.

A coluna revolucionária seguiu pela estrada de San Martin para Santa Tecla, fazendo parte de suas fôrças o general Francisco Wenceslau Pereira e os coronéis Camillo de Freitas Mércio, Toríbio Gomes Soares, Anaurelino da Rosa e Bertolino Nunes (cujo filho, o capitão Nunes, foi morto nessa ocasião).

Na data da passagem da coluna de Estácio, o major Rômulo de Barcelos e o capitão Pedro de Lima combateram os invasores no passo do Empedrado e na chácara do Arejano, matando-lhes 2 homens, com a perda somente de 1 ferido.

No dia 25 o tenente revolucionário João Vicente Moreira foi atacado por uma fôrça governista no passo do Maio, em São Sepé, sendo mortos 3 dos seus companheiros.

A COLUNA DE ZECA NETO

Na região do baixo Camaquã levantou-se em armas um chefe que dentro em breve se salientaria pela celeridade e subtileza inegualáveis de suas operações de guerra, livrando-se com suma estratégia das combinações tácticas dos seus adversários e caindo sôbre estes, com a rapidez do raio, nos momentos oportunos.

Era êsse chefe o coronel José Antonio Neto, (sobrinho do célebre general farroupilha Antonio de Souza Neto), nascido em São João de Camaquã em 1851, que em 1893 havia defendido a causa castilhista, batendo os revolucionários federalistas em seu torrão natal a 26 de Fevereiro de 1893.

O renome que conquistou na revolução de 1923, coroado pela retumbante tomada de Pelotas, só seria superado pelos feitos de Honório Lemes da Silva.

Ocupação de Camaquã: Em 1.º de Março iniciou Neto os seus feitos guerreiros batendo junto à lagoa das Guampas, na barra do arroio Velhaco, uma fôrça governista comandada pelo Dr. Donário Lopes de Almeida e ocupando, no mesmo dia, a sua terra natal.

Ocupação de Cangussú e Pinheiro Machado: Em 11 de Março o coronel Antero Pedroso de Oliveira ocupou a estação de Piratiní (hoje Ivo Ribeiro) e dois dias após os legalistas abandonaram a vila dêste nome.

Neto reuniu-se ao coronel João Paulo Prestes e no dia 15 ocupou a vila de Cangussú, tiroteando os legalistas em fuga, enquanto o coronel João Rodrigues de Carvalho ocupava a vila de Camaquã em 16.

Em 17 registou-se um pequeno encontro no 5.º distrito de Pelotas e a ocupação revolucionária da vila de Pinheiro Machado.

Neto aclamado general: Sob grande entusiasmo foi em 23 aclamado general o ativo e diligente coronel José Antonio Neto, cujas forças passaram a constituir a 4.ª divisão do Exército Libertador.

Cinco dias após se verificar para os rebeldes tão faustoso evento, deu-se um pequeno choque em Camaquã e a ocupação dessa vila pelos legais.

O coronel governista Francelísio Gonçalves de Meireles combateu em 29 no passo da Guarda com o coronel João Paulo Prestes e no dia subsequente, na coxilha do Fogo e passo dos Marinheiros, com o próprio general Neto, registando-se na mesma data a entrada do coronel Hipólito Ribeiro Júnior na vila de Piratiní, abandonada pelo coronel revolucionário Antero Pedroso de Oliveira.

Ocupação de Encruzilhada e São Jerônimo: Em 31 de Março Neto entrou em Encruzilhada e em 3 de Abril o tenente-coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos, que vinha em seguimento do caudilho rebelde, ocupou a vila. Nos dias 7 e 10 registaram-se os mesmos fatos na vila de São Jerônimo, onde semanas antes, a 16 de Março, se dera uma sedição de mineiros, na qual foi morto um operário.

Ocupação de Camaquã e Dores de Camaquã: Prosseguindo em sua rápida marcha Neto entrou, respectivamente em 14 e 15, nas vilas de São João de Camaquã e Dores de Camaquã.

As forças governistas guarneceram todos os passos do rio Camaquã para tolher os movimentos de Neto.

Em 15 de Abril um piquete do caudilho revolucionário sustentou luta com uma força governista no passo do Mendonça, fazendo-lhe duas baixas e no dia 16, valendo-se de uma ponte provisória, lançada através do arroio Cardoso, avançou Neto, varando logo após aquele rio por um vau. Aberta uma picada de 3 quilômetros de comprimento, foi o chefe revolucionário sair na retaguarda do tenente-coronel legalista José Lucas Martins, que estava no referido passo do Mendonça.

Combate de Passo do Mendonça: A vanguarda rebelde chocou-se com 50 homens das forças governistas no passo do Evaristo e reforçada por 32 homens, fez o adversário recuar. Prosseguindo a coluna libertadora em sua marcha, viu-se às 5 horas sob o fogo das forças de Lucas Martins, que, postadas em dois cêrros, impediam o acesso, não só àquele passo, como ao passo do Mendonça. Travou-se a luta, que só terminou ao meio-dia e às 14 horas lobrigou Neto, na outra margem do rio Camaquã, as forças do tenente-coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos, que vinham em auxílio de Martins e haviam passado pela vila de Camaquã. O caudilho insurreto afastou-se, então, ficando sua retaguarda até às 23 ½ horas no local, enquanto a coluna atingia a estância de Lourenço Crespo e no dia 18 a do coronel Francisco M. de Matos, em Cangussú.

Nesse combate de passo do Mendonça foram mortos, da parte dos legalistas, o capitão Francisco Antonio da Mota, e dos revolucionários o coronel João Paulo Prestes e capitães Pedro Medina e Carlos Reider, ficando feridos os revolucionários tenente-coronel Irineu do Amaral, major Teodoro Kleumann, capitão Maurício da Luz e alferes Carlos Bernardino de Aragão Bozano.

Ocupação de Cangussú e Piratiní: Neto, prosseguindo em suas rápidas manobras, que os governistas chamavam fuga, cognominando-o de Zeca Veado, entrou em 19 na vila de Cangussú e em 24 na de Piratiní, enquanto Manoel Ba-

tista Gomes, seu subalterno, combatia em Dolores de Camaquã, no dia 20.

O tenente-coronel Francelísio Gonçalves de Meireles, chefe de uma coluna legalista, hostilizou uma força revolucionária no passo de Pantanoso e no dia seguinte combateu na coxilha do Fogo os coronéis José Luiz Brisolara e Antero Pedroso de Oliveira, entrando na vila de Cangussú em 23.

Perto do rio Camaquã o capitão Joaquim da Silva sustentou luta em 22 contra uma força rebelde.

Junção efêmera de Neto e Estácio: O general revolucionário procurou aproximar-se dos elementos que estava congregando o general Estácio Xavier de Azambuja e no dia 3 de Maio ambas as colunas fizeram junção, mantendo-se alguns dias em ligação, até que em 15 Neto tomou outra direção, conseguindo no dia seguinte retomar a cavallhada que Estácio havia deixado cair em poder dos governistas no combate de Santa Maria Chico.

8 dias antes verificara-se na estância de Gabriel Borges, no município de Cangussú, um recontro entre os beligerantes, dando-se em 25 o combate de Três Capões, no município de Piratini, entre o tenente Hamilton de Andrade Leão e o capitão revolucionário João Francisco Fabres.

Ocupação de Pinheiro Machado e Herval: Em 29 de Maio Neto e Estácio, momentaneamente reunidos, entraram em Pinheiro Machado, porém o coronel Hipólito Ribeiro Júnior, indo em seu seguimento, penetrou nessa vila em 5 de Junho. No dia seguinte o primeiro daqueles caudilhos sustentou combate com o tenente-coronel Francelísio Gonçalves de Meireles nas serras das Asperezas e da Faxina, repetindo-se o choque entre ambos em data de 7, no passo do Costa e a 13 já se achava Neto a uma légua de Cangussú.

Um subalterno seu, o tenente Ulpiano Paniágua ocupou a vila de Herval no dia 18 e o coronel João Nunes de Campos atacou a vila de Camaquã em 25, mas foi repellido pela guarnição legalista, sendo melhor sucedido na investida que fez em seguida à vila de Dolores de Camaquã, que caiu em seu poder.

Ocupação de Piratini e Cangussú: Em 29 Neto verificou sua entrada na vila de Herval e enquanto o capitão João Francisco Fabres enfrentava o tenente-coronel Juvêncio Lemos no 2.º distrito de Piratini, em 3 de Julho, o lesto caudilho rebelde ocupou a vila dêste nome no dia 4 e a de Cangussú no dia 7.

Ocupação de Cangussú, Camaquã e São Lourenço: Prosseguindo em sua surpreendente atividade bélica, combateu Neto o tenente Olírio Rodrigues da Silva em Iguatemi e ocupou novamente Cangussú no dia 16, ao passo que o coronel João Nunes de Campos se apoderava de Camaquã em 17.

Na data subsequente o tenente Ulpiano Paniágua bateu o chefe governista Costa Leite e entrou em São Lourenço, cuja vila foi recuperada à noite pelos legalistas.

Em 17 Neto se achava no arroio Coronilha, 1.º distrito de Cangussú, quando um dos seus piquetes verificou que estavam acampadas na fazenda do coronel Antero Corrêa de Paiva as forças do tenente-coronel Francelísio Gonçalves de Meireles, que, saindo de Cangussú, fizera um grande arco de círculo, acampando além do cemitério do Pôsto no dia 16, na fazenda Três Distritos, e entre os arroios das Pedras e Pantanoso no dia 17. No dia 16 fôra feita, às 10 horas, uma emboscada a um piquete legal junto ao referido cemitério.

O chefe insurreto fez o capitão Herculano Dutra guarnecer o passo do arroio Pantanoso, a vista do campo inimigo, e tendo às 21 horas sido aprisionado o capitão Gordiano Fernandes, quando se aproximava dêsse local levando armamento em um automóvel, mandou o tenente-coronel Manoel Dias Ferreira reforçar com 25 homens a gente de Dutra.

Combate de Serro Partido: Às 5 horas da manhã de 18, moveu-se Neto do seu campo de Coronilha e aproximou-se da vila de Cangussú, dispondo a leste dela o coronel Cristóvão Gomes de Andrade ⁽¹⁾, com a 1.ª brigada, desde as pontas do arroio Pantanoso pelo alto da serra até a estrada

(1) Que foi batido pelos revolucionários em Camaquã a 2 de Fevereiro de 1894 por ocasião da guerra civil de 1893-1895.

das Tropas, enquanto o tenente-coronel Plínio Monte ocupava a vila, tendo início a luta às 10 horas entre 50 revolucionários que estavam na chácara de Bernardina Duarte e as forças governistas que constavam de duas frações, estando à esquerda o 1.º corpo, no centro o 1.º esquadrão do 4.º corpo e à direita o 2.º esquadrão dêste. Tendo o 2.º esquadrão do 4.º corpo tentado um envolvimento pela estrada real da vila sobre a esquerda revolucionária, viu seu intento frustrado pelo tenente-coronel Nicanor Borges, que os fez retroceder para a estrada das Tropas. Acorreram a êste ponto o tenente-coronel Ferreira e capitão Dutra, que impediram a marcha dos retirantes sobre Pelotas e às 14 horas o tenente Dario Borba foi em proteção do flanco direito revolucionário com o intento de envolver o flanco esquerdo do adversário. Decorridas 8 horas de luta, retiraram-se os governistas rumo ao cêrro do Baú. Os revolucionários contaram entre os mortos o tenente Gomercindo de Escobar Duarte e entre os feridos o tenente Dario Borba. Somente às 9 horas do dia 19 abandonaram os revolucionários a vila de Cangussú, a qual foi reocupada por elementos de Francelísio.

Foi êste o combate de Cêrro Partido, a 10 quilômetros da vila de Cangussú.

Ocupação de Encruzilhada e ataque aéreo a Camaquã:

Em 26 constatou-se a entrada em Encruzilhada do chefe rebelde Oscar Ribeiro e em 30 o bombardeio aéreo de Camaquã pelo aeroplano pilotado pelo alferes Noêmio Ferraz, que lançou 3 bombas na vila. Êste aparelho veio a ser destruído por uma explosão na várzea do rio Piquirí, a 9 léguas de Encruzilhada, em 9 de Agôsto, ficando ferido aquele piloto e morto o alferes Osório de Oliveira Antunes.

No mesmo dia do ataque aéreo a Camaquã, houve um pequeno encontro em Santa Silvana, 6.º distrito de Pelotas.

Neto entrou em Camaquã no dia 31, enquanto o major Alvaro de Lemos lutava em Araçá com o capitão Ramón Vera Valiente, registrando-se em 1.º de Agôsto novo choque na coxilha de Guará, perto de Dores de Camaquã, entre as forças adversárias.

Em 8 o chefe libertador postou 20 homens sob o comando do capitão Ulpiano Paniágua na estância de Américo Ferreira, no município de São Lourenço, com os quais se chocou a força governista do major Aldrovando de Andrade Leão, que se dirigia daquela vila ao passo da Pacheca, no rio Camaquã. Leão, depois de tirotear algumas horas, retrocedeu para a localidade de onde viera, enquanto Neto transpunha aquele passo e rumava para Cangussú, onde esperava incorporar a força do major Adolfo Barboza Brockmann.

Em 9 deram-se dois pequenos choques, sendo o primeiro com o tenente coronel Alfredo Nunes Garcia entre Basílio e Herval e o segundo entre Boqueirão e São Lourenço.

Combate de Cangussú Velho: Ao atingir, no dia 14, a chácara das Pedras, no 1.º distrito de Cangussú, soube o general José Antonio Neto que o major Adolfo Barboza Brockmann vinha sendo perseguido pelas forças dos coronéis Alfredo Nunes Garcia e Hipólito Ribeiro Júnior e marchou sobre Cangussú Velho, (a uma légua da vila de Cangussú), onde ao meio-dia a vanguarda revolucionária, capitaneada pelo major Herculano Dutra, iniciou com os governistas renhido combate, que logo se generalizou, prolongando-se até à noite. Neto fez junção com Brockmann e teve a lamentar a morte do major Alvaro Ribeiro de Lemos, capitão Anaurelino Alves Chaves, tenente Jorge Elejalde e alferes João Brião e ferimentos no tenente-coronel Filipe Conca, major Herculano Dutra e capitão Mário Centeno Crespo. Nesse prélio muito se distinguiu o major Ildefonso Simões Lopes Filho.

Em 21 houve o combate de São Tomé ou Clímaco, na estrada de Açouta Cavalo, 4.º distrito de Pelotas, entre o major Eugênio de Brum e o tenente Xavier dos Anjos, o primeiro dos quais foi morto na luta, e em 26 o major Rezende combateu contra grupos rebeldes na estância do Dias, município de Dores de Camaquã.

Ocupação de Pinheiro Machado: No início do mês de Setembro deu-se sensível amortecimento bélico na região per-lustrada pela 4.ª divisão, ocorrendo somente no dia 5 a en-

trada do capitão Gervásio Ramão Veleda na vila de Pinheiro Machado e em 12 um encontro junto a Encruzilhada entre o capitão Oscar Ribeiro e a força governista do Dr. Augusto Maria Sisson, no qual se deu a morte do capitão revolucionário Mário Dias.

Nova junção de Neto e Estácio: Neto sustentou em 13 um tiroteio em Santa Rosa, 5.º distrito de Bagé, dando-se, na mesma data, um choque entre o tenente-coronel Francelísio Meireles e os revolucionários nos matos do rio Camaquã, até que em 15 fizeram junção, entre êste rio e o das Palmas, aquele general libertador e seu companheiro de causa Estácio Azambuja.

Antes dessa junção o coronel Hipólito Ribeiro Júnior bateu-se com uma força de Neto no capão do Funil, município de Cangussú, tendo logar em 17 a entrada de Francelísio na vila de Camaquã.

Neto procurou operar em combinação com Estácio, fazendo-se sentir a ação conjunta de ambos no interior do Estado.

Em 18 estavam os dois chefes revolucionários a 5 léguas de São Gabriel, verificando-se no dia 25 um combate no rio Santa Bárbara, a meia-légua de Caçapava, entre Neto e o tenente Breno Guaraní de Bem.

Os dois caudilhos passaram depois a operar separadamente, tomando cada um sua direção, de maneira que em 7 de Outubro já Neto (com quem seguira o coronel Coriolano de Castro) combatia no arroio Subtil e passo da Mariazinha, no rio Camaquã, com o tenente-coronel Francelísio, luta esta que se repetiu entre ambos no dia 12 nos passos do Mendonça e da Mariazinha e em São José do Patrocínio e se prolongou obstinadamente pelos dias 13, 14 e 15.

No dia 4 o capitão João Ramos bateu-se no município de Camaquã com uma força governista.

Em 8 havia se dado um recontro em Dolores de Camaquã e em 14 Neto bateu-se novamente, mas desta vez com o coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos no cêrro dos Marcelinos e nas serras das Pedras e das Asprezas, 2.º distrito de

Piratiní. Na véspera aquele coronel havia aprisionado no combate do passo da Ponte, no rio Piratiní, o capitão Hipólito Ribeiro de Lemos.

Ocupação de Cangussú: No dia 15 o major Adolfo Barboza Brockmann ocupou Cangussú e na mesma data Neto e Francelísio pelejaram novamente no passo de Bom Será, no rio Camaquã, verificando-se ainda um disputado embate de armas nos dias 27 e 28 na vila de Camaquã, que deu em resultado ser repellido o tenente-coronel João Nunes de Campos pelo capitão legalista Manoel de Jesús. Em 26 o mesmo Nunes de Campos bateu uma força legal em Galpões.

Combate e tomada de Pelotas: Enquanto se verificavam os acontecimentos supracitados, o general José Antonio Neto organizava um audacioso e brilhante cometimento que constituiu um dos fatos de maior relevância do movimento revolucionário de 1923.

Achava-se o caudilho libertador a 15 léguas da cidade que ia acometer e procurou aproximar-se celeremente do seu objetivo. Tendo marchado às 7 horas da manhã de 28, às 23 horas do mesmo dia já estava a duas léguas da Tablada, de onde prosseguiu marcha a uma hora da madrugada de 29 alcançando Três Vendas 3 horas depois.

O tenente-coronel Filipe Conca adiantou-se com 60 homens e às 5 horas iniciou o ataque à cidade de Pelotas, investindo com 35 homens a força governista que guarnecia o edifício da Sociedade Agrícola e que sustentou duas horas de fogo. O coronel Coriolano Alves de Oliveira Castro, postado na Cervejaria Ritter, apoiou a ação do tenente-coronel Conca, ficando feridos êste, os capitães Josino e Nicodemos Scherer e os tenentes Sadí de Azambuja Caldas e Narolde de Escobar.

O coronel Leônidas Damasceno atacou e tomou o quartel do Corpo de Bombeiros. O 1.º, 2.º e 3.º Postos tiveram igual sorte, acometidos, respectivamente, pelos tenentes-coronéis Rogério de Ávila e Luiz de Andrade e coronel Plínio Monte, enquanto o coronel Nicanor Crespo sitiava e ocupava a Prefeitura Municipal. No ataque ao 1.º Pôsto foi morto

o major revolucionário Manoel Batista Gomes Martins (que contava 72 anos) e ferido o tenente Saturnino da Costa.

Às 10 horas da manhã verificou-se a entrada triunfal do velho caudilho, que, a-pesar-dos seus 72 anos, acabava de demonstrar em tão arrojada empresa a energia e lucidez de um jovem guerreiro.

Os elementos com que os revolucionários enriqueceram seus meios de combate foram importantes: 380 fuzís e carabinas, 111 revólveres e pistolas, 1 metralhadora, 180 facões, 33 espadas, 43.000 tiros, 160 cavalos e muares, 127 bombas de mão, 130 cartucheiras, 102 pares de arreios, 1.000 balas de revólver, etc.

Os revolucionários perderam nesse ousado cometimento 21 homens, sendo 4 mortos e os governistas sofreram 95 baixas, sendo 54 prisioneiros e 25 feridos, contando-se entre os mortos (que foram 16) o major Aldrovando Leão, capitão Jesús Verneti e 2 tenentes.

A força legalista que defendia a Sociedade Agrícola não se rendeu, mas semelhante fato em nada embaraçou as conseqüências do retumbante feito de armas.

Ocupação de Camaquã e São Lourenço: O chefe vitorioso seguiu em direção à vila de São Lourenço e em 3 de Novembro ocupou a vila de Camaquã, sua terra natal, na mesma data em que o coronel Nicanor Crespo se apoderava de São Lourenço.

Aí foi encontrá-lo a conclusão do armistício.

A "DIVISÃO DE SANTA ANA"

Em 11 de Abril levantou broquéis a "Divisão de Santa Ana", comandada pelo coronel Francisco Wenceslau Pereira, que tinha sob suas ordens o "Batalhão Vargas" e o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º corpos capitaneados, respectivamente, pelos tenentes-coronéis Francisco Cabeda, Gaspar Cabeda da Silva, Manoel José da Silveira, João Pereira Martins e Bertolino da Costa Nunes, sendo intendente da divisão o tenente-coronel Ernesto Labarte.

O raio de ação desta coluna foi muito limitado, tendo uma atuação assaz deficiente se se levar em conta a das demais colunas rebeldes.

No mês em que foi organizada pelejou com o major Leônidas Espártano Barrios, no dia 30, em Coxilha Negra, Marco do Lopes e Galpões, tendo somente um morto, e em 9 de Maio sustentou novo combate nas pontas do Ibirapuitã com o major Francisco da Cunha Corrêa, lamentando a perda de 2 mortos.

Combate de Picada do Aipo: Um dos corpos da divisão, comandado pelo tenente-coronel Manoel José da Silveira, foi apoiar a coluna do general Estácio Azambuja e quando se deu a derrota de Santa Maria Chico em 15 de Maio, voltou a operar na região de Livramento, onde a 5 de Junho foi atacado pelo coronel José Antonio Flores da Cunha na picada do Aipo e Campo Osório, sofrendo 23 baixas.

Pouco depois o coronel Miguel da Cunha atacou um grupo rebelde na estância de Luiza Pereira de Souza, matando-lhe um homem.

Em 14 do mesmo mês de Junho voltou o coronel Francisco Wenceslau Pereira a combater, cêrca de 2 léguas de Livramento, tendo a força com quem pelejou, apenas um morto.

Daf a três meses entrou novamente o coronel Pereira em atividade bélica, tiroteando em Catí com a força do coronel Miguel da Cunha Corrêa em 11 de Setembro e novamente no passo do Ferrão em 16 do mesmo mês. Incorporado à divisão do general Honório Lemes, participou da tomada de Quaraí, em 17, e do combate de Quaraí Mirim, em 18, passando, logo após, a operar de novo em separado.

Em 25 de Setembro o coronel Francisco Cabeda ocupou Quaraí.

Ocupação de Quaraí: Depois de alguma inação, um dos corpos da divisão, comandado pelo tenente-coronel Gaspar Cabeda da Silva, ocupou Quaraí sem combate a 13 de Outubro e 8 dias depois o próprio coronel Francisco Wenceslau Pe-

reiria pelejou perto de Livramento com uma força governista, matando-lhe um homem, com a perda apenas de 3 extraviados.

Ocupação de Lavras: Em 4 de Novembro achava-se o referido chefe libertador incorporado às forças com que Estácio Azambuja invadiu novamente o Estado e no dia 6 ocupou, sem resistência, a vila de Lavras, onde foi encontrá-lo a suspensão das hostilidades.

A-pesar-da quase ausência de feitos guerreiros na trajetória da “Divisão de Santa Ana”, o seu chefe foi promovido ao posto de general.

OPERAÇÕES NA ZONA DO NORDESTE

HIGINO PEREIRA

Ocupação de Caí: Diversos caudilhos revolucionários operaram isoladamente na região do Nordeste do Estado.

O tenente-coronel Manoel Higino Pereira, natural de São Gabriel e irmão do distinto engenheiro militar major Laureano Constâncio Pereira, foi um desses caudilhos.

Ativo, enérgico e pleno de bravura, a-pesar-de demonstrar algumas falhas para condutor de homens, levantou o estandarte da rebelião em Fevereiro na região do rio Caí, apoderando-se da vila de São Sebastião do Caí, de onde foi expulso em 18 por uma força legalista enviada de Porto Alegre para êsse fim.

Ocupação de Triunfo: Em 26 de Junho ressurgiu o audaz caudilho, ocupando Triunfo e batendo-se nos arredores da vila com elementos governistas, com a perda de um homem, ferido, para 4 dias depois combater em Bom Retiro e arroio Gil, a 3 léguas de Montenegro, com o alferes Venâncio Aires da Silva, que lhe matou 4 homens.

Ocupação de Taquarí: Na mesma data, 30 de Junho, entrou o coronel Manoel Higino Pereira na cidade de Taquarí para, no dia seguinte, lutar com encarniçamento com o major Coriolano Coelho de Souza na costa da serra de Taquarí, arroio Capivara e morros Pelado, Boa Vista e Garcia,

infligindo ao inimigo, que tinha o efetivo de 103 homens, 23 baixas, das quais 16 mortos, com a perda somente de 5 homens.

Em 8 de Julho pelejou novamente Higino em Vapor Velho e Cafundó, a 2 léguas de Montenegro, com 200 homens do tenente Gaulino Teixeira, que perdeu 6 mortos e 27 feridos, tendo o chefe rebelde 6 baixas.

CHICO MARINHO

Ocupação de Osório: Noutras zonas do Nordeste os grupos revolucionários foram proliferando.

Em 5 de Abril os coronéis Luiz de Saraiva Gomes e Francisco Vaz Marinho entraram na vila de Conceição do Arroio (hoje Osório), e em 14 o segundo desses chefes atacou a mesma vila, sendo repellido pelo coronel legalista Reduzino Pacheco, deixando 3 mortos.

Dirigiu-se depois Vaz Marinho a Palmares, onde, numa surpresa, feliz, apoderou-se em 17 do vapor “Montenegro”, que conduzia armamento e fardamento destinados às forças legalistas, para 4 dias mais tarde, unido novamente a Saraiva Gomes, levar um assalto a Santo Antônio da Patrulha, sendo repellidos pelo coronel Paulo de Moraes.

Após dois meses de inação, Vaz Marinho pelejou em 17 de Julho, perto de Conceição do Arroio, com o major Antonio Mariante, com quem lutou novamente em Cidreira, no dia 22, e somente voltou a terçar armas com os governistas em 17 de Setembro, data em que combateu em Barra do Ouro, 4.º distrito de Conceição do Arroio.

LUIZ GOMES

O coronel Luiz de Saraiva Gomes, companheiro, como vimos, de Vaz Marinho na ocupação de Conceição do Arroio e no assalto a Santo Antônio da Patrulha, combateu em 18 de Maio na lagoa dos Barros, infligindo 6 baixas aos legalistas; em 19 de Setembro em Passinhos e no dia 27 em Barro

Preto, capão de Caturrita e Pedreira, município de Santo Antônio da Patrulha, em que se bateu com 200 homens do capitão Pedro Vaz.

Em 1.º de Outubro Saraiva Gomes empenhou-se em renhida luta com o major Manoel Gonçalves Cardoso em Pedreira, Casa da Praia e Ronda, junto à lagoa dos Barros, município de Santo Antônio da Patrulha, luta esta que se prolongou até o dia 10.

BELISÁRIO BATISTA

O coronel legalista Firmino Paim Filho combateu em 19 de Maio em Ana Reck, a 8 quilômetros de Caxias, com o coronel Felisberto Batista e em 22 na fazenda Souza, município de São Francisco de Paula, com o coronel Belisário Brasil Batista.

Este caudilho rebelde lutou em 2 de Junho na fazenda Muniz com o major José Nicoletti Filho, o qual no dia 19 bateu-se também em Juá com o cabecilha insurreto Fidelcino Korf, que foi morto na ação.

Paim Filho iniciou em 10 operações em Raposo contra Brasil Batista, com quem pelejou nos dias 12 e 13, voltando o chefe rebelde a enfrentar os governistas em Juá, município de São Francisco de Paula, onde tiroteou com o major Nicoletti Filho, o qual tornou a se bater com os revolucionários em São Marcos no dia 27 de Setembro.

MARIANO PEDROSO

Outro chefe insurgente surgiu na pessoa do capitão Mariano Pedroso de Moraes, que em 6 de Setembro bateu-se no passo das Antas com o coronel Caetano Reginato, (que teve 30 baixas) e ocupou São Marcos no dia 10.

Ocupação de Garibaldi: Em 2 de Outubro Pedroso de Moraes tornou a pelejar no passo do Zeferino, no rio das Antas; em 14 em Nova Trento (hoje Flores da Cunha) com os alferes Romalino Gomes e Domingos Mazzilli, morrendo nes-

sa ocasião o alferes revolucionário Biassus; em 31 atacou a vila de Garibaldi que caiu em seu poder.

Ocupação de Bento Gonçalves: Em 3 de Novembro o capitão Mariano Pedroso de Moraes ocupou a vila de Bento Gonçalves, às 10 horas da manhã, e 4 horas depois foi atacado pelo tenente-coronel Elisiário Paim, com quem manteve animado combate.

OUTROS RECONTROS

Diversos recontros isolados registaram-se ainda na região de que estamos tratando, como sejam: Em 31 de Março na lomba de Taruman, perto de Viamão; na mesma data no passo do Ramos, perto de Santo Antônio da Patrulha, onde se deu novo choque em 3 de Abril; em 20 dêste mês de Abril em Roça Velha e em Passinhos, no qual morreu o alferes governista Luiz Gonçalves de Lima; em 21 em Cidreira, em que teve idêntica sorte o tenente legalista Hortêncio; em 27 em Praia, perto de Conceição do Arroio; em 10 de Maio no município de Santo Antonio da Patrulha com o tenente governista Guites; em 4 de Junho em Faxina, município de Viamão; em 27 de Agôsto em passo do Meio, rio das Antas, entre os capitães Vercidino e Generoso, êste rebelde; em 9 e 10 de Setembro no passo do Zeferino, rio das Antas, com o alferes legalista Fontoura; em 4 de Outubro nos arredores de Conceição do Arroio; em 12 na capella de Lageado, 3.º distrito de São Francisco de Paula, com o alferes legalista Norberto Rangel; na mesma data em Rolante, 3.º distrito de Santo Antônio da Patrulha, com o tenente legalista Antônio Maciel; em 17, tiroteio em Caxias; em 18 em Praia, município de Santo Antônio da Patrulha; em 23 e 24 em que uma lancha foi tiroteada pelos governistas na ponte de Maratá e pôrto de Montenegro; em 25 em Borussia com o chefe legalista Bernardino Boeira; em 3 de Novembro na cidade de Caxias e no povoado de Gramado, o qual foi afinal ocupado pelos revolucionários no dia 5; em 6 em Cipó e Campo do Meio com os coronéis revolucionários Norberto Marques e Fiora-

vanti Pieruccini; em 7 perto de Alfredo Chaves com o chefe revolucionário Francisco Beriva, etc.

OUTRAS OCORRÊNCIAS E PACIFICAÇÃO

Tendo a força federal guarnecido pontes e trens da Viação Férrea e sido instituídas zonas neutras em numerosas localidades, tornaram-se suscetíveis os atritos entre ela e os elementos em luta. Entre os conflitos e choques que se registaram, citaremos os seguintes:

Em 26 de Fevereiro junto de Rio Pardo com um grupo armado, que deixou um morto e 2 feridos, ficando ferido uma praça do Exército; em 5 de Maio em Martin Pons com uma força revolucionária; em 13 de Maio perto do cemitério de Santa Maria com soldados do governo do Estado; em 10 de Junho na barra do rio Quaraí com uma força de 100 insurgentes; em 20 de Julho em Uruguaiana com soldados do governo estadual; em 25 de Julho na estação de Vacacaí com uma partida insurgente; em 15 de Setembro em Santo Ângelo com soldados do governo do Estado, que tiveram um ferido, tendo os do Exército um morto; em 19 de Novembro em São Borja com elementos estaduais, havendo 3 mortos e 7 feridos.

No Rio de Janeiro foi instalada em 8 de Março uma "Junta Suprema Revolucionária", composta do marechal Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto (presidente), Dr. Camilo de Freitas Mércio, Dr. Tibúrcio de Azevedo, Eurico dos Santos, Dr. Antônio de Moraes Fernandes, Dr. Edmundo Berchon des Essarts, Coronel Antônio Barboza Neto e Dr. Alfredo Varela. Três meses depois viu-se a Junta privada do seu presidente em consequência do falecimento a 4 de Junho do marechal Mena Barreto, que em 1893-1895 havia se distinguido combatendo a revolução federalista.

O movimento revolucionário de 1923 teve grande repercussão no norte do país, despertando interesse e fazendo surgir dedicações em numerosos pontos do Brasil.

Em São Paulo realizaram-se bailes e festas de beneficência para auxiliar a revolução, assim como no Rio de Janeiro, onde uma delas, a do Clube dos Diários, levada a efeito em 4 de Agôsto, em benefício dos feridos da revolução, teve a presença do vice-presidente da República Dr. Estácio de Albuquerque Coimbra e dos ministros da guerra e da marinha General Fernando Setembrino de Carvalho e Alexandrino Faria de Alencar.

Na capital do paiz muito se esforçou o “Centro Acadêmico Pró-Libertação do Rio Grande do Sul” e em São Paulo, estudantes gaúchos alí residentes muito fizeram em prol do movimento revolucionário.

Neste último Estado os Drs. Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda e Júlio de Mesquita demonstraram sua simpatia ao movimento e o deputado Carlos Garcia tratou da tribuna parlamentar do caso riograndense.

O ministro do Supremo Tribunal Dr. Godofredo da Cunha manifestou também sua simpatia pela causa libertadora e o Dr. Herculano Uladislau de Freitas escreveu importante trabalho jurídico favorável à intervenção federal no Estado.

Em 21 de Julho verificou-se a nomeação do Dr. Protásio Antônio Alves para o cargo de vice-presidente do Estado e nos dias 12 a 15 de Outubro realizou-se em Pôrto Alegre um congresso do Partido Republicano Riograndense, que reafirmou sua solidariedade ao presidente Borges de Medeiros.

No decurso da guerra civil foram feitas diversas tentativas para se conseguir a pacificação, das quais citaremos as de que foram incumbidos ou tiveram a iniciativa os Drs. Augusto Tavares de Lira e José Tomaz Nabuco de Gouvêa e o Conde Dom João Becker, arcebispo de Pôrto Alegre.

Veio finalmente o General Fernando Setembrino de Carvalho, ministro da guerra, por via terrestre, o qual, depois de avistar-se em Herval (Santa Catarina) com o General Filipe Néri Portinho, visitou diversas localidades do Estado (Santo Ângelo, Júlio de Castilhos, Cachoeira, etc.)

Em 26 de Outubro foi festivamente recebido em São Gabriel e daí prosseguiu no dia seguinte para a fazenda nacio-

nal de Saicã, para chegar, afinal, em Pôrto Alegre a 1.º de Novembro, em cuja ocasião deu-se violento conflito entre populares e forças da Brigada Militar, do qual resultou a morte de 9 pessoas e ferimentos em 73.

Um dia depois ao dessa lutuosa ocorrência, aquele General conseguiu com o presidente Borges de Medeiros que fôsse estatuído um armistício entre as forças em luta, devendo a suspensão de armas começar a vigorar das 12 horas do dia 7 em diante.

O General Setembrino de Carvalho encaminhou as negociações de paz com suma habilidade e tendo se transportado à propriedade rural do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil em Pedras Altas, aí firmou, como delegado especial do presidente da República e de acôrdo com os entendimentos e ajustes que tivera com o Dr. Borges de Medeiros, o tratado de 14 de Novembro assinado pelo Dr. Assis Brasil como representante dos chefes revolucionários em armas, cujo tratado foi levado a Pôrto Alegre e ratificado pelo presidente do Estado no dia 15.

Antes de concluída a pacificação o General Setembrino congregou no dia 14 em Bagé os Generais Honório Lemes da Silva, Filipe Néri Portinho, Leonel Maria da Rocha, João Rodrigues Mena Barreto, José Antônio Neto, Estácio Xavier de Azambuja e Francisco Wenceslau Pereira, tendo sido os 4 primeiros acolhidos festivamente em sua passagem por São Gabriel, tanto na ida, em 14, como no regresso, no dia 17, data em que Neto foi recebido triunfalmente em Pelotas, também de regresso.

Assim terminou a revolução de 1923, que veio fazer resurgir os pendores guerreiros dos riograndenses, amortecidos por uma paz de 28 anos, ressurgimento êste que se fez sentir mais tarde, atenuando-se gradativamente, nos movimentos de 1924, 1926, 1930 e 1932.

São Gabriel, 12 de Fevereiro de 1940.

CELSO M. SCHRÖDER

Geografia Histórica

RIO URUGUAI

J. Tupí Caldas

O majestoso rio **Uruguai** tem suas nascentes na região sul-oriental do planalto brasileiro, nas terras dos municípios limítrofes dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. E' constituído pela confluência íntima de dois rios, o das **Canoas** e o das **Pelotas**.

Constitue uma linha aquosa de fronteiras naturais, entre os dois estados da Federação Brasileira, até receber pela margem direita o Peperí-Guassú; no trecho compreendido entre o Peperí-Guassú e o rio Quaraím traça, sôbre o terreno americano, a linha de limites entre o Brasil e a Argentina.

Mede o rio Uruguai (1500) mil e quinhentos quilômetros de percurso e atravessa uma área de terrenos geologicamente classificados como sendo "arqueano", na parte do curso superior, na dependência das rochas cristalofílicas do planalto, em pequena extensão, na região dos "itambés"; nas secções de curso médio o terreno é geologicamente da época secundária, de formação "triássica", profundamente trabalhado pelos agentes superficiais do geodinamismo, apresentando muitas corredeiras e pequenas cachoeiras; no curso inferior, ao percorrer o território da República do Uruguai, os estudos modernos mandam reconhecer que os terrenos são "precretácicos".

Vazando a grandiosa contribuição hídrica no Rio da Prata, o rio Uruguai é francamente navegável até a cidade brasileira de Itaqui e daí por diante, de modo precário, até a confluência do rio Chapécó.

Sua nomenclatura primitiva foi — **Rio Vruixig** — como pode-se ler no “mapa anônimo da região parano-paraguaia”, publicado na “Coletânea de Mapas da Cartografia Paulista Antiga”, volume I, edição do Museu Paulista, no ano de 1922, guardada no armário A, n.º 148, na Biblioteca do nosso Instituto.

Afonso de Taunay, fazendo a apresentação e oferecimento ao público dos “fac-símiles” de tão importantes documentos, afirma ser o “mapa da região parano-paraguaia”, talvez, do segundo quartel do século dezoito.

No entanto, concordando com o ilustrado historiador patricio, nossa atenção foi despertada para maior e atenta observação do “mapa da região parano-paraguaia”, no qual está esboçada a costa sul-atlântica do Brasil, entre os paralelos de 26º a 28º de latitude austral.

Reconhecemos existirem seis emendas sobre os dizeres inscritos no mapa, para melhor identificar a região do “Governo de S. Paulo”, e a região das “Varjas das Vacarias Dos gentios Cavalleiros e guay Curues”, que admitimos como feitas pelo autor do mapa anônimo, pois há identidade de caligrafia.

Como o nosso ilustrado confrade general Borges Fortes transcreveu, no n.º do I.º trimestre do ano de 1934, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a carta de Francisco Brito Peixoto, escrita em **Laguna**, aos 19 dias do mês de Agosto de 1722, da qual consta: “...como informará a V. Ex. o castelhano de tudo quanto se passa...”; em período anterior disse: “...da outra banda de um rio chamado **Iriguai**...”, podemos admitir o vocábulo — **Iriguai** — como servindo para designar, naquela época, o rio limítrofe entre o nosso Estado, Santa Catarina e a Argentina.

A carta citada era dirigida pelo seu autor, Capitão-mor da Vila de Laguna, ao Governador Dom Rodrigo Cezar de Me-

nezes, da Capitania de São Paulo — (Vide Páginas 68-69-70 — I.º Trimestre 1934 — Revista I. H. G. R. G. S.)

Em carta dêste governador, dirigida ao Rei de Portugal, em 3 de Outubro de 1722, encontramos as seguintes linhas: "...um Castelhana de boa capacidade e intelligencia, que há bastantes annos tem feito grandes serviços à Real Corôa de V. Magestade na Colonia do Sacramento" ...**"me deu a informação inclusa, que remeto a V. Magestade como tambem o mapa..."**

Em carta de 18 de Janeiro de 1723, Francisco de Brito Peixoto, informou a Cezar de Menezes da **"Jornada que há de seguir o Castelhana Roque Zoria para o Rio Grande"**.

Evidentemente, o "castelhana" ao serviço de Portugal, informador ou agente secreto, ao tempo do primeiro quartel do século dezoito, **fornecedor do mapa e agente de serviços atravez do Rio Grande e da Colonia do Sacramento é uma só e mesma pessoa, sem duvida, o espanhol don Roque Zoria.**

Foi por intermédio de don Roque Zoria, que o Governador de São Paulo, obteve o "mapa da região parano-paraguaia", classificado sob n.º 4, na coleção do Museu Paulista, publicado sob iniciativa do ilustrado dr. Alarico Silveira, em 1922.

Neste mapa encontramos representada parte do litoral brasileiro, entre Iguape e o sul do cabo de Santa Marta, atual.

Em território catarinense atual está traçada a secção superior dum rio, que corre para o oriente americano, com a nomenclatura de **"Rio de Vruzig"** ou **"das Missões dos P. Pes."**; parece-me que o autor do mapa anônimo considerou como formador do "rio das Missões dos P. P." o atual "rio das Canoas", que passa ao norte de Lages, havendo cometido erro de latitude e geofísico.

No "mapa d'Anville", de 1748, publicado pelo ilustrado historiador Antonio Serrano, na obra intitulada **"Etnografia da Antiga Provincia del Uruguay"**, página n.º 21, edição do Paraná, Argentina, 1936", encontra-se a nomenclatura — **Rio Uruguay ou Rio das Missões**, escrita ao longo do curso total, com repetição de nomenclatura na região das nascentes.

Em ambos os mapas observados, o mesmo acidente geográfico está perfeitamente caracterizado.

Assim, em ordem cronológica verificamos que, em data anterior a 1722, o nome de tal acidente geográfico era escrito da seguinte maneira:

Rio Vruxig — Mapa da Coleção Paulista.

Rio das Missões dos P. P.es — Mapa da Coleção Paulista.

Posteriormente, ao ano de 1722, passou o mesmo caudal a ter a nomenclatura de **Rio Uruguay** — no Mapa d'Anville - 1748 ou **Rio das Missões** — no Mapa d'Anville - 1748.

Podemos, pois, estudar o vocábulo primitivo, — com grafia colhida em documento autêntico, guardado no Arquivo do Museu Paulista.

O vocábulo — Vruxig — não foi registado por Montoya, no Vocabulário e Gramática Tupí-Guaraní, nem está registado no Vocabulário da Língua Brasilica, publicado por Plínio Ayrosa.

Desde logo verificamos que a grafia do vocábulo, em estudo, começando pela letra V, esta letra representa o som da vogal U; o alfabeto da língua brasílica (tupí-guaraní) não tem a consoante V.

Logo o topônimo Vruxig tem melhor grafia sob a forma Uruxig.

Analisando-se o vocábulo, temos:

Vruxig = Uruxig

Uruxig = U + ru + xig

A vogal U, “que sem auxílio de mestre se não pode pronunciar, . . . espécie de u francês, que se pronuncia entre u e i”, como ensina Pedro Luiz Simpson, em sua Gramática Tupí, tem sem dúvida o valor sônico do vocábulo **ou**, isto é, da conjunção disjuntiva que designa alternativa; o som **ou** teve origem no latim **aut**; reconhecendo-se que a conjunção é partícula que serve para ligar as palavras, também devemos lembrar que a conjunção disjuntiva é própria para “separando idéias” ligar “expressões”; assim, vejo a letra U, como in-



RAFAEL PINTO BANDEIRA,

cujo original está em Lisboa. A cópia fotográfica aqui reproduzida foi-nos oferecida pelo Dr. Murilo Bastos, encarregado da Mapoteca do Itamarati, por intermédio do nosso consócio Dr. Castilhos Goycochea. Como se vê, o precioso documento reproduz, em linhas gerais, o clássico retrato de Rafael Pinto Bandeira, o que comprova sua autenticidade.

dicando, fundamentalmente, uma idéia de cousa natural que separa, sem desunir ou fragmentar.

Não devemos esquecer que as letras V e U representam, em grafia simbólica, a secção transversal de vales e rios.

O vocábulo — **RU** —, como ensina o ilustrado professor Antonio Serrano, na página 71, da Etnografia da Provincia del Uruguay, em idioma guaraní, ainda hoje falado, em Corrientes, República Argentina, significa **padre**.

O tritongo — **XIG** — admito como corrupção gráfica do vocábulo tupí-guaraní — **ACIGC** — que é forma sintética correspondente à expressão portuguesa, seguinte: “**abranger o que se reparte**”, como ensina o professor Plinio Airosa, da Universidade de São Paulo.

Sendo a forma “acige” maior que “cig” e esta última grafia podendo ser representada por “xig”, como figura fonética, compreenderemos a significação do topônimo Uruxig.

Assim, temos **Uruacige** > **Urucig**, sendo **Urucig** = **Uruxig**.

O vocábulo toponímico **Vruxig**, inscrito nos mapas do início do Século XVIII, tem a significação seguinte: “Rio que separa o que o padre reparte”; “Rio que abrange o território, que o padre divide”; “Rio que corre entre as Missões”; “Rio das Missões dos Padres” foi como traduziu d’Anville, há duzentos anos.

Chegaremos à semelhante conclusão, ainda, no exame da fórmula — **R. Pryugay** —, inscrita no mapa de Luiz Ernot, S. J., datando do século dezessete, ano de 1631-1632, no qual se lê, ao longo do curso inferior do grande rio americano, êsse vocábulo toponímico, na altura em que se lança o Rio Negro, pela margem esquerda.

O vocábulo — **Pryugay** — parece-me estar, inscrito com ortografia fonética, pois no mesmo mapa e para o mesmo rio, o Reverendo Padre Luiz Ernot, S. J., deu outra fórmula para o curso superior e curso médio, êsse nas proximidades do rio Pepirí (atual Peperí-Guassú), escrevendo **R. Pruguai**, mais semelhante da atual grafia — rio **Uruguay** ou rio **Urugai**.

Decompondo o vocábulo — I'ruguai, com mais de trezentos anos de inscrição no mapa do R. P. Luiz Ernot, S. J., verificamos que:

I' = E' sinal gráfico da pronúncia da letra U, usada como partícula, com significação seguinte: **“Que abrange”**;

RU = Padre, como ensina Antonio Serrano; êsse vocábulo é, ainda, usado nas Províncias de Corrientes e Missões, na República Argentina;

GUA = é corrupção do vocábulo tupí-guaraní — AGUÂ — que tem significação muito diferente do vocábulo — água — da língua portuguesa; o vocábulo tupí-guaraní — AGUÂ — tem a significação portuguesa de **parar, estacar, não passar adiante**; em espanhol, escreveu Montoya: cosa roma ou ancha (vide Gramática e Vocabulário de Montoya).

I = Ỹ, grafia verdadeira do vocábulo tupí-guaraní para exprimir o vocábulo português — água — isto é, o fluído aquoso, que hoje a química denomina protóxido de hidrogênio.

Em associação de idéias, na representação mental duma cousa concreta, a massa fluvial, e a cousa abstracta, a ação civilizadora do missionário católico, podemos reconhecer no vocábulo analisado a significação seguinte: **“Rio que abrange (a região) onde o padre parou”**; **“Água que banha o vale onde o padre ampara”**; melhor será, em síntese, dizer: **“Rio das Missões”**.

Recuando no tempo, vamos encontrar no fim do século XVI, ano de 1571 a 1580, a forma — URUBAY —; esta forma também está inscrita no mapa existente na Biblioteca da Ajuda, cod. 51-IV-38 e, foi por nós publicado no volume correspondente do I.º trimestre — Ano XX - 1940 — da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

A forma URUBAY parece-nos uma corruptela do vocábulo de composição — URUBAE — no qual encontramos as raízes U e RU, já explicadas; o tritongo tupí-guaraní — BAE —, que foi escrito com erro ortográfico, substituindo-se a letra E por Y, adicionado às raízes, indica a desinência de modo e tempo verbál, no caso particio-futuro, como ensina Montoya, in pags. 16, Arte e Gramática; assim, o vocábulo — URUBAY,

— melhor URUBAE, tem a sinificação portuguesa seguinte: “Que vai ser abrangido pelo padre”; “Rio cujas terras vão ser colonizadas pelos padres”; ainda, “Rio dos Missionários”.

As formas registadas — **Pryigay, Pruguai, Uruxig e Uruguay** têm a mesma significação, segundo os ensinamentos da língua tupí-guaraní, como demonstramos; a fórmula gráfica atual — **Uruguai** — conserva-se, na toponímia americana austral, como testemunho dos longos e pacientes esforços da inteligência do civilizador cristão, dando-nos conhecimentos mais exatos da voz do “homem americano”, afirmando as relações de exterioridades do mundo objetivo e a nobre harmonia de atitudes sociais para a grandesa da América, na obediência aos Evangelhos.

J. TUPÍ CALDAS
Praça Garibaldi, 68
Porto Alegre

Sobre os casais do Rio Grande

(C Ó P I A)

D. João por Graça de Deos, Rey de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'alem Mar, em Africa senhor de Guine. Faço saber a vos Capitão General, e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, que em consultado Meu conselho Ultramarino de 8 de Agosto do anno passado sobre a Representação dos Moradores das Ilhas dos Açores em que lhe pedião mandasse tirar dellas o numero de Casaes, que Me parecesse, para serem transportados a America. Houve por bem resolver se mandasse transportar até 4\$000 casaes para as partes do Brazil, e fosse mais preciso, e conveniente povoarem-se logo; e que tambem podessem ir casaes de estrangeiros que não fossem subditos à Soberanos que tenham Dominio na America a que possam passar, comtanto que sejam Catholicos Romanos; e que sendo Artifices se lhes podesse dar á chegada do Brazil huma ajuda de custo conforme a sua pericia, que não excedesse 7\$200 reis a cada hum conforme outras Providencias insertas no Edital de que com esta se vos remettem dois exemplares. E representando-Me depois o mesmo Conselho lhe que seria conveniente extender-se a mesma Graça as Ilhas da Madeira assim Houve por bem aprovalo; em virtude destas Resoluções se Ordenou ao Capitão General, e Governador da Ilha da Madeira, e aos Ministros de Justiça, e Fazenda daquella Ilha: e das dos Açores fizessem fixar pelas habitações dellas odito Edital, e alistassem toda agente que se offerecesse para se transportar a Ilha de Santa Catha-

rina por onde pareceu conveniente começar a introdução dos Casaes para estabelecerem, assim nella como na terra firme de seu contorno. E por quanto das Ilhas dos Açores se receberão já noticias de achar-se grande numero de gente prompta para este transporte, se julga a proposito não deixar passar esse verão, sem cuidar com todo o calor na execução delle. Pelo que mandando-se por Editaes para se tomar por assento o dito transporte com as condições do contracto annexo firmando-se juntamente o Regimento de que tão bem se vos remette Copia, para se observar a boa ordem precisa nos Navios, que levarem os Casaes, se arrematou o Assento a Feliciano Velho Oldemberg pelos preços, que no mesmo Contracto vereis. Dadas estas providencias para acondição da gente pareceo ordenar-vos por esta Provisão o mais que convem despor para o estabelecimento dos casaes, os sitios que se lhe distribuirem, e destinarem, e para execução das condições, que se lhes offerecerão no referido Edital, a cujo effeito Houve por bem em Consulta do dito Conselho de 26 de Junho desse presente anno, determinar o seguinte:

Que executareis no que vos tocar, e participareis ao Brigadeiro Jose da Silva Paes para que lhe de cumprimento na parte que lhe pertence, e em ausencia delle o executará o Official, que estiver governando a Ilha de Santa Catharina. Ordenareis que seponhão promptas naquella Ilha, e mais partes de sua visinhança a onde vos parecer necessario as Farinhas para a ração que Mando dar no primeiro anno a gente, que se transportar, a este provimento como tão bem os mais podereis mandar fazer por Assento, quando vos pareça mais conveniente. Nos Portos daquelle contorno se fará todos os mezes, ou no tempo, que parecer mais opportuno pescaria para por prompto o peixe fresco, e seco para as mesmas rações nos dias de jejum.

A cada pessoa de 14 annos para cima se darão tres quartos de Farinha por mez da medida de terra, e hum arratel, de peixe, ou carne por dia: as pessoas de 14 a 7 annos completos, a metade desta ração, e as de 7 até 3 annos completos a terça parte e aos menores de tres annos nada. Deveis fazer

remetter para a dita Ilha o dinheiro necessario para se satisfazerem as ajudas de custo promettidas no dito Edital, e as mais que Eu ordenar se dem a alguns colonos de mais merecimento, e as que se deverem dar aos Artifices conforme a sua pericia como asima fica apontado. O Dito Brigadeiro porá todo o cuidado em que estes novos colonos sejam bem tratados, e agazalhados, assim que lhes chegar esta Ordem procurareis escolher assim na mesma Ilha como nas suas adjacentes desde o Rio de S. Francisco do Sul até o Serro de S. Miguel, e no Certão correspondente a este Distrito (com attenção porem a que se não de justa razão de queixa aos Hespanhoes confinantes) os sitios mais proprios para fundar em cada hum dos quaes se estabelecerão pouco mais, ou menos 60 casaes dos que forem chegando, e no contorno de cada lugar nas serras, que ainda não estiverem dadas de sesmaria assinalará hum quarto de Legoa em quadro a cada hum dos cabeças de casal do mesmo lugar na forma declarada no dito Edital. Para o assento, e Logradouro de cada lugar publico destinará meia legoa em quadro, e as de marcaçoens destas porçoens de terras se farão por onde melhor o mostrar, e permittir a comodidade do terreno não importando que fique em quadros com tanto que a quantidade da terra seja a que fica dita. No sitio destinado para o Lugar assinalará hum quadro para Praça de 500 palmos, de face e emhum dos lados se porá a Igreja, a rua, ou ruas que se demarcarão ao cordel com largura ao menos de 40 palmos, e por ellas, e nos lados da Praça se porão as moradas em boa ordem: deixando entre humas, e outras, e para traz lugar sufficiente, e repartido para quintaes, attendendo assim ao commodo presente, como poderão ampliar-se as casas para o futuro. Destes lugares com os seus ranchos, e casas de taipa cobertos de palha, mandará logo o dito Brigadeiro por prompto dois outros para nelles se accomodarem os primeiros casaes que forem chegando, e para que se achem logo reparados das injurias do tempo, emquanto com propria industria se não provem de melhor commodo: e para segurança destes ranchos se remettem entre

as mais ferramentas, duas fechaduras para as portas de cada hum. Estabelecidos os primeiros casaes nos seus lugares, ordenará o dito Brigadeiro, que nos dias que lhe parecer, determinar-lhes com menos prejuizo das suas proprias occurrencias vão armar choupanas e taipas nos lugares, que lhes ficarem mais visinhos para se accomodarem os casaes, que depois delles chegarem; os quaes successivamente irão preparando os commodos para os que se reseguirem, de sorte que os moradores de cada lugar sejam obrigados a armar para os do outro lugar visinho o mesmo commodo, que a elles se lhes preparou. A cada hum dos lugares depois depovoados fará o dito Brigadeiro transportar todos os oito dias a farinha, e peixe a proporção da gente, que tiverem; e a mesma proporção fará passar a elles as cabeças de gado necessarias para o seu sustento, e com este provimento fará acudir sem falta a todos os ditos colonos durante o primeiro anno de seu estabelecimento. A cada hum dos casaes mandará dar logo que estiverem situados duas vacas, e huma egua, que se tirarão das minhas Estancias e a cada lugar em commum quatro touros, e dois cavallos. Tambem mandará dar a cada casal no tempo opportuno para fazerem as suas sementeiras dois alqueires de sementes, conduzidas aos mesmos lugares para nelles se repartirem. Em cada hum dos Navios que fizerem a condução da gente se ha de remetter deste Reino provimento de espingardas, e ferramenta proporcionada aos casaes de sua lotação, as quaes o dito Brigadeiro lhes fara distribuir, tanto que estiverem assentados, a cada huma espingarda, huma foice roçadoura, e as mais ferramentas conforme lhe forão promettidas no dito Edital, e procurarão que as conservem sem as venderem, especialmente as espingardas. Em cada lugar dos sobre ditos fareis logo levantar huma companhia de Ordenanças, nomeando lhe officiaes, no caso q. não vão de cá nomeados alguns e dareis as Ordens para a sua disciplina na mes. forma, que se pratica nas outras terras de vosso Governo. O mesmo Brigadeiro fará que em cada hum dos ditos lugares se constitua logo Juiz, na forma de Ordenação e ambos Me informareis com vosso parecer,

se em razão de distancia da Ouvedoria de Pernagoá será conveniente que em alguma das Povoações do dito Districto se ponha Ouvidor separado á administração de justiça. E por quanto o primeiro cuidado que deve ser-lhe he que todos os ditos colonos sejam assistidos de parte espiritual, e sacramentos, em cada hum dos ditos lugares fará logo o dito Brigadeiro levantar huma Igreja da Structura que baste para este primeiro estabelecimento, e para o seu fornecimento, e exercicio do culto Divino, se remette em cada Navio o preciso, calculando para 60 casaes o que toca a huma Igreja. Ao Bispo de São Paulo, aquem presentemente toca aquelle territorio Mando a este respeito avisar pela Mesa Consciencia, que se hade constituir em cada Igreja destas hum Vigario, ao qual no primeiro anno se dará o sustento, e mais commodos como aos outros colonos, e terá 60\$000 de congrua, e a Igreja se darão 10\$000 por anno para a Fabrica, e guisamento, huma e outra quantia paga pela repartição dos Dizimos daquelle Districto. Epara que não succeda no principio, como he facil, experimentar-se falta de Sacerdotes para estas Vigarias: Mando pela dita Mesa avisar aos Bispos do Funchal e de Angra que convidem a alguns clrigos daquellas Ilhas para irem em companhia dos mesmos casaes, como tudo entenderéis pelas copias, que com este se vos remettem, do que se avisa aos ditos Bispos. A esses Sacerdotes se darão á sua chegada 10\$000 de ajuda de custo á cada hum, e terá o dito Brigadeiro particular cuidado que se não apartem das Igrejas em que forem postos, para outras terras do Brazil, nos termos expressados ao Bispo de S. Paulo, e quando a isto faltem, escreva ao Cardeisano (?) a cuja Diocese houverem passado, para que os obrigue por todos os meios, a demonstraçoens convenientes a tornarem para a suas Igrejas. A cada hum dos Vigarios ditos se darão tãobem numa porção de huns quartos de legoa em quadro para Panaes de suas Igrejas; e todas as despezas, que occorrerem na execução do que fica dito, fareis acudir dessa Provedoria no Rio de Janeiro, na forma que ficareiz entendendo pela copia, que se vos remette do que Manda escrever ao

Provedor da Fazenda. Ao Provincial da Companhia de Jesus Mandeí escrever a carta, que vai inclusa para que envie aquellas terras dois Missionarios conforme ficareis instruido pela copia annexa. Informareis com vosso parecer quantos casaes será conveniente passem á Ilha de Santa Catharina, e para quaes outras partes convirá repartir o numero dos 4\$000, que Tenho ordenado se condução, individuando as conveniencias, que nas mesmas partes se acharão para o transporte, sustento, e commodo aos novos colonos.

Quando em alguma das ditas disposições se vos offereça ou ao dito Brigadeiro inconveniente não previsto, a entendaes que por outro modo se póde melhor conseguir o intento, Deixei ao vosso arbitrio, e prudencia, e a dito Brigadeiro no que lhe toca, tomareis o expediente que parecer melhor, dando-me parte assim do que se innovar, como da execução que se der ao que nesta se contem. E por quanto he conveniente que se fique conhecendo distinctamente a utilidade, que a Minha Fazenda receber no transporte destes casaes a proporção da despeza, que com elles fizer: Hei por bem ordenar que na Alfandega do Rio de Janeiro, o que tão bem Mando executar na de Santos, haja hum livro separado Registro, em que se assentem todas as fazendas que destes Portos se exportarem para os de costa do Sul do Rio de S. Francisco para diante até o de S. Pedro inclusive, e que estas Fazendas vão com guias dos Juizes, ou Provedores das Alfandegas do Rio de Janeiro ou Santos, sem a qual guia se lhes não permite a descarga nos ditos Portos do Sul, e que os mesmos Juizes, ou Provedores Me dem annualmente conta por este Conselho do que importarão annualmente na sua introdução deste Reino, e Ilhas, os direitos das fazendas assim transportados: o que fareis pontualmente observar pelo que toca a Alfandega desta Cidade. E outro sim que acabado o contracto actual da comarca de S. Paulo, em que presente se inclue e os Dizimos daquelle Districto do Sul, se faça ramo a parte delle, de que pertencerá o rendimento a essa Provedoria do Rio de Janeiro, da qual se pagarão as congruas, Igrejas, Missionarios no dito Districto. Confio da intelligencia, e acerto,

com que costumaes obrar, e douto, actividade, comque cumpris as vossas obrigaçoens, poreis particular cuidado em regular este importante negocio como pede autilidade do Meu serviço, e a dessa Conquista. El Rey Nosso Senhor, o Mandou pelos Desembargadores Alexandre Metelo de Souza e Menezes, e Thome Gomes Moreira, Conselheiro do seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. Pedro José Correa a fez em Lisboa aos 9 de Agosto de 1747.

Rafael Pires Pardinho.

Nota da Redação: A presente cópia nos foi gentilmente enviada pelo nosso confrade dr. Castilhos Goycochea, com a seguinte

NOTA: “Este documento (original) pertence ao Arquivo dos descendentes do 1.º Visconde da Cachoeira — Luiz José de Carvalho e Mello —, Ministro dos Estrangeiros no 3.º Gabinete de 1823, Conselheiro de Estado, um dos signatários da Constituição do Império, tendo sido Desembargador da Relação do Rio de Janeiro, Deputado e Senador pela Baía, e antes, Chefe de Polícia do Reino. Esta cópia foi feita pela Exm.^a Senhora Dona Evangelina Alves de Britto e Cunha, espôsa do Dr. Henrique de Britto e Cunha, bisneto do Visconde da Cachoeira e filha do Ministro João Luiz Alves.

Rio de Janeiro, 18 de janeiro, 1940.

Luiz Felipe de Castilhos Goycochéa”.

Profundamente penhorados agradecemos a gentileza da Exm.^a Dona Evangelina Alves de Britto e Cunha e de nosso ilustre confrade a cópia e remessa do precioso documento acima.

Comunicação aos nossos confrades e colaboradores

Exigindo a Lei de Imprensa do país um redator responsável para cada publicação periódica, e estando nossos estatutos, nesse ponto, em desacôrdo com a referida Lei, pois cada triênio deveria ser eleita nova comissão de redação da Revista, ficou resolvido em sessão de 8 de maio a. c. eleger-se um Redator Responsável que ficasse, como tal, e de acôrdo com a Lei de Imprensa, registado no Departamento de Imprensa e Propaganda, substituindo não só a comissão, como, os atuais Diretor e Redator, registados, no Rio, graças à operosidade de nossos eminentes consocios coronel E. F. de Souza Docca e Dr. Castilhos Goycochea.

Tendo sido eleito, naquela sessão, por unanimidade, nosso ilustre confrade Dr. DANTE DE LAYTANO, o abaixo assinado, em nome da extinta Comissão de Redação, e atual direção, agradece a todos os nossos confrades e colaboradores a honra que lhe dispensaram e encerrando, com êste número da Revista suas atividades nesse ramo, ficará, apenas, com o encargo dos Estatutos.

E apresentando a todos os nossos ilustres e prezados amigos o espírito culto e trabalhador do Dr. DANTE DE LAYTANO, esperamos que todos a êle dispensem o mesmo apôio que nos foi dispensado, pois certos estamos que nova vida dará o distinto confrade a esta nossa querida e tão apreciada Revista.

Comunicamos, outrossim, que a correspondência para a Revista deverá ser assim dirigida:

Colaborações: Dr. DANTE DE LAYTANO — Museu do Estado, Rua Duque de Caxias, 1231 — PÔRTO ALEGRE.

Reclamações e assinaturas: Prof. WALTER SPALDING, Secretário — Rua Duque de Caxias, 1231 — PÔRTO ALEGRE.

Remessa de numerário: Prof. A. G. LIMA (ou Prof. Walter Spalding) — Rua Duque de Caxias, 1231 — P. ALEGRE.

Pedimos, encarecidamente, a observância dessa disposição afim de se evitarem estravios e contratempos.

**Pela Comissão de Redação
Prof. WALTER SPALDING**

Nótulas Bibliográficas

Esta secção está a cargo do sr. Bibliotecário e nela só se fará menção das obras enviadas à Biblioteca do Instituto.

ANTECEDENTES RELATIVOS AL HUNDIMIENTO DEL ACORAZADO "ADMIRAL GRAF SPEE" Y A LA INTERNACIÓN DEL BARCO MERCANTE "TACOMA" — Publicação do Ministerio de Relaciones Exteriores de la Rep. Oriental del Uruguay, — Ministro Secretário de Estado Dr. Alberto Guani — Montevideo, 1940.

Eis preciosos documentos que o sr. dr. Alberto Guani, Ministro das Relações Exteriores da vizinha Rep. do Uruguai, manda publicar, a bem da verdade, sobre o caso do cruzador alemão *Graf Spee*, afundado pela tripulação no Rio da Prata.

Contém essa obra as notícias oficiais sobre o combate nas águas territoriais uruguaias e a correspondência trocada entre o Embaixador da Alemanha, o sr. dr. Alberto Guani e do comandante do *Graf Spee*. Através dessa correspondência nota-se o espírito profundamente justiceiro e imparcial do Governo Uruguai. São ao todo, 51 documentos.

W. Sp.

MARTIN FIERRO, SU AUTOR I SU ANOTADOR, — Dichos — Refranes — Voces, — 1.º por Vicente Rossi. — Rio de la Plata, 1939.

Inquestionavelmente o sr. Vicente Rossi é um benemérito no estudo do linguajar uruguai.

São já em número de 24 os seus "Folletos Lenguaraces", dedicados, todos, ao estudo do linguajar regional. Com este interessante folheto inicia o sr. Rossi o estudo da obra famosa de Hernández, o autor e o anotador. Já em 7 folhetos anteriores defendeu o sr. Rossi o linguajar

de **Martin Fierro** e, agora, continuando, sob outro aspecto, o estudo, fará, por certo o mais completo e perfeito trabalho sobre o famoso poema.

W. Sp.

CALENDÁRIO CÍVICO BRASILEIRO — 1940
— Ano I — por um Inspetor Federal do Ensino
Secundario (**Manuel do Carmo**).

Eis um trabalho digno de nota e da atenção do magistério.

Contém êsse "Caderno" a história do Brasil contada à mocidade unicamente pela relação nominal de seus vultos mais eminentes, divididos por épocas e períodos. E' um trabalho originalíssimo e útil êsse Calendário: Cada mês é consagrado a um dos vultos de maior projeção e as semanas aos diversos ciclos. Assim, Janeiro é o mês do descobrimento consagrado a Cabral, a primeira semana aos cosmógrafos e reis da época, a segunda à descoberta da América, a terceira ao Caminho das Índias, a quarta às viagens e o início da quinta (que vae terminar em fevereiro) ao Brasil. E assim por diante.

Além disso, traz o interessante caderno páginas para anotações dos alunos e um calendário religioso. E', como já dissemos, trabalho útil digno da consideração dos srs. professores.

W. Sp.

AS INVASÕES BANDEIRANTES NO RIO
GRANDE DO SUL (1635-1641) — 2.^a edição cor-
rigida e aumentada — pelo **P. Luiz Gonzaga Jae-
ger, S. J.** — Pôrto Alegre, 1940.

Precioso para o estudo das bandeiras no Rio Grande do Sul é o trabalho do rev. p. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., agora publicado em edição corrigida e aumentada, do Relatório do Ginásio Anchieta — As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul — 1635-1641.

Nesse seu magnifico estudo o rev. p. Jaeger não nega — procura provar — a estadia no atual território do Rio Grande do Sul da famosa "bandeira de Aracambi" e levanta a questão da estadia no mesmo território de outra bandeira, de 1609 ou 1607, apoiando-se em Aurélio Pôrto e nas cartas Anuas.

Não duvidamos de que esta bandeira chefiada por Belchior Dias Carneiro tenha estado no atual território sul-riograndense, não só pela duração que teve — 2 anos — como pela documentação espanhola.

Mas é preciso notar-se a fácil confusão que se pode fazer — e muitos têm feito, — com a expressão — Rio Grande.

Notaremos de passagem que Rio Grande não era somente o nome da atual Lagoa dos Patos. A nordeste de S. Paulo havia, também, um rio

— Rio Grande — e esse Rio Grande foi causa de haver o saudoso e metuculoso p. J. B. Hafkemeyer, S. J., considerado nosso atual Santo Antônio da Patrulha como tendo sido fundado por paulistas bandeirantes em 1725, (Rev. do Inst. Hist. e Geog. do R. G. S. II trim. 1929) quando, na verdade só aparece em 1795 nos registos eclesiásticos. E' que, no Rio Grande (do Norte) havia outro Santo Antônio criado capela naquele ano, e que Pizarro não viu...

Também S. Leopoldo (Anais da Prov. de S. Pedro) confunde os Campos da Vacaria do Rio Grande com os dos Campos Gerais de Mato Grosso (P. Geraldo Pauwels) — Rev. Inst. Hist. e Geog. do R. G. S. — III Trim. — 1926).

Com essa grande quantidade de nomes iguais (Rio Grande-Ticuarí-Tibicuarí etc.) qualquer descuido transportará de um para outro ponto, às vezes oposto, uma localidade, fato ou posição.

Quanto aos bandeirantes, é preciso ter sempre em mente que havia **Rio Grande** em S. Paulo (o vale dêsse Rio Grande foi estudado por Orville Derby), como também havia rio Ticuarí ou Tibicuarí, como no território do atual Rio Grande do Sul.

Apóia-se, por outro lado, o rev. p. Jaeger, num mapa de 1609 (?) em que figura a expressão **Tierra dos Patos** a oeste da Lagoa dos Patos. A data dêsse mapa é duvidosa e não podemos considerá-lo a-pesar-do que afirma nosso ilustre confrade e amigo porque tem grande semelhança ao do frei Gio. Giuseppe, de fins do sec. XVII, e queremos crer que um foi cópia do outro. E não só isso: Se os Jesuítas já possuíam um mapa de 1609 com perfeita (ou quase perfeita) localização das lagoas e com a **Terra dos Patos** caracterizada, por que, para seus mapas do sec. XVIII, aproveitaram, para base, mapas mais imperfeitos em que nem sequer figurava a Lagoa dos Patos e, menos ainda, a Mirim, ou, como no do p. Francisco Retz de 1732 em que, não figura a Lagoa Mirim e a dos Patos figura ao N. do **Rio Grande**, confundida, talvez, com a lagoa Tramandaí, ou outra?

A falta das reduções será prova suficiente para datar um mapa mesmo sendo jesuítico?

E a carta de Diego de Torres, de 1609, assim o cremos, não serve de prova para identificar a data do mapa, a-pesar-de ser essa Carta ânua quase perfeita descrição do tal mapa.

Nós, a-pesar-disso e das mais provas que nos fornece o ilustre p. Jaeger, nosso querido amigo, continuamos afirmando que a bandeira de 1635 não esteve no Rio Grande do Sul, e, sim, em Santa Catarina.

Em todo caso, o que nos oferece o rev. p. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. é trabalho notável e vem trazer muita cousa nova para o estudo geral das bandeiras no extremo sul brasílico. Congratulamo-nos com esse pequeno e precioso monumento que nos ofereceu o rev. p. Jaeger.

W. Sp.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. — Ano VI — 1938 — Rio de Janeiro, 1939.

A estatística é essencial na vida dos povos. Daí a necessidade absoluta desses estudos e a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cuja atividade tem sido grande em seus diversos setores.

Esse Instituto acaba de editar um grosso volume — Anuário Estatístico do Distrito Federal —, cuja oportunidade e cujo valor é desnecessário encarecer. Agradecendo o exemplar, desejamos, apenas, ver todos os Estados da União com Anuários semelhantes.

W. Sp.

PUBLICAÇÕES DA "THE LIBRARY OF CONGRESS — de Washington.

Acompanhado de amável carta recebemos, e aqui agradecemos a gentileza, — um exemplar de *The Hispanic Foundation in The Library of Congress*, centenário de imprensa na América, *Magna carta* e outros folhetos de real interesse para o estudo das questões americanas.

A Biblioteca do Congresso de Washington, com essas publicações está fazendo obra de grande mérito e as nações Americanas ficar-lhe-ão devendo tão alevantado gesto, verdadeiro padrão de panamericanismo.

E já que a Biblioteca do Congresso faz tão nobre trabalho, por que não inclui nessas suas publicações uma série de volumes reproduzindo os velhos mapas e plantas que possui, alguns ainda inéditos e, quase todos, raríssimos?

Para o estudo da geografia antiga das Américas valiosíssima, inestimável seria essa contribuição da nobre instituição norte-americana.

Aliás já publicou, a Biblioteca do Congresso, volumes com comentários a esses mapas e plantas. Seria, porém, de utilidade maior reproduzir os próprios mapas aproveitando os comentários já feitos, distribuídos em volumes, consagrado, cada um, a um país. E, com isso, mais aumentaria a benemerência da *The Library of Congress*.

W. Sp.

OITAVO CONGRESSO CIENTÍFICO AMERICANO — Washington — Maio, 1940.

Infelizmente tarde demais recebemos a comunicação da realização desse Congresso ao qual, aliás, a-pesar-da notícia e convite nos ter chegado às mãos em fins de abril, aderiu o Instituto Histórico!

Esse Congresso, que teve lugar de 10 a 18 de maio a. c. deveria ter sido notável. A publicação a respeito do que seria o 8.º Congresso é

sumamente expressiva e por ela se poderá ter uma idéia do que deveria ser e certamente foi êsse grande Congresso.

Agradecendo mais uma vez a gentileza, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul felicita a grande nação amiga e a União Panamericana pela expressiva efeméride.

W. Sp.

UMA INTERPRETACIÓN DE LAS DIVISORIAS DE ALEJANDRO VI Y DE TORDESILLAS

— por José Aguiar — Montevideo, 1940.

E', esta, mais uma publicação do Instituto de Investigaciones Geograficas da Universidad de la Republica, escrita pelo eminente historiador Contra-almirante José Aguiar.

O presente trabalho do sr. Contra-almirante Aguiar, apresentado ao II Congresso Internacional de História de América em 1937, foi publicado êste ano pela **Revista Militar y Naval**, ns. 233 y 234.

O ilustre historiador oriental já por mais de uma vez, em estudos vários, tratou do assunto a que ora consagra uma vintena de páginas eruditas em defesa de seu ponto de vista na interpretação da famosa linha de Alexandre VI e do não menos famoso tratado de Tordesillas.

E' trabalho digno de acurada leitura pela erudição e profundeza com que foi tratado.

W. Sp.

ASAMBLEAS CONSTITUYENTES ARGENTINAS seguidas de los textos Constitucionales, Legislativos y pactos interprovinciales que organizaran politicamente la Nación — coordinación y notas de Emilio Ravignani. — Tomo VI — Segunda parte — Buenos Aires, 1939.

Compõe êste tomo VI — 2.^a parte — da grande obra anotada e coordenada pelo insigne professor dr. Emilio Ravignani, os pactos, constituições e leis fundamentais da nação Argentina.

As 1240 páginas dêste volume profusamente ilustrado com fac-símiles diversos, são, a-pesar-do assunto, interessantes em especial para os estudiosos de temas constitucionais, graças às preciosas notas do sr. prof. Ravignani.

W. Sp.

REVISTA MILITAR Y NAVAL

Ns. 233 y 234 — Enero e Febrero de 1940. — Montevideo.

Acompanhada de honrosa carta recebemos, pela primeira vez, a visita da magnífica **Revista Militar y Naval** da vizinha República Oriental do Uruguai.

Neste número que temos à mão inicia o sr. Contra-almirante José Aguiar a tradução anotada e comentada do magistral trabalho de nosso confrade, sr. coronel Souza Docca, para o qual chamamos a atenção de nossos consócios.

Muito gratos à nimia gentileza, aqui deixamos registado o prazer dessa visita honrosa, que esperamos continuará.

PASSO FUNDO FÍSICO EM 1934 e PASSO FUNDO ECONÓMICO EM 1934

Por Francisco Antonio Xavier e Oliveira —
Passo Fundo, 1939.

Nosso ilustre confrade e membro Correspondente, sr. Francisco Antonio Xavier e Oliveira, publicando essas duas interessantes, embora antigas, — monografias sobre Passo Fundo, presta relevantes serviços à história de nosso Estado, pois nada melhor para o aperfeiçoamento e a verdade histórica do que monografias municipais. E' através delas que, também, melhor se poderá fazer completo estudo geográfico do Estado.

Esses dois trabalhos do sr. Xavier e Oliveira são excelentes e sobejamente confirmam os méritos do nosso ilustre membro correspondente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIM MUNICIPAL — Ano I — Número 3 — Vol. 2.º — 4.º trim. 1939 e Ano II — núm. 4 — vol. 3.º — janeiro e abril, 1940 — Diretoria Geral do Expediente e do Pessoal — Prefeitura Municipal — Pôrto Alegre.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS — Ano VI — Vol. VI — ns. 1 e 2 — 1937 e 1938 — Manaos, 1938.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ — Boletim ns. 1 a 6 — (2.ª fase) — janeiro a novembro de 1939 — Curitiba.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAIÁ — n.º 65 — Cidade do Salvador, 1939.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Ano VI — ns. LXII e LXIII — Prefeitura Municipal de S. Paulo, 1939-1940 e índice dos ns. X 1 IX a L X. — S. Paulo, 1940.

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO — n.º 62 — Ano VI — Outubro, 1939.

CARTAS DE DATAS DE TERRAS — (1861 a 1863) — Vol. XX — Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo, 1940.

INDICADOR ALFABÉTICO DOS ATOS OFICIAIS GERAIS — referentes ao Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, 1939.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Ano IV — n.º 19 — Março de 1940 — Rio de Janeiro.

ANAIS DE 1939 — Faculdade de Ciências Políticas e Económicas de Pôrto Alegre.

U. F. M. — Órgão da União dos Funcionários Municipais — Ano 1.º — ns. 11 e 12 — Santa Maria, fevereiro e março de 1940.

ESTATUTOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO — Vol. da Pátria, 506 — S. Paulo, 1940

CADASTRO SOCIAL DO INST. HISTÓRICO BRASILEIRO — Rio de Janeiro, 1940.

GEOGRAPHICAL REVIEW — Published by The American Geographical Society of New York — April 1940 — TABLE AND INDEX — Vol. XXIX — 1939.

BOLETIM DEL INSTITUTO DE CULTURA LATINO AMERICANA DE LA FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS — Año III — n.º 19 — enero e febrero, 1940 — Buenos Aires.

BOLETIM DE LA SOCIEDAD GEOGRAFICA DE COLOMBIA — Vol. VI — ns. 2 y 3 — junio-diciembre, 1939 — Bogotá.

BOLETIM DE HISTORIA Y ANTIQUEDADES — Vol. XXVI — ns. 301-302 — novembro e dezembro de 1939 — e vol. XXVII — ns. 303-304 — janeiro e fevereiro de 1940 — Academia Colombiana de Historia — Bogotá.

BOLETIM DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACION — Año 2 — Vol. 2 — n.º 8 — Ciudad Trujillo, 1939.

AUTHOR ENTRY FOR GOVERNMENT PUBLICATIONS — by James B. Childs — Library of Congress — Washington, D. C. 1939.

PUBLICATIONS ON LATIN AMERICAN HISTORY IN 1938 — separata do interessante e útil *Handbook of Latin American Studies* — Cambridge — Massachusetts, 1939.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — Ano II — n.º 1 — janeiro de 1940 — Rio de Janeiro.

NATURAL HISTORY — April 1940 — Vol. XLV — n.º 4 — The American Museum of Natural History — New-York.

BOLETIM DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO — Tomo V — n.º 2 — Enero de 1940 — Guatemala.

AEVUM — Anno XIV — Fasc. I — Gennaio-Marzo 1940 — Milano.

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede — PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA :

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva
Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza
Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa
Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte.
2.º Secretário: Prof. Walter Spalding
Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Tesoureiro: Prof. Afonso Guerreiro Lima
Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamento:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. Gaston Hasslocher Mazon
Prof. Jorge Bahlis
Dr. João C. Maia

História:

Cap. D de Paranhos Antunes
Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
Dr. Mário Teixeira de Carvalho
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:

Prof. A. G. Lima
Dr. Darcí Azambuja
Prof. Otelo Rosa
Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia

Prof. Angelo Guido
Dr. Armando Dias de Azevedo
Prof. J. L. Tupí Caldas
Prof. Jorge Bahlis

Folclore e línguas indígenas:

Prof. Angelo Guido
Dr. Dante de Laytano
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:

Dr. Armando Dias de Azevedo
Dr. Eduardo Duarte
Cel. Gaston Hassolcher Mazon
Cel. Luiz Carlos de Moraes

Estatutos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. E. F. de Souza Doca
Dr. Eduardo Duarte
Prof. Walter Spalding

Condições de assinatura da Revista:

Por ano 20\$000
Por fascículo trimestral 6\$000

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na Secretaria

Para assuntos da Revista, dirigir-se; Colaborações: Dr. Dante de Laytano — Reclamações e assinaturas: Prof. Walter Spalding — Remessa de numerário: Prof. A. G. Lima ou Prof. Walter Spalding — Endereço: Rua Duque de Caxias, 1231 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

De acôrdo com os Estatutos, tanto o Instituto como a Comissão de Redação da Revista não são responsáveis pelas opiniões dos colaboradores em artigos e estudos assinados.

ÍNDICE

I TRIMESTRE:

	Pgs.
Paleontologia do Rio Grande do Sul, por C. de Paula Couto	3
Plácido de Castro — o derradeiro bandeirante —, por Castilhos Goycochêa	89
Homenagem ao Marechal Visconde de Pelotas, por Coelho dos Reis e Rinaldo Pereira da Camara	127
Geografia histórica — toponímia do Brasil-Sul, por J. Tupi Caldas	143
Nótulas Bibliográficas	151

II TRIMESTRE:

Visconde de Mauá, pelo Dr. Alcindo Sodré	167
Os "farrapos" na poesia popular gaúcha, por Fernando Callage	189
Função Socio-Geográfica do gado Brasileiro, por Aurelio Porto	213
O primeiro assalto à colônia do sacramento, por Amyr Borges Fortes	219
A revolução Riograndense de 1923, por Celso M. Schröder	233
Geografia Histórica — Rio Uruguai —, por J. Tupi Caldas	303
Sobre os casais do Rio Grande (Cópia)	311
Comunicação aos nossos confrades e colaboradores	319
Nótulas Bibliográficas	321